

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE – PPGEDUC

ROBÉRIO PEREIRA BARRETO

TECNOLOGIAS INTELECTUAIS CHAT E WEBLOG: MODUS DE PRODUÇÃO DE LINGUAGEM NA WEB

ROBÉRIO PEREIRA BARRETO

TECNOLOGIAS INTELECTUAIS CHAT E WEBLOG: MODUS DE PRODUÇÃO DE LINGUAGEM NA WEB

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado Bahia (UNEB), vinculado à linha Currículo, Formação Professores e Tecnologias Intelectuais, Departamento de Educação, Campus I, Salvador – BA, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Professora Doutora Tânia Maria Hetkowski

Ficha Catalográfica

372.358

B273t

Barreto, Robério Pereira.

Tecnologias intelectuais c*hat e weblog: modus* de produção de linguagem na *web* / Robério Pereira Barreto.-Salvador, BA, 2010.

163 f.

Orientadora: Professora Doutora Tânia Maria Hetkowski.

Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado Bahia - UNEB, 2010.

1. Educação e tecnologia 2. Linguagem 3. Linguística e tecnologia 4. Ciberespaço e escrita. I. Hetkowski, Tânia Maria. II. Universidade Estadual da Bahia. Departamento de Educação. III. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

ROBÉRIO PEREIRA BARRETO

TECNOLOGIAS INTELECTUAIS CHAT E WEBLOG: MODUS DE PRODUÇÃO DE LINGUAGEM NA WEB

Dissertação aprovada como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado Bahia – UNEB, pela seguinte Banca Examinadora:

Tânia Maria Hetkwoski
Arnaud Soares Lima Junior
Luciane Baretta Doutora em Letras - Universidade do Oeste de Santa Catarina. (UNOESC) - Membro externo
Lícia Maria Freire Beltrão

Salvador, 21 de maio de 2010.

Aos familiares:

À Dona Pretinha – mãe – por reconhecer que a ausência nos almoços de final de semana era em nome dessa causa;

Ao Seu Bila – Pai – por entender que a divisão das conversas com os livros, fazia-se necessária:

À Nida – mana – pelo carinho dispensado toda vez que partia em mais uma noite de viagem para estudar;

À Regina – Mana – cuja preocupação sempre ia além, dando-me palavras de incentivo;

Ao Reginaldo – Mano Lula – por sua capacidade de provocar e fazer nascer em mim à resignação diante dos acontecimentos impostos pela vida;

À Cátia – Mana – que mesmo à distância tinha sempre uma palavra afirmativa a dizer.

AGRADECIMENTOS

Institucionais:

À direção do DCHT – UNEB – Campus XVI – Irecê-BA pela acolhida e pelo respeito à decisão de fazer esse curso na itinerância entre ausências e presenças no processo de consolidação da ação docente;

À direção do CEFAPRO – Pólo – Tangará da Serra – MT pelo reconhecimento da importância deste estudo, pois se reconhece o ato de pesquisar como possibilidade de crescimento intelectual e profissional;

À Universidade do Estado da Bahia – UNEB – por ter disponibilizado o acesso a casa, residência dos docentes, facilitando assim a permanência no curso;

Pessoais:

À Professora Doutora Tânia Maria Hetkowski por ter assumido junto comigo essa causa, fazendo de maneira silente e austera suas pontuações sobre a minha caminhada e produção acadêmica;

Ao Professor Doutor Arnaud Soares Lima Junior pelos incentivos e ponderações contundentes sobre minhas "tímidas" considerações a respeito da minha capacidade cognitiva e intelectual;

À professora Doutora Luciane Baretta por fazer suas ponderações, reconhecendo a pesquisa como atual e necessária;

À professora Doutora Lícia Maria Freire Beltrão pelos esclarecimentos necessários quando da leitura sistemática e da interlocução no percurso de nossa produção;

À Professora Mestra Cenilza Pereira dos Santos pelo carinho dispensado à discussão sempre que nos encontrávamos;

À professora especialista Rosangela Marques Morais pelo empenho dedicado ao processo de Licença para Qualificação Profissional pleiteado à SEDUC/MT, bem como pela interlocução feita nas leituras dos textos postados no *blog*;

Ao professor Hélio Márcio dos Santos pela acolhida no meu retorno às atividades profissionais no CEFAPRO;

Ao colega professor e prefeito – em exercício à época – de Tangará da Serra – MT, José Pereira Filho pela interlocução feita com a Assessoria e Gestão Educacional da SEDUC/MT;

À colega Professora Hilderlândia Penha Machado por ter lido comigo e revisado alguns pontos desse texto que estava além do conceitual, e;

Aos colegas da casa de professores pelas densas e homéricas discussões sobre educação, sociedade e, especialmente sobre a vida.

Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleja...

Pela internet (Gilberto Gil)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDC Centros Digitais e Cidadania

CEFAPRO Centro de Formação e Atualização de Professores

DCHT Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias

FAQ Frequently Asked Questions

IBOPE Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

MCM Meios de Comunicação de Massa

MEC Ministério da Educação

MSN Messenger

PCN Parâmetros Curriculares Nacionais

PROINFO Programa Nacional de Informática na Educação

SEDUC/MT Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso

SEED Secretaria de Educação a Distância

TCP/IP Transmission Control Protocol/ Internet Protocol

TIC Tecnologias de Informação e Comunicação

TI Tecnologias intelectuais

UOESC Universidade do Oeste do Estado de Santa Catarina

UFBA Universidade Federal da Bahia

UNEB Universidade do Estado da Bahia

UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e

a Cultura

UNESP Universidade Estadual de São Paulo

UNISINOS Universidade do Vale do Rio dos Sinos

UTP Universidade Tuiuti do Paraná

WWW World Wide Web

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Esquema de interação verbal	100
Figura 2 -	Espaço de enunciação sócio-discursiva na rede: enunciador	102
Figura 3 -	Espaço de enunciação sócio-discursiva na rede: a enunciação	103

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo a investigação do módus de produção de linguagem no chat e weblog pelos cibernautas do Território de Identidade de Irecê-BA. Destacou-se nesse processo, a maneira como eles manipulam os signos verbais, visuais e sonoros para a conversação em sua linguagem e código próprios. Dessa maneira, reconheceu-se no processo de pesquisa que é fundamental a compreensão, por parte dos professores de língua portuguesa das escolas públicas e privadas, de que o ciberespaço demanda uma nova forma de fazer e ver a produção de linguagem. Visto que, este, por sua vez é uma reorganização do modo de pensar e agir com a escrita e a oralidade no ambiente do chat e weblog, reconhecendo ainda que são tecnologias intelectuais suportadas pela web. Assim sendo, os cibernautas situam-se como sujeitos produtivos e criativos e que ao fazerem seus discursos em rede, trazem à luz da ciência da linguagem e da educação, novos caminhos para o *modus* de produção de linguagem. Com efeito, esse estudo fundamentou-se na perspectiva da Filosofia e Ciência da linguagem e associada às Teorias das tecnologias intelectuais e Análise do Discurso. Nesse contexto a questão do chat e weblog como ferramentas às novas concepções de/para um fazer educacional linguístico demandado pela contemporaneidade, a qual, por seu turno, é perpassada pelo ciberdiscurso em que as subjetividades dos sujeitos no ciberespaço são posta à luz das relações sociais estabelecidas nas cibercomunidades, onde os atores comunicantes atuam na emergência e na velocidade da rede, criando-se assim "códigos e linguagens específicas1" sob a premissa de que este é um ato sócio-relacional por meio do qual os participantes interagem comunicativamente em ambientes rápidos e que exigem linguagens com tais características. Nesse sentido, problematiza-se a validade do código formal enquanto meio instituinte da escola. No contemporâneo o chat e weblog se firmam como tecnologias intelectuais que usam a linguagem na web como prática real de comunicação e interação, por meio da internet e suas ferramentas de construção e publicização de saberes à sociedade contemporânea que se vê instigada a repensar suas relações com a linguagem de tal modo, que o reconhecimento de que no ciberespaço há o desencadear de múltiplas linguagens e códigos sociolinguísticos e especiais responsáveis pela formação linguístico-discursiva contemporânea. Por fim, o chat e weblog constituem-se em espaços de produção de linguagem contemporânea, concentrando em si a força centrífuga da língua(gem). isto é, por meio da força relacional que a internet exerce sobre a ato de linguagem; os internautas atuam social e linguisticamente nesse espaço por meio do uso do código e linguagens especiais no redimensionamento da produção de saberes, tendo como espaço socializante para isso as lan houses do Território de Identidade de Irecê – BA.

Palavras-chave: Tecnologias intelectuais. Educação linguístico-discursiva Ciberdiscurso. *Lan Houses*. Território de Identidade de Irecê.

Entende-se tal termo a partir da ideia de que o *módus* de produção de linguagem no *chat* e *weblog*

demanda uma ação livre por parte dos cibernautas, isto é, são criados expressões, signos e léxicos específicos para esse espaço comunicacional.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the modus of production of language in chat and weblog by surfers of the Territory of Identity of Irecê-BA. It was distinguished in this process, the way they handle the verbal, visual and sound signs for conversation in their own language and code. Thus, it was recognized in the research process that it is essential to be understood by Portuguese teachers of public and private schools, that the cyberspace demands a new way of performing and understanding the language production. Since the cyberspace, in its turn, is a reorganization of thinking and acting with the written and oral language in the chat and weblog environment and also recognizing that these intellectual technologies are supported by the web. Thus, Internet users are themselves productive and creative actors and while performing their speeches in the network, they bring to light the science of language and education, new approaches of the modus of language production. Indeed, this study was based on the perspective of philosophy and science of language as well as associated with theories related to intellectual technologies and Discourse Analysis. In this context the chat and the weblog as tools for new conceptions to/for an educational language performance demanded by contemporary society, which in its turn derives from the cyber-discourse where the subjectivity of individuals in cyberspace are placed in the light of social relations set out in cyber-communities, where the actors act in emergency contacts and network speed, thus creating "specific codes and languages" on the premise that this is a socio-relational act through which the participants interact in faster communicatively environments which require languages with such features. In this sense, it is analyzed the validity of the formal code as a means of instituting school. In contemporary times, the chats and the weblog are recognized as intellectual technologies that use the language on actual practices of communication and interaction through the the website as Internet and its tools for building and publicizing knowledge of the contemporary society which is instigated to rethink its relations with the language so that the recognition that in cyberspace there is a trigger of multiple languages and specific and special sociolinguistic codes responsible for the formation of contemporary linguistic discourse. Finally, the chat and weblog became spaces of contemporary language production, concentrating in themselves the centrifugal force of the language, that is, through the relational force that the Internet has on the speech act, the Internet users act socially and linguistically in this space through the use of a languages resizing the knowledge production, having as a code and special socializing environment the Lan houses of the Territory of Identity of Irecê - BA.

Keywords: intellectual technologies. Education linguistic-discoursive Cyberdiscourse. Lan Houses. Territory Identity Irecê.

SUMÁRIO

	INTRODUÇAO	14
	Descrição do objeto	21
	Descrição metodológica da pesquisa	27
	Percurso da pesquisa	29
	CHAT E WEBLOG: LÓCUS DA TÉCNICA E DA PRODUÇÃO DE LINGUAGEM	30
1.1	Técnica e tecnologia: binômio ideológico-semântico	30
1.2	Ciberespaço: novo horizonte de encantamentos e virtualização	33
1.3	Chat e Weblog: subsistemas de inserção do outro	40
1.4	Territórios de errância, mistura e vida dupla	44
1.5	Weblog: do argumento à gerência de emoções na rede	47
1.6	Weblog: linguagem e individuação da palavra	50
2.1	A DINÂMICA SOCIAL DA LINGUAGEM E AS ENUNCIAÇÕES CIFRADAS Chat e Weblog: comunidades e linguagem cifradas	61 62
2. I 2.2		67
	Web: lugar de formação cultural e linguística do cibernauta	69
2.3 2.4	A desgramaticalização da língua: Chat	
2.4	A língua: patrimônio cultural coletivo	71
	A ESCOLA E O <i>MODU</i> S DE PRODUÇÃO LINGUA(GEM) NA <i>WEB</i> : EMBARAÇO E DELIBERAR	76
3.1	Reflexos e perspectivas dos ciberdiscursos	81
3.2	O boom tecnológico: euforia no uso de tecnologias intelectuais	83
3.3	TIC na mediação da ação linguística do cibernauta	88
3.4	Ação dialógica de lingua(gem): entre a escola e o ciberespaço	93
3.5	Chat e weblog: Da expressão à interação verbal	99
3.6	O patrimônio lingüístico na <i>Web</i>	102
3.7	A tecnologias intelectuais e suas simbologias comunicativas	105

	APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS DADOS	108
4.1	Dialogando com princípios metodológicos	108
4.2	A busca por lan-houses	111
4.3	Cibercensura: prática ideológica	112
4.4	O uso da linguagem no chat: uma construção de livre	113
4.5	Da escrita arcaica ao emoticons	114
4.6	Emoticons usados pelos cibernautas do Território de Identidade de Irecê – BA	122
4.7	Chat: locus de pertença e liberdade	125
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
	Escrita no <i>chat</i> e <i>weblog</i> : tecnologia intelectual	132
	Ciberfobia virtual: entreve no ensino e aprendizagem de linguagem	135
	Self e sentimentos no ciberdiscurso	137
	Chat e weblog: o novo mundo de signos	138
	Weblog como sítio de produção de linguagem escrita	139
	Weblog: a nova integração sócio-digital	142
	REFERÊNCIAS	145

INTRODUÇÃO

A presença das tecnologias digitais no cotidiano tornou-se uma realidade e faz com que todos se sintam participando da cibercultura². Com isso, novas perspectivas surgiram com as possibilidades de estas tecnologias promoverem significativas mudanças na forma de adquirir e socializar conhecimentos por meio da introdução de novos gêneros e práticas discursivas e, assim estabelecendo um novo *módus* de produção de linguagem, cabendo assim, problematizar e rediscutir as relações possíveis entre a oralidade e a escrita no que se refere à comunicação e a interação entre sujeitos discursivos na *web*.

Esta pesquisa partiu do princípio de que as tecnologias intelectuais³ – *chat* e *weblog* – são potencializadoras na formação comunicativa dos atores sociais e educacionais, sobremodo, cibernautas⁴ que fazem parte da geração tecnológica e midiática que está em contato com novas linguagens⁵ advindas do universo virtual das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

Nesse sentido, parte-se da premissa de que é a partir do instante em que os professores e demais profissionais da educação tiverem acesso e reconhecerem o papel das tecnologias intelectuais em sua práxis – atuação em sala de aula –,

_

² À maneira de Lévy (1999) emprega-se e entende-se a cibercultura como uma nova maneira de compreender as relações tecnológicas que se estabelecem na sociedade. Ela é um espaço de comunicação, uma migração do mundo real para o imaginário, possibilitando aos indivíduos uma gama infinita de criação e recriação do seu próprio espaço social. Através dela se vincula uma visão de mundo interrelacionada com a realidade atual e com o fenômeno da comunicação digital. É um meio de entretenimento, debates, trocas de informações, crescimento humano e intelectual, uma vez que não delimita o saber e tão pouco as formas como esse saber pode ser explorado. A cibercultura transforma a relação da pessoa com a tecnologia, através de meios que facilitam a vida cotidiana e economizam o tempo, como por exemplo, para os pagamentos de contas, as diversas relações comerciais que se estabelecem, trocam de informações, relações interpessoais etc. Na verdade, a cibercultura é uma interação social com a digital. As tribos que a partir dela se formam, vão definindo o perfil da geração atual e as tendências que acompanham o desenvolvimento da humanidade, seja no âmbito político, econômico ou cultural.

³ Lévy (1999) compreende que a produção no ciberespaço é suportada pelas tecnologias intelectuais. Assim sendo, toma-se o *chat* e *weblog* como *módus* de produção de linguagem na *web*.

⁴ Emprega-se tal termo aos usuários da internet e do ciberespaço, os quais articulam suas práticas e relações sociais por meio da articulação dos saberes sociais permitidos pela *web*.

⁵ Parte-se do princípio de que a prática realizada nesse espaço é constituída por elementos simbólicos que permitem associações semióticas em que as trocas simbólicas levam a comunicação e a geração de relações sociais, culturais e, sobretudo, mantêm de forma contínua o pensamento abstrato que designa o comportamento humano e social na contemporaneidade a qual está marcada pela presença de tecnologias intelectuais auxiliando na construção e associações livres entre os campos epistemológicos que suportam a linguagem

poderão ampliar a capacidade de ensino, assim, realizar a integração dos conhecimentos produzidos individual e coletivamente na escola em que atuam.

Porque a prática humana revela empregos mentais de síntese e previsão. Portanto, "o ato ou conjunto de atos em virtude dos quais o sujeito ativo (agente) modifica uma matéria prima dada" (VÁZQUEZ, 1980, p.245). No campo da linguagem seu significado não se restringe, pois, nem ao material e nem ao espiritual, e unicamente entranha um trabalho criador.

A informação e a linguagem na práxis são os atos que levam o agente modificar suas ações para alcançar a circulação plena entre o subjetivo ou teórico. Assim sendo, o qualificativo de atividade prática revela funções mentais de síntese e previsão. Nessa perspectiva, a práxis é uma prática que aspira melhorar radicalmente uma sociedade: tem um caráter futurista; trabalha a favor de um melhor porvir humano. A práxis revolucionária aspira uma ética, aspira viver bem com e para os outros em instituições justas. Isto supõe a mudança das circunstâncias sociais e do próprio ser humano. Os indivíduos são condicionados pela situação social em que se encontram. Este ser-estar em uma situação provoca suas reações mais ou menos revolucionárias ou, ao contrário, adaptadas a um status quo. (VÀSQUEZ, 1980, p.249).

Visou-se neste estudo elucidar o nível de compreensão adquirido pelos profissionais da educação sobre os usos das tecnologias intelectuais, bem como perceber a interação realizada com os estudantes através dos usos desses instrumentos de produção de linguagem e comunicação.

Desde então, percebeu-se que o uso sistemático das tecnologias intelectuais (TIs)⁶ e suas funções na formação linguística dos educadores e cibernautas participantes do ciberespaço do Território de Identidade de Irecê - BA. é um fato a ser questionado e, por conseguinte, compreendido e posto em discussão, uma vez que, a partir da década de 90, a internet tornou-se política governamental nas escolas, assim, os governantes passaram a oferecer aos professores acesso aos computadores e a rede mundial - internet⁷.

⁶ Este termo será empregado no corpo do trabalho como tecnologias intelectuais (LÈVY, 1993).

_

⁷ Governo Federal criou o Programa Nacional de Informática na Educação – ProInfo –, criado em 9 de abril de 1997 pelo Ministério da Educação e tinha como objetivo promover o uso da Telemática como ferramenta de enriquecimento pedagógico no ensino público fundamental e médio. Seu funcionamento se dá de forma descentralizada, em cada unidade da Federação existe uma Coordenação Estadual ProInfo, cujo trabalho principal é introduzir as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nas escolas públicas, além de articular os esforços e as ações desenvolvidas no

Por outro lado, a iniciativa privada também avançou quantitativamente, oferecendo serviços de acesso através de lan house, onde os cibernautas passaram a construir suas redes de relações sociais. Hoje, no Território de Irecê há mais de uma centena de empresas oferecendo acesso e entretenimento via web.

A este respeito, estudos de Bakhtin (1999); Castells (1999); Lévy (1993), Lima Jr. (2005), Hetkowski (2005) entre outros, fomentam a discussão acerca das funções das Tls na formação educacional e, indiretamente nas questões discursiva e de linguagem dos cidadãos em redes dialógicas à medida que estes interatuam por meio da compreensão da linguagem e do "código especial" praticado no ambientes virtuais *chat* e *weblog*.

Logo, segue-se a questão: como assegurar as relações humanas passandoas pela superação das desigualdades reprodutivas da sociedade, tornando a linguagem individual e social num empreendimento a ser buscado por aqueles que se utilizam das tecnologias intelectuais?

A resposta desse inquérito soma-se à ideia de que o conhecimento é o pressuposto ou a chave da atividade produtiva. Assim, isto requer uma participação efetiva e em todas as instâncias da sociedade, tendo na educação linguística promovida pelas tecnologias intelectuais — *chat* e *weblog* — potencializados pela internet um *modus* de produção de linguagem condizente com constantes dinâmicas da sociedade contemporânea.

Por outro lado, essa percepção leva em conta que por meio das tecnologias intelectuais, muito do efêmero e transitório tem invadido a sociedade que fascinada pelos novos encaixes, são guiados por modismos, sem, contudo, haver reflexão sobre as perspectivas e influências que cada atitude provoca.

A contemporaneidade se apresenta como espaço de amplos debates sobre a nova configuração da relação entre tecnologias intelectuais - TI e linguagem. No centro dessas discussões evidenciam-se as tendências em arrolar a linguagem e, mais especificamente aquela praticada pelos cibernautas na rede, haja vista a preocupação com a forma como esta tem sido concebida nas cibersociedades e

setor sob sua jurisdição, em especial as ações dos Núcleos de Tecnologia Educacional – NTE –. Os NTEs são locais dotados de infra-estrutura de informática e comunicação que reúnem educadores e especialistas em tecnologia de hardware e software, atualmente existem 376 núcleos distribuídos por todos os estados da Federação. O ProInfo é desenvolvido pela Secretaria de Educação a Distância – SEED, por meio do Departamento de Infra-Estrutura Tecnológica – DITEC, em parceria com as Secretarias Estaduais e algumas Municipais de Educação – MEC, 2009. www.mec.gov.br. Acesso em

03 de dezembro de 2009.

-

utilizada como meio para acentuar e estimular a comunicação entre os atores comunicativos do ciberespaço.

Isso se deve ao fato de haver se instaurado a visão de unidade e a ideia de uma língua(gem) padrão, à qual é tida como modelo a ser seguido por todos nas esferas sociais, ainda que, contudo, esta questão não corresponda à realidade de maioria dos comunicadores do/no *chat*⁸ e *weblog*⁹.

Tal questão acontece devido à dinâmica assumida pelos sujeitos do ciberespaço ao realizar suas produções discursivas, levando à variação da língua(gem) que é uma realidade inevitável, pois todas as sociedades fazem modificações no arcabouço linguístico, social e cultural de suas comunidades e na maneira de se comunicarem, as quais variam no tempo e no espaço, devido a fatores de ordens diversas, tais como localizações geográficos, sociais, sexo, etnia, escolarização entre outros.

A partir do momento em que este procedimento linguístico-comunicativo 10 leva a alteração do fazer comunicativo, logo é visto como diferença e, portanto, é induzida a ficar à margem. Nesse sentido é que se tem início à problemática da pesquisa aqui apresentada: tecnologias intelectuais – chat e weblog – constituem novas potencialidades para produção de linguagens contemporâneas, ocupando assim, lugar de destaque no meio educacional, comunicativo e social dos cibernautas do Território de Identidade de Irecê – BA, onde há uma constante

⁹Também conhecida no ciberespaço como *blog* que, na verdade são ferramentas de publicação na Internet, caracterizadas principalmente pelo seu formato de microconteúdo organizado de forma cronológica, com a possibilidade de e que comentários sejam feitos. Tais instrumentos apareceram em 1999, com a popularização do *Blogger* programa disponibilizado pela empresa Google.com, vindo a se tornarem populares devido à facilidade com que o cibernauta realiza suas publicações na *web*. Sabe-se que inicialmente foram denominados de "diários pessoais" (LEMOS, 2003; BARRETO, 2005), vindo a seguir servir a outros fins: jornalismo, publicidade e até para campanhas políticas.

-

⁸ São espaços de comunicação onde se realizam as mais variadas discussões na *web*, popularmente conhecidas como sala de bate-papo e, atualmente, tem havido a ampliação dos recursos oferecidos, de maneira que os cibernautas podem interagir via som – fala – e imagem – usando a *webcam* para ver e serem vistos. (BARRETO, 2005).

Neste sentido infere-se, pois, que a *língua* é um instrumento de comunicação, um sistema de signos vocais específicos aos membros de uma mesma comunidade. (DUBOIS, 1973, p. 378.) Desse modo, empresta-se de Dubois (1973) *linguagem* é a capacidade específica à espécie humana de comunicar por meio de um sistema de signos vocais. *Ver-se isso de maneira sistemática no modus de produção de linguagem dos cibernautas pesquisados, quando estes, propõe e colocam em ação todos os elementos de língua* (grifo meu) [...] Esse sistemas de signos vocais utilizado por um grupo social (ou comunidade linguística) determinado constitui uma língua particular (ou língua), que coloca em jogo uma técnica corporal complexa e supõe a existência de uma função simbólica e de centro nervosos geneticamente especializados. (DUBOIS, 1973, p. 387). BUBOIS, J. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

prática de comunicação via web, quando tem colocado em discussão a forma como a linguagem é produzida e socializada na rede.

Presume-se que as tecnologias intelectuais – *chat* e *weblog* – sob a ótica da contemporaneidade, a qual determina que os sujeitos-discursivos no ciberespaço atuam comunicativamente por meio de símbolos e signos trocados em alta velocidade¹¹ na rede.

Dessa maneira, reconhece-se nesse trabalho que a produção linguístico-discursiva¹² realizada pelos cibernautas do Território de Identidade de Irecê, configura-se como um procedimento de linguagem cifrada¹³. Na realidade, trata-se de uma prática comunicativo-educacional pautada no descentramento da linguagem formal pretendida pela escola e sociedade ortodoxas.

Assim sendo, problematiza-se as potencialidades do *chat* e *weblog* diante da escola e sociedade que ainda não acompanham a dinâmica da linguagem, tampouco a presença contínua e efetiva da *web* e suas tecnologias e linguagens intelectuais, contrárias à manutenção da comunicação no padrão escolástico do bem dizer, linguagem formal.

Como base na experiência e na prática comunicativa diária no ciberespaço, bem como conversas informais com os cibernautas nas *lan houses* de Irecê, nasceu à inquietação: de que forma se percebe a produção de linguagem e suas variações linguísticas praticadas pelos atores comunicativos no ciberespaço?

Nesse aspecto, a capacidade de usar a diversidade que as língua(gens) oferecem aos cibernautas parece estar, segundo querem as instituições educacionais, relegadas às habilidades educativas, comunicativas e sociais daqueles que, cotidianamente, subvertem a realidade cristalizada da língua.

Objetiva-se com o uso do substantivo composto informar que o modus de produção de linguagem suportado pelas tecnologias intelectuais chat e weblog está basilado na perspectiva de que toda lingua(gem) tem sua estrutura básica – diacronia e sincronia – e que à medida que é empregada num suporte assumi sentidos e significados, constituindo-se com isso, num processo discursivo. Assim sendo, é por meio da produção linguístico-discursivo que se pode não somente expressar ideias e desejos, mas significar como comportamento a ser compreendido as relações e reações num processo de semiose o qual requer, basicamente, modificações no sistema de símbolos e de signos linguisticos codificados através de "novas" formas de dizer e circular as mensagens.

¹³ Este termo é aqui uma apropriação do termo aplicado por Lee Beier in. Burker e Porter (1997), os quais o empregam no estudo realizado com as comunidades "marginais" inglês nos séculos XVI e XVII e, nesse estudo é vista como ato de subversão da norma da linguística empregada pela sociedade da escrita.

-

¹¹ Constatou-se que nas lan houses, *lócus* da pesquisa o acesso ao ciberespaço acontece em banda larga, todas acessavam no nível acima de 1G (gigabyte), considerando que, para o Ministério das Comunicações e a Anatel – a conexão a partir de 128 Mb – megabytes - caracteriza-se em acesso de alta velocidade.

Assim, esta pesquisa surgiu a partir da excitação provocada pelas novas possibilidades de comunicação oferecidas pela rede, em que as tecnologias intelectuais, sobremodo, a linguagem produzida e praticada no *chat* e *weblog*, problematizam as dificuldades que a maioria das pessoas tem em lidar com a diferença e a diversidade linguístico-discursiva, elementos imprescindíveis ao pensar e agir comunicativamente na *web*.

Espera-se com esse estudo apoiar a conscientização de professores de língua portuguesa e de linguagem e demais interessados, de maneira geral, e, por extensão, da sociedade, diante da nova realidade comunicativa e relacional propiciada pelas tecnologias de informação e comunicação.

Em 2005, iniciou-se a aproximação com a temática a partir do contato com os comunicadores de *chat* e *weblog*, bem como a leitura de referências teóricas que tratavam desse assunto, associadas àqueles que dissecam a linguagem como processo de construção de saberes e comunicação interpessoal.

Percebeu-se, na ocasião, que a linguagem por eles [cibernautas] utilizada distanciava-se do *ethos* linguístico adotado pela e na escola, visto que ao serem membros dessas cibercomunidades cujo *modus* de produção de linguagem e comunicação está pautado no princípio da negociação rápida de sentidos, conforme se verá quando da apresentação das conversações no chat, no capítulo de análise dos dados.

Destaca-se, assim que a contemporaneidade agrega

emergência de cibercidades (cidades e espaço de fluxo), as novas práticas comunicacionais no ciberespaço (e-mail, listas, weblogs, jornalismo online), as novas relações sociais eletrônicas e as práticas comunicacionais pessoais (weblogs, webcams, chats, icq, listas), as questões artísticas (Arte eletrônica) e políticas (cibercidadania, ciberativismo, hackers), as transformações culturais e éticas (software livres, "napsterização", privacidade) e a nova configuração comunicacional (liberação do pólo da emissão da Cibercultura). (LEMOS, 2003, p. 11).

Assim, a inquietude que levou à pesquisa dessas questões está perpassada por duas importantes categorias: a produção de linguagem e o uso das tecnologias intelectuais – *chat* e *weblog* – podem subverter a ordem linguístico-comunicativa pretendida pela escola de maneira isolada? Isto é, buscou-se compreender como estes cibernautas se percebiam em um universo comunicativo *chat* e *weblog*, onde a

linguagem é marcada por elementos linguístico-discursivos diferentes daqueles ensinados e aprendidos na escola, motivo para promover a criação e divulgação de símbolos e signos caracterizadores do ciberespaço.

Considerou-se, portanto, a *priori*, que estes sujeitos eram hábeis usuários do ciberespaço e, por sua vez, competentes usuários de tecnologias intelectuais e ciberdiscurso, fazendo da linguagem sua forma de comunicação no âmbito da *web*.

A linguagem é aqui tomada como "conjunto de sinais de que a humanidade intencionalmente se serve para comunicar as suas ideias e pensamentos". (COUTINHO, 1976, p. 21). Dessa maneira, pode-se considerar que a linguagem produzida e praticada pelo cibernauta no ciberespaço é como uma convenção que, potencialmente, se articula a partir do suporte internet, se concretizando em linguagem particularmente usada por um segmento social contemporâneo.

Desse ponto de vista, a linguagem é o meio através do qual o ser humano se comunica com os seus semelhantes, sendo a língua uma das várias possibilidades de se realizar esse intento. Nesse sentido, a linguagem é uma prática social e por isso tem sua dinâmica própria, possibilitando aos usuários dos códigos de linguagem, sua a aplicabilidade de acordo com suas necessidades e meios.

Assim sendo, o ser humano se expressa, se comunica e interage com os outros, através da língua(gem) aprendida, aceita e convencionalizada pelo seu meio social, já que a linguagem é uma "prática social". Portanto, entender o porquê da prática de linguagem realizada por meio de tecnologias intelectuais – *chat* e *weblog* – ainda não é aceita institucionalmente, posto que há milhões de pessoas¹⁴ vivendo, comunicado e estabelecendo relacionamentos sociais por meio de ciberdiscurso.

O Brasil sobe e aparece na nona posição do ranking com 27,7 milhões de internautas ativos em dezembro de 2008. Mais de 1 bilhão de pessoas com idade acima de 15 anos, acessam a internet em casa ou no trabalho, informa um relatório da comScore.

No total de **1.007.730 internautas no mundo**, a região da Ásia conta com a maior parcela 41% do total mundial, em segundo fica a Europa com 28% de participação. Os internautas da América do Norte, em terceiro, representam 18% da população conectada na internet e a América Latina tem 7%. Por fim, a região do Oriente Médio e da África conta com 5% de internautas conectados. **Sites mais visitados:** Os sites mais acessados na web mundial em dezembro foram domínios do **Google**, com quase 778 milhões de visitantes únicos. Em segundo lugar, sites da **Microsoft** receberam 647,9 milhões de visitas e sites do **Yahoo**, em terceiro, registraram 562,6 milhões de visitantes

Nas regiões consideradas mais pobres do país, o acesso ganhou velocidade, de acordo com a pesquisa. Na região Norte, o total de usuários passou de 12% para 27,5% da população com dez anos ou mais de estudo. No Nordeste, passou de 11,9% para 25,1%.

[&]quot;Vários fatores explicam o maior acesso entre os mais pobres. O acesso está mais barato e as *lan houses* estão mais espalhadas pelo país. Além disso, a renda do brasileiro e a escolaridade aumentaram em reação a 2005", disse o coordenador do IBGE.

Em outras palavras, o uso cotidiano da linguagem praticada na rede digital não se aplica ao contexto exterior (sala de aula, entrevista de emprego, paquera e, principalmente, na prática escrita formal), contudo seus saberes linguísticos digitais são importantes para sua convivência na comunidade cibernética.

Não obstante às críticas, o "internetês" como tem sido chamado a língua(gem) realizada nas chat e weblog - sala de bate papo é uma realidade e por isso precisa ser entendida e apreciada como tal. Se se quer a compreensão de que a língua evolui conforme a sociedade que a pratica e avança tecnologicamente, eis o resultado; a linguagem prática na internet seja qual for sua maneira, traduz de forma singular a contemporaneidade.

O que impressiona na prática linguística cibernética são os números. Conforme pesquisas realizadas recentemente, o número de usuários desse veículo aumentou significativamente.

Descrição do objeto

Este estudo tem como objeto a linguagem especial e cifrada¹⁵ realizada no ciberespaço, a qual ocorre de maneira assimétrica, isto é, os cibernautas não seguem aos padrões de formalidades sugeridos pela comunicação protocolar, até porque, o meio pelo qual se promovem as conversações no – *chat* e *weblog* – exige dos cibernautas experiências e novas possibilidades de interação com seus pares

A pesquisa mostra que as residências superam locais de trabalho no acesso à web no Brasil. Em 2008, 51,7% dos internautas do país acessaram a rede mundial de computadores de casa e 35,2% a partir de *lan houses*, contra 49,9% e 21,9% em 2005, respectivamente. Nas regiões mais ricas do Brasil, os percentuais de acesso são bem mais elevados como na região Sudeste, em que o índice foi de 40,3%. "O Brasil tem uma das piores distribuições de renda no mundo e não é novidade que essa diferença social tenha reflexo também no acesso à internet. A desigualdade de renda é um empecilho para um maior acesso", disse Azeredo.

Considera-se como tal, as produções comunicativas realizadas pelos cibernautas no *Chat* e *Weblog* ao usarem *emoticons* como expressão de pensamento e textos, indo assim, de encontro com o processo de comunicação instituído pela norma dominante, na qual está internalizada até então uma gramática da escrita convencional, de maneira que só uma elite da escrita tem o acesso a tal procedimento. Ademais, a grande questão a ser discutida sobre este procedimento comunicativo é a quantidade e o formato das informações dispostas no ciberespaço à disposição de uma quantidade enorme de pessoas, todavia o acesso às essas informações ainda é e será controlada pelos cibernautas, vindo assim, se caracterizar *a priori* como questionadora, porém traz em si elementos ideológicos que se constituem numa dialética na qual, idéias se impõem na tentativa de superar e ocupar o lugar de outra. Dessa maneira a produção de linguagem aqui apresentada poderá assumir em breve lugar de destaque no processo comunicativo aceito pela elite dominante.

em cibercomunidades, posto que nelas [comunidades virtuais] abrem-se oportunidades às experimentações no fazer linguístico-comunicativo.

Isso, sem dúvida tem promovido e facilitado diálogos entre os participantes que atuam no ciberespaço, bem como a produção, a socialização e o estabelecimento de novas maneiras de publicizar os saberes até então fixos nas regras do bem dizer, escrita.

Nesse sentido, a produção de linguagem e a comunicação produzida pelos cibernautas no chat e weblog se tornaram uma questão especial, e àqueles que não têm domínio do código usado no ambiente virtual de comunicação as vêem com

A grande questão vem a ser e será a de dispor das informações que estes deverão ter na memória a fim de que boas decisões sejam tomadas. O acesso às informações é e será da alçada dos *experts* de todos os tipos. (LYOTARD, 2008, p. 27).

Assim sendo, considera-se que a linguagem produzida pelo cibernauta do Território de Identidade de Irecê – BA, na rede é, sem dúvida, próximas daquela produzida pelos cibernautas do mundo inteiro visto que diz respeito à estrutura da aparição e das propriedades visuais que influenciam em sua percepção de mundo e sociedade; isso é representado a partir da distribuição dos caracteres na página, diagramação, tamanho e cores dos títulos, fotos, desenhos, gráficos e o próprio tipo de texto basilado na hibridização de caracteres que perpassam o fazer comunicativo no ciberespaço.

No que diz respeito aos temas comunicados no *chat* e *weblog*, estes, por sua vez expressam a informação via hipertexto¹⁶ no qual a mensagem e a forma constituem uma estrutura temática sem hierarquias, pois se pressupõe que os envolvidos nesse ato comunicativo detenham o "código secreto" para a devida compreensão dos temas ali propugnados.

Desse modo, a eficácia da informação pode estar nessa (des)organização, na qual os cibernautas tendem a se fixar no tema geral da conversa em detrimento da preocupação com a maneira de dizê-la.

¹⁶ Aplica-se tal termo à maneira de Xavier (2005) que advoga sobre a presença e realidade do texto eletrônico no cotidiano contemporâneo, no qual se evidencia que, *a posteriori* haverá uma massificação desse tipo de informação entre as classes sociais, em virtude do acesso da população aos computadores e à internet.

Pode-se considerar que isso é fruto da cultura pós-moderna¹⁷, uma vez que essa prática leva à incredulidade das formas fixas de pensar e agir até então realizadas pelas instituições modernas.

> O cenário pós-moderno é essencialmente cibernético-informático e informacional. Nele, expandem-se cada vez mais os estudos e as pesquisas sobre a linguagem, com o objetivo de conhecer a mecânica da sua produção e de estabelecer compatibilidades entre linguagem e máquina informática. [...] Nesse cenário, predominam os esforços (científicos, tecnológicos e políticos) no sentido de informatizar a sociedade. Se, por um lado, o avanço e a cotidianização da tecnologia informática já nos impõem sérias reflexões, por outro, seu impacto sobre a ciência vem se revelando considerável. (LYOTARD, 2008, p. viii).

Em verdade, na contemporaneidade com a popularização do acesso¹⁸ ao ciberespaço tem havido contínua produção de linguagem, entretanto, ela ainda não foi bem assimilada pela sociedade, em virtude de ir de encontro ao *modus* linguístico e comunicativo até então vigentes. Por isso, o fazer comunicativo no chat e weblog tornou-se uma atividade transgressora e, assim, tem conquistado cada vez mais novos usuários e produtores de sentidos. Entretanto, reconhece-se que para isso é necessário que se transite livremente pelo código ao qual às informações são publicadas.

É nesse contexto que esta pesquisa se fundamenta, isto é, ela vai ao encontro da compreensão das maneiras pelas quais os cibernautas dialogam e praticam linguagens que lhes caracterizam como sujeitos do discursivo na web que detém o saber fazer e se comunicar através da linguagem especialmente cifrada.

Destarte, é em Arendt (2000), Bakhtin (2001), Deleuze e Guatarri (1995), Lévy (1999), Lyotard (2008), Lévy (1999), que se pretende descrever a linguagem e o modus de produção desta, destacando as diversas categorias linguísticas que caracterizam a linguagem praticada pelos cibernautas. Nesse sentido, analisa-se,

¹⁷ Cf. GIDDENS, Anthonny (1991), JAMERSON, Fredic (2004), EAGLETON, Terry (2004), MAFFESOLI, Michel (2004), FREITAS, Luiz Carlos de. (2005).

¹⁸ De acordo com o site de pesquisa <u>www.comScore.com</u> em dezembro de 2008, 27,7 milhões de pessoas acima de 15 anos tem acesso à internet em caso ou no trabalho. Com isso o Brasil sobe e aparece na nona posição do ranking com **27,7 milhões** de **internautas** ativos em dezembro de 2008. Mais de 1 bilhão de pessoas com idade acima de 15 anos, acessam a internet em casa ou no trabalho, informa um relatório da comScore. Acesso em 03 de dezembro de 2009.

também, as relações de poder estabelecidas pelos cibernautas através do uso do *chat* e *weblog* como tecnologias intelectuais.

No *chat* e *weblog* comentam-se sobre vários aspectos: delinquência juvenil, namoros e paqueras, pedidos de ajuda, protesta-se contra a política e o governo, etc. Por sua vez e, ideologicamente falando, essas mesmas abstrações podem ser desmembradas em níveis ainda mais profundos à medida que se dominam os "códigos secretos" empregados pelos cibernautas na efetivação da linguagem. Todavia, os cibernautas atuam em um nível comunicativo cuja ideologia não é manifesta, isto é, eles usam códigos fechados aos seus pares e, por isso mantêm-se na perspectiva leviniana de que

as linguagens e os sistemas de signos induzem nossos funcionamentos intelectuais: as comunidades que os forjaram e fizeram evoluir lentamente pensam dentro de nós. Nossa inteligência possui uma dimensão coletiva considerável porque somos seres de linguagem. (LEVY, 1996, p. 98).

Assim, a comunicação realizada pelos cibernautas do Território de Identidade de Irecê-BA., segue o parâmetro instituído pelas comunidades virtuais do mundo inteiro, entretanto, vale ressaltar que, em virtude de aspectos sociais, linguísticos e culturais, a linguagem produzida nesse contexto se difere das demais, porque deixa vir à tona elementos próprios. Exemplo disso é a forma com lidam os cibernautas com os atos de fala produzidos na cibercomunidade.

Nesse mister, reconhece-se que linguagem realizada pelos cibernautas e o lócus específico onde ela ocorre é resultante da inteligência coletiva daquela comunidade a qual assumiu aptidões sociais e cognitivas, a partir de diálogos e influências que

regem nossos relacionamentos e influem de modo determinante sobre o curso de nosso pensamento , [...] Um coletivo humano é o palco de uma economia ou de uma ecologia cognitiva no seio das quais evoluem espécies de representações (Spenser). Formas sociais, instituições e técnicas modelam o ambiente cognitivo de tal modo que certos tipos de idéias ou de mensagens têm mais chance de se reproduzir que outros. Entre todos os fatores que coagem a inteligência coletiva, as tecnologias intelectuais que são sistemas de comunicação, de escrita, de registro de tratamento da informação desempenham um papel considerável. [...] Os tipos de representações que prevalecem nesta ou naquela "economia

cognitiva" favorecem modos de conhecimentos distintos (mito, teoria, simulações), com os estilos, critérios de avaliação, os "valores" que lhes correspondem, de modo que as mudanças de tecnologias intelectuais ou de meios de comunicação podem indiretamente ter profundas repercussões sobre a inteligência coletiva. (LEVY,1996, p. 99-100).

Dessa forma, ver-se que a teoria do dialogismo bakhtineano vem auxiliar na compreensão de que o ciberdiscurso é constitutivamente polifônico e se caracteriza por um jogo de vozes, de discursos, num permanente diálogo realizado pelos cibernautas.

Neste sentido, Bakhtin (2001) considera o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem a qual acontece no cruzamento constante de alocuções. Esse cruzamento existente na enunciação é o fazer polifônico das cibercomunidades, mostrando as diferentes vozes que nele se realizam.

Assim, o sujeito ao falar, entende seu interlocutor não apenas como um receptor, mas como alguém com quem ele irá contrapor o seu discurso. Para isso cria códigos linguísticos e comunicativos para desempenhar suas vivências é perceber que o mais importante é contestar a ideia da unicidade do sujeito falante e propor uma versão polifônica da enunciação, cuja tese admite o fato de que o sentido do enunciado é uma descrição de sua enunciação e, para tal descrição, o enunciado sempre ministra indicações.

Na verdade, há no ciberdiscurso um fazer discursivo heterogêneo, que inscreve o outro na cadeia discursiva através de formas marcadas na linguagem produzida em determinado contexto. Por isso, o discurso é heterogêneo e polifônico – o um e o outro no discurso – apresenta um sujeito do ciberdiscurso, que por sua vez é um sujeito do devir já que coloca em evidência o seu inconsciente individual e coletivo por meio da linguagem significada no ciberespaço – *chat* e *weblog* –, possibilitando-lhe mostrar a sua intervenção no mundo exterior, seu encontro com outros discursos.

Nessa perspectiva

as pessoas conectadas com a Internet (o samizdat planetário) da mesma inquietude paranóica do poder" [...] A melhor maneira de manter e desenvolver uma coletividade não é mais erguer, manter ou estender *fronteiras*, mas alimentar a quantidade e melhorar a qualidade das *relações* em seu próprio interior, assim como com as

outras coletividades. O poder e a identidade de um grupo dependem mais da qualidade e da intensidade de sua conexão consigo próprio que de sua resistência em se comunicar com seu entorno. (LÉVY, 1999, p. 27-28).

No que se refere à produção da linguagem no ciberespaço – chat e weblog – sem dúvida, os cibernautas têm abolido as fronteiras entre os grupos e, com isso, promove a liberdade de expressão por meio da Internet, à qual se somam questões afetivas e cognitivas.

A realidade da vida coletiva é o entrelaçamento das consciências e das ações humanas [...] As dimensões sociais, culturais, econômicas, políticas e outras atravessam as consciências e somente existem por seu intermédio. Elas as emanam. Tudo o que é coletivo só existe realmente nas consciências das pessoas, em sua experiência de vida. (LÉVY, 1999, p. 41).

Para Lévy (1999), o ciberespaço constitui-se espaço em que a criatividade e aquisição de conhecimentos e culturas ocorrem por meio da comunicação, na qual a linguagem está a serviço da construção das identidades na vida social.

Internet representa simplesmente o estado de reagrupamento da sociedade que se sucede à cidade física. [...] A principal originalidade da cidade virtual é que ela é única e planetária, ainda que ela conte evidentemente com cinturões protegidos (redes especializadas) e com bairros reservados (internas e externas) (LÉVY,1999, p. 51).

Na contemporaneidade, a linguagem é constituída de uma inteligência coletiva na qual os cibernautas assimilam "o papel capital das linguagens das técnicas e das instituições na constituição do psiquismo individual, [...] temas centrais da ecologia ou da economia cognitiva." (LÈVY, 1996, p. 96).

Os saberes contemporâneos estão sob a égide da linguagem e da tecnologia, por isso é preciso reconhecer que a ciência tem sido considerada um discurso no qual as culturas e saberes socialmente constituídos são colocados à prova devido à nova maneira de fazer e trocar informações. "O saber científico é uma espécie de discurso.[...] Tanto os "produtores" de saber como seus utilizadores devem e deverão ter os meios de traduzir nestas linguagens o que alguns buscam inventar e outros aprender." (LYOTARD, 2008, p.3).

A imediatez do ciberdiscurso no *chat* e *weblog* e sua imediatização conduzem à compreensão de que o sujeito do ciberespaço suportado pelas tecnologias intelectuais potencializa-se discursivo, social e culturalmente na *web*, tem-se, portanto, o sujeito do *virtus*, de maneira que

[...] A palavra de ordem é, precisamente, a variável que faz da palavra como tal um enunciação. A instantaneidade da palavra de ordem, sua imediatidade, lhe confere uma potência de variação em relação aos corpos aos quais se atribui a transformação. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 20-21).

Para compreender a importância da linguagem no *chat* e *weblog* para a coletividade comunicativa do ciber, há que se buscar os atos imanentes de linguagem, atos que estão em desacordo com as propostas da linguagem formal – escrita convencional e/ou simbólica – instante em que a palavra se materializa em vários sentidos propostos pelos cibernautas no ato enunciativo do discurso.

Um tipo de enunciado só pode ser avaliado em função de suas implicações pragmáticas, isto é, de sua relação com pressupostos implícitos, com atos imanentes ou transformações incorpóreas que ele exprime, e que vão introduzir novos recortes entre os corpos. A verdadeira intuição não é o juízo de gramaticalidade, mas a avaliação das variáveis interiores de enunciação em relação ao conjunto das circunstâncias. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.23).

Nesse sentido, o ciberdiscurso é construído na medida em que os cibernautas estabelecem relações constantes, mesmo que sejam provisórias, diante do conjunto de polifonias concordantes e discordantes de onde eles enunciam suas vozes.

Descrição metodológica da pesquisa

A questão metodológica foi orientada a partir de Andre (2004), Bogdan; Binkle (1994), Macedo (2004), Coulon (1993) por ser uma pesquisa qualitativa com inspirações na etnometodologia para poder perceber a realidade do *lócus* e dos sujeitos pesquisados, "Já que a etnografia tem um sentido próprio: e a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado no grupo." (ANDRÉ, 1986, p.14).

Com efeito, considerando sua importância, visto que essa abordagem traz "para a investigação vozes de segmentos sociais oprimidos e alijados, calados pelos estudos normativos e prescritivos, legitimadores da voz da racionalidade descontextualizada". (MACEDO, 2004, p. 31).

Assim, teve-se o cuidado em priorizar a produção linguagem dos cibernautas, já que suas produções são marginalizadas pela escola em decorrência do distanciamento da linguagem formal, gerando assim, dificuldades no diálogo entre a escola e a cibersociedade onde ciberatores atuam praticando linguagem e comunicação a partir das *lan houses*.

Este estudo etnográfico inspirando-se na perspectiva de que a observação e a presença constantes na comunidade pesquisada¹⁹ tornaram-se possível por meio de visitas flagrantes nas *lan houses* como forma de coleta de dados, utilizando diário de campo²⁰. Em verdade, colocou-se em destaque a produção de linguagem do cibernauta como objeto, visando focalizar o surgimento de proposições, nas quais existiam sentidos e formas constituintes do processo de linguagem do ciberespaço.

Nesse contexto, a análise qualitativa dos dados priorizará elementos do discurso quando da interpretação dos ciberdiscursos realizados pelos cibernautas no chat e no weblog, posto que, a partir disso se buscou evidências que caracterizem a módus de produção de linguagem como forma à qual eles [cibernautas] se comunicam e produzem sentidos em suas comunicações a partir de tensões criadoras de espaços instituintes de procedimentos autorizantes no sentido da formação de sujeitos produtores de sentidos e que se reconheçam enquanto tais. (MACEDO, 2000, p.25).

Percebeu-se durante esse processo que havia momentos em que os pesquisados ofereciam informações além dos propósitos do pesquisador. Houve instante em que os cibernautas puseram-se contrários à idéia de que a escola não oportuniza condições de acessibilidade a todos os sítios senão aqueles permitidos pelo regimento da unidade educacional. Desse ponto de vista, infere-se que há nas unidades educacionais a prática de cibercensura, cuja base é legitimada pelo

Os dados coletados por esse instrumento serão apresentados e comentados em capítulo específico.

_

¹⁹ À maneira de Alain Coulon, buscou-se investigar e compreender os espaços das *lan houses* do Território de Identidade de Irecê – BA, partindo do princípio de que os cibernautas que realizam suas produções de linguagem vivenciam ações que permitiram interagir simbolicamente com o espaço, vindo inclusive encontrar, graças ao conhecimento etnográfico do contexto tecnológico das *lan houses*, problemas que somente uma observação *in situ* foi possível.

desconhecimento da linguagem própria usada pelos cibernautas, bem como pelo desejo de controle dos atos sociais e comunicacionais dos frequentadores de *chat* e *weblog* livres.

Percurso da pesquisa

A coleta de dados para esta pesquisa se iniciou em 2009, na cidade de Irecê e depois se fez incursões nas cidades que compõem Território de Identidade de Irecê – BA, cujo objetivo foi mapear²¹ as *lan houses* existentes em cada uma delas. Para realização desse intento fez-se apresentação, como pesquisador da temática, para o proprietário da *lan house* e também para os cibernautas-estudantes²² que estavam conectados ao *chat* e *weblog*, no momento de coletas de dados. Com efeito, aconteceram certos encaminhamentos, nos quais ficaram demonstrados os pontos de tensão com os quais se alimenta a pesquisa de caráter etnográfico, isto é, nesses locais, às vezes, as informações não foram suficientes, de modo que, em alguns momentos se percebeu que

a questão é saber escolher os informantes certos na hora certa". [...] a pessoa precisa se capaz de tolerar ambigüidades; ser capaz de trabalhar sob sua própria responsabilidade; deve inspirar confiança; deve ser pessoalmente comprometida, autodisciplinada, sensível a si mesma e aos outros, madura e consistente; e deve ser capaz de quardar informações confidenciais. (ANDRÉ, 1986, p. 47).

Nesses instantes evidenciou-se a abordagem etnográfica como sendo, de fato, princípio de que seria possível identificar e modificar os caminhos à compreensão e os percalços durante o processo de investigação, "[...] forma e conteúdo da interação verbal dos participantes; forma e conteúdo da interação verbal com pesquisador; comportamento não-verbal; padrões de ação e não ação; traços, registros de arquivos e documentos." (ANDRÉ, 1986, p. 16).

²² A maior parte dos sujeitos flagrados todos dizia serem estudantes do Ensino básico e médio das redes pública municipal e estadual de ensino.

²¹ Os mapas das *lan houses* e seus respectivos números serão apresentados no quinto capítulo, quando exposição dos dados.
²² A major porto dos quintos translatorios de constitues de constitues

CHAT E WEBLOG: LÓCUS DA TÉCNICA E DA PRODUÇÃO DE LINGUAGEM

Inicia-se neste capítulo o objetivo de apresentar o *módus* de produção de linguagem e os sentidos atribuídos aos discursos realizados pelos cibernautas nos espaços virtuais - chat e weblog – para se comunicar com seus pares, bem como se passar o conceito de técnica e tecnologia, partindo das contribuições de Lima Jr. 2005, Lévy (1999), Kenski (2000) visando uma compreensão sistemática das tecnologias intelectuais acima citadas.

1.1 Técnica e tecnologia: binômio ideológico-semântico

Os estudos filosóficos e antropológicos de Lévy (1999) chamam atenção para as polissemias que técnica e tecnologia têm assumido no cotidiano dos estudos da rede mundial, internet. No entanto, ainda não se tem um consenso sobre a questão, posto que numa perspectiva contemporânea a *teckné*²³ empregada pelos cibernautas é fruto de uma convivência sócio-comunicativa e, por isso, promove individual e coletivamente as produções de saberes que levam à edificação da tecnologia como processos. Do mesmo modo que técnica se associa às maneiras individuais de lidar com habilidades especiais para alcançar certos resultados, a tecnologia²⁴ corresponde aos usos que lhes destinam os cibernautas na contemporaneidade.

Lima Jr. (2005), sugere que tecnologia seja vista como possibilidade de transformação da prática, de maneira que através de seus usos sistemáticos é possível revigorar o modo tradicional de se produzir conhecimentos por meio do

Técnica ou arte (em grego). Como assinala o manual de etimologia grega de F.E.Peters, a *tekn*è ou techne é algo que *emerge da experiência* (*empeiria*), dos casos individuais e passa da experiência à tekné *quando as experiências individuais são generalizadas num conhecimento de causas: o homem experimentado sabe como, mas não porquê. Assim, é um tipo de conhecimento e pode ser <i>ensinado.* Na outra polaridade, temos a camada do saber-fazer (*techne, ars*), um saber realizável, uma técnica pura, um *fazer do saber*, aquele conjunto de habilidades que, no plano da *polis* era qualificado como a *deinotes politike.* (www. etimologias.com, PETERS, 2000).

Segundo o *Dicionário de filosofia* de Nicola Abbagnano (1982), a tecnologia é "o estudo dos processos técnicos de um determinado ramo de produção industrial ou de mais ramos". (ABBAGNANO, 1982, p. 906).

modus de produção de linguagem facilitado pelas tecnologias intelectuais chat e weblog.

A tecnologia, portanto, para além e sua base material e o enfoque que a ciência moderna lhe conferiu, esta ligada à idéia de *processo criativo* e *transformativo*. Isto, do ponto de vista da relação Educação, -TCI (sic), significa que, independentemente da presença do suporte material da comunicação/informação no contexto educacional escola, a compreensão mais aprofundada do significado da tecnologia traz para a educação escolar, em todos os seus aspectos, esta perspectiva criativa de transformação. [...] constitui-se numa *rede de significados* na qual o ser humano está implicado. (LIMA JR, 2005, p. 19).

Lima Jr. (2005) ainda refletindo sobre a questão da tecnologia como transformadora criativa no processo educacional escolar afirma ser importante que todos aqueles que vivenciam as tecnologias, sejam elas intelectuais ou, da informação – e comunicação necessita pensar e se posicionar tecnologicamente a fim de se sentir totalmente submerso no universo do agir tecnológico.

No caso de se reconhecer a dinamicidade das TICs no processo de comunicação e socialização é fundamental a compreensão de que estas se constituem a partir

de princípios científicos, formas de socialização, modos de produção simbólica, historicamente condicionados, de modo que, representam os limites, a cosmovisão, o molde, no qual os seres humanos atuam, reagem, vivem, porque os internalizaram através de vários mecanismos. [...] estas tecnologias são também composições abstratas e simbólicas que vão se criando como produção imaginária, histórico-social, podendo, assim, ter uma natureza arquetípica. (LIMA JR, 2005, p. 19).

As tecnologias intelectuais *chat* e *weblog*, nesta perspectiva situam-se como *modus* e produção de linguagem, visto que os cibernautas que as utilizam atuam no plano da criação individual e coletiva, tendo na linguagem binária seu princípio tecno-científico, possibilitando à criatividade e à socialização de suas produções discursivo-linguística e simbólicas.

Nesse sentido traz-se o pensamento de Kenski (2000) fazendo um paralelo ao conceito de "era tecnológica", afirmando que toda sociedade em determinado momento histórico pôde ser considerada como tal, uma vez que os homens que nela viviam foram instigados a produzirem instrumentos que auxiliaria na melhoria da

qualidade e proteção de suas vidas e, também na ampliação dos seus relacionamentos, dilatando assim seu poder sobre os demais sujeitos da comunidade.

[...] A evolução social do homem confunde-se com as tecnologias desenvolvidas e empregadas em cada época. Diferentes épocas da história da humanidade são historicamente reconhecidas, pelo avanço tecnológico correspondente. O avanço científico da humanidade amplia o conhecimento sobre esses recursos e cria permanentemente "novas tecnologias", cada vez mais sofisticadas. Por isso (gripo meu) o homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias que lhe são contemporâneas. Elas transformam suas maneiras de pensar, sentir, agir. Mudam também suas formas de se comunicarem e de adquirirem conhecimentos. [...] a linguagem oral, escrita e a linguagem digital (dos computadores) são exemplos paradigmáticos desse tipo de tecnologia. (KENSKI, 2000, p. 20-21.).

Desse ponto de vista, pode-se inferir que a velocidade com que as tecnologias tomam conta dos espaços socioculturais, promovendo alterações substanciais tanto na forma de organização social e política quanto na linguagem é *mister* compreendê-las como processo de construção de sentidos e identidades, porque tem havido a "democratização" de informações na rede e, com isso, a comunicação no ciberespaço tem diluído as fronteiras entre as classes sociais e as culturas no mundo, levando ao diálogo segmentos até então silenciados pelas distâncias geográficas, econômicas, étnicas e sociais.

A democratização do acesso a esses produtos tecnológicos – e a conseqüente possibilidade de utilizá-los para a obtenção de informações – e um grande desafio para a sociedade atual e demanda esforços e mudanças nas esferas econômicas e educacionais de forma ampla. Para que todos possam ter informações que lhes garantam a utilização confortável das novas tecnologias é preciso um grande esforço educacional geral. Como as tecnologias estão permanentemente em mudança o estado permanente de aprendizagem é conseqüência natural do momento social e tecnológico que vivemos. (KENSKI, 2000, p. 26).

No obstante, pode-se afirmar que é impossível viver contemporaneamente sem a presença da tecnologia de informação e comunicação em nosso cotidiano, "[...] Sem nos darmos conta, o mundo tecnológico invade nossa vida e nos ajuda a viver com as necessidades e exigências da atualidade." (KENSKI, 2008, p. 31), posto

que ela já seja parte integrante da natureza individual e coletiva da sociedade que, de algum modo a considera uma realidade.

Na era da informação, comportamentos, práticas, informações e saberes se alteram com extrema velocidade. Um saber ampliado e mutante caracteriza o atual estágio do conhecimento na atualidade. Essas alterações refletem-se sobre as tradicionais formas de pensar e fazer educação. Abrir-se para novas educações – resultantes de mudanças estruturais nas formas de ensinar e aprender possibilitadas pela atualidade tecnológica – é o desafio a ser assumido por outra sociedade. (KENSKI, 2000, p. 27).

A contemporaneidade traz junto com as tecnologias intelectuais provocações a vários segmentos da sociedade e, dentre estes se destaca o campo da linguagem o qual para Lévy (1993) tem se constituído como espaço de aperfeiçoamento e transgressão de paradigmas dos conhecimentos, de modo que o filósofo francês criou uma tripartição para o conhecimento no "mundo da vida", destacando as diferentes linguagens que dominam o ciberespaço como sendo tecnologias intelectuais que até então promoviam a interação entre os sujeitos. São elas: a oralidade, a escrita e a digital.

No ciberespaço a linguagem é construída de maneira híbrida, e isso ocorre devida a emergência da comunicação entre os pares nas comunidades virtuais, logo é pela linguagem que o homem se diferencia do restante dos animais e da natureza. Desse ponto de vista, podem-se criar conjecturas de que a oralidade é a primeira das tecnologias intelectuais usada pelo homem na proliferação de suas representações e subjetividades na comunidade onde atua.

1.2 Ciberespaço: novo horizonte de encantamentos e virtualização

"virtual possui uma plena realidade, enquanto virtual." (DELEUZE, 1995).

Busca-se discutir e compreender quais têm sido os olhares sobre as novas formas de ensino-aprendizagem proporcionadas pelas tecnologias intelectuais aos agentes educativos – professores, arte educadores, estudantes-cibernautas. Por isso, seja correto, pensar que há uma demanda teórica e metodológica sobre o conceito de *ciber* que, inicialmente, leva-nos à problemática: afinal, o que se tem denominado de (ciberespaço, cibercultura, ciberdiscurso) no universo das

Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC – quando as relacionam à nova perspectiva de construção de educação na contemporaneidade? É certo também dizer que, *a priori* não é tão simples responder à complexa questão, sem antes fazer um percurso epistemológico o qual nessa discussão estará sob olhar da filosofia moderna na perspectiva sócio-política e crítica.

Nesse sentido e ponderando sobre o produzir e o socializar saberes na *web* por meio de processos interativos vimos que Silva, (2008)

[...] as tecnologias digitais renovam a relação do usuário com a imagem, com o texto, com o conhecimento. São de fato um novo modo de produção do espaço visual e temporal mediado. Elas permitem o redimensionamento da mensagem, da emissão e da recepção. (SILVA, M., 2008, p. 56).

Com isso, temos na world wide web uma circulação contínua de informações às quais se apropriam os sujeitos que, social e culturalmente insurgem à ordem estabelecida, visando ampliar e reconhecer espaços até então cristalizados pelas "regras" do sistema sócio-educacional nas quais estão fundamentos da escrita e leitura lineares, isto é, o estudante é levado a pensar que o processo de aquisição do conhecimento é fixo. Entretanto, a web tem apresentado pontos de discordância essenciais.

Assim sendo, a cultura do/no/para *ciber* é formada no ponto de vista de que cada cibernauta é construtor individual e coletivo da produção de seus saberes, a qual é partilhada e evidenciada a partir da interconexão das culturas com múltiplos usuários, configurando-se, assim, no processo dialógico²⁵.

Para Lévy (1996, p. 11) esse processo ocorre porque há uma virtualização que atinge a todos de maneira ampla e, portanto, constitui-se num movimento geral que

[...] afeta não apenas a informação e a comunicação mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição dos "nós": comunidades virtuais, democracia virtual. (LÈVY, 1996, p. 11).

²⁵ Conforme BAKHTIN (2002) é resultante da interação entre enunciadores, posto que a linguagem e a interação dos interlocutores fundam os princípios da comunicação. Já conforme BARROS (1997) trata-se da condição *sine qua non* da linguagem e do discurso porque há ocorrência de interação entre os enunciadores.

Dessa maneira, a cibercultura se impõe como um fato contemporâneo e, portanto, precisamos investigá-lo, partindo da premissa ressaltada no pensamento de Silva, (2008, p 35), Lima Jr. e Hetkowski (2006, p.2):

é a formação sociocultural que emerge da convergência das telecomunicações com a informática, a partir da década de 70. são atitudes, modos de pensamento, valores constituídos por novas práticas comunicacionais no ciberespaço (e-mail, listas, weblogs, jornalismo on line, webcam, chats, etc.) e novos empreendimentos que aglutinam grupos de interesse (cibercidades, games, softwares livres, ciberativismo, arte digital, MP3, etc.). (SILVA, M., 2008, p. 35; LIMA JR.; HETKOWSKI, 2006, p. 2).

Nesse sentido, o horizonte que se apresenta à educação do indivíduo contemporâneo por meio dos *modus* de produção de linguagem no ciberespaço é, certamente, um desafio aos modelos curriculares e educativos até então vigentes. Na verdade, hoje, há uma dinâmica na demanda por um ensino e aprendizagem que reconheça os novos desafios apresentados pela sociedade constituída na essência e evolução culturais determinadas pela ressignificação dos lugares de enunciação do saberes.

Lima Jr. (2006) ao refletir sobre a relação entre Tecnologias de Comunicação e Informação - "TCI" e Currículo, reafirma a necessidade de se compreender as bases que ressignificam a importância de construir um currículo que atente para

a dinâmica e as características e lógica de funcionamento do atual contexto tecnológico de comunicação e informação [...] inaugurando, assim, um campo novo de conhecimento, a ser articulado e relacionado com os demais saberes sobre o fenômeno educativo, de modo dialógico, dialético, complexo, mas também, incluindo-se nessa relação a contradição, o conflito, o jogo. (LIMA JR, 2006, p. 14).

Com isso, passa-se à concepção de que no ciberespaço, o virtual é uma maneira de ser e estar no/com os saberes inexauríveis e, por isso é poderoso, porque põe em destaque a produção, disseminação, leitura e aperfeiçoamento dos processos criativos, artísticos e educacionais na contemporaneidade sob a égide do desafio *continuum* pelo qual precisam passar as instâncias educativas.

O desafio proposto pelo ciberespaço, cibercultura, ciberdiscurso é um processo de "autocriação que fez surgir à espécie humana quando da transição cultural acelerada que vivemos hoje." (LÉVY, 1996, p. 12).

Assim, podem-se entender os aspectos sócio-políticos que fundamentam as discussões a respeito das transformações que as tecnologias intelectuais trazem à vida individual e coletiva na contemporaneidade, fazendo com que se possa atuar de maneira dialógica e que as polifonias²⁶ sejam consideradas como petencializadoras de saberes, sejam eles reais ou virtuais.

Para Lévy (1996) a sociedade contemporânea cartografada pela vias virtuais das tecnologias de informação e comunicação – TIC – somatiza as potencialidades dos saberes a partir da perspectiva da atualização. Destarte, o *virtus* segundo a visão escolástica é potencia, logo que "O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. [...] em termos filosóficos o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferente. (LÈVY, 1996, p. 15).

Nesse sentido, o ciberespaço leva ao encantamento devido à possibilidade de navegação por vias em que a imaginação é livre e, portanto, leva os cibernautas à produção e socialização de seus saberes por meio de comunidades potencialmente viáveis.

A imaginação, a memória, o conhecimento, a religião são vetores de virtualização que nos fizeram abandonar a presença muito antes da informatização e das redes digitais. [...] Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesse, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem um coersão. [...] A virtualização reinventa uma cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas cidades de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia. (LÈVY, 1996, p. 20).

Nesta relação é importante considerar que, os cibernautas são convidados ao fazer coletivo e, com isso, questionarem as realidades às quais pertencem, transformando-as por meio do compartilhamento de suas experiências no ciberespaço.

-

²⁶ BAKHTIN (2002) informa que na polifonia o diálogo entre os textos é perceptível e, assim, várias vozes são percebidas no discurso.

[...] humano vivenciar um tal processo ser ao criativo/transformativo/tecnológico também percebe se neste processo, reflete sobre o próprio processo, representando-o para si mesmo e para os outros, de modo que gera conhecimentos específicos sobre tecnologia e sobre técnica, sobre formas e meios de atuação, expressando-os através de linguagens e instituindo-os a partir de interesses diversos e do jogo de poder aí existente. Tal processo e os conhecimentos que lhe são inerentes são transmitidos, mas também são ressignificados no desenrolar histórico. (LIMA JR., 2006, p. 15).

Em decorrência disso os cibernautas criam realidades e deixam nelas suas subjetividades, marcando em sua comunicação: intenções, qualidades, desejos e sentimentos de pertencimento para, em seguida, produzir diálogos nos quais fatos individuais e coletivos sejam apresentados à apreciação dos atores sociais, políticos e culturais envolvidos no fluxo informativo da rede. A criação dessa realidade faz do ciberespaço o meio pelo qual ciberdiscursos cuja efemeridade é essência da práxis comunicativa se contextualizarem na sociedade contemporânea.

Assim sendo, tudo se faz e se desfaz na potencialidade do virtual por meio da evidenciação e análise da subjetividade empregada pelos cibernautas nos espaços da rede.

[...] sua realização e liberdade não são consideradas mecânicas e exclusivamente atividades técnicas de aplicação e de produções externas de bens materiais, mas dependem também de práticas que abrem novos espaços ao conhecimento, à compreensão à descoberta, à invenção, à reflexão, fruto de elaboração simbólica pela qual o sujeito humano institui a diferença, e de modo a atualizar e criar o modo humano de ser e estar no mundo, bem como o modo de humanização do mundo. (LIMA JR.; HETKOWSKI, 2006, p. 36).

A constituição do currículo contemporâneo aportado nas tecnologias educativas, incide por meio de conflitos existenciais, políticos e ideológicos, posto que cada um põe em evidência seus lugares de fala e escuta entretanto, deixa vir à tona vaidades e desejos individuais e coletivos, caracterizando, assim o jogo de poder e interesses existentes na comunidade educacional.

A presença das tecnologias intelectuais *chat e weblog* nos fazeres educativos e educacionais da sociedade contemporânea demonstra a questão tempo-espaço no "mundo da vida" quando da construção de sistemas simbólicos, nos quais são edificadas propostas de ensino e aprendizagem por meio da sincronização de elementos até então dissociados do fazer interacional; em que a escola e a

comunidade real e virtual tornam-se fóruns coletivos de trocas de saberes, podendo estes tornarem-se encantamentos.

Com isso, considera-se que o ciberespaço é recortado por ubiquidades e simultaneidades, posto que

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam "não-presentes", se desterritorializam. [...] A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo. [...] os coletivos mais virtualizados e virtualizantes do mundo contemporâneo são os da tecnociência, das finanças e dos meios de comunicação. São também os que estruturam a realidade social com mais força, e até com mais violência. (LÈVY, 1996, p. 21).

É nesse sentido que o ciberespaço configura-se como vias informacional e comunicativa que por meio de fluxos de signos representam os desejos de encantamento do ser contemporâneo.

Desse ponto de vista

[...] pouco a pouco, a unidade do mundo e das representações prevaleceu. Essa unificação pode ser observada em todas as áreas. Contudo, de maneira esquemática, ela é particularmente visível no que concerne ao político, ao social e ao ideológico. [...] Assim, as diversas particularidades regionais, as especificidades locais, os vários dialetos, os usos e costumes, os estilos de vida e até as instâncias de gestão ou governo provinciais foram aos poucos esvaziados, suprimidos, em prol dos Estados nacionais e de seus órgãos representativos. (MAFFESOLI, 2004, pp.13-4).

Ver-se, pois, que no contemporâneo o ciberespaço tem assumido discursos que alimentam de maneira efetiva sistemas e subsistemas que promovem a "inclusão do outro" a partir do encantamento que a linguagem e ideologia promovem nos cibernautas partícipes do universo digital, onde o sonoro, o visual e o verbal movimentam os sentidos de todos. Dessa maneira é importante compreender que o ciberespaço tem elevado as comunicações interpessoais a tal ponto que "as pessoas que mais telefonam são também as que mais encontram outras pessoas em carne e osso". (LÉVY, 1996, p. 23).

Na virtualização do corpo (LÉVY, 1996, p. 27) reconhece a importância das técnicas e das tecnologias de comunicação e telepresença, levando à inferência de

que isto é fruto de uma ideologia contemporânea na qual se imbricam na aventura de um corpo físico-social capaz de autocriação.

Nesse continuum está à ideal bios politikos com o qual se pode representar a nova etapa da cibersociedade onde o encantamento dos processos de ensino e aprendizagem leva na maioria das vezes, à virtualização dos saberes, com isso os corpos são edificados em imagens reconhecidamente virtuais no ciberespaço.

Nesse campo as percepções de si e dos outros tornam também virtualizadas de maneira que criam no cibersocial, formas de encantamento coletivo tanto para ensino e aprendizagem quanto para a negação de saberes até então escolásticos.

As pessoas que vêem o mesmo programa de televisão, por exemplo, compartilham o mesmo grande olho coletivo. Graças às máquinas fotográficas, às câmeras e aos gravadores, podemos perceber as sensações de outra pessoa, em outro momento e outro lugar. Os sistemas ditos de realidade virtual nos permitem experimentar, além disso, uma integração dinâmica de diferentes modalidades perceptiva. Podemos quase a reviver a experiência sensorial completa de outra pessoa. (LÉVY, 1996, p. 28).

A partir da elaboração de um ensinar e aprender no ciberespaço pelo estudante cibernauta e pelo professor ocorre de modo interativo e contributivo, sendo as tecnologias intelectuais responsáveis pela interação entre ambos e "mundo da vida e do ensino-aprendizagem virtuais".

O estudante interage com modelos de processos complexos cujo controle na escala real é impossível. [...] A consulta de bancos de dados para obter referencias bibliográficas ou, diretamente, as informações procuradas fará parte, em breve, do mecanismo normal da aquisição dos conhecimentos [...] A adaptação dos algoritmos à máquina e sua tradução numa linguagem de programação constituem a última fase, a da programação propriamente dita. (LÉVY, 1998, pp. 27-28).

Por isso, considera-se que as novas formas de acesso à informação: navegação por hiperdocumentos, caça à informação através de mecanismos de pesquisa ou agentes de *software*, exploração contextual através de mapas dinâmicos de dados, são mecanismos de construção dos saberes e, portanto, sugerem novos estilos de raciocínio e de conhecimento, tais como a simulação, verdadeira industrialização da experiência do pensamento, que não advém da

facilidade de conexão, mas sim do uso que se tem feito dessas tecnologias em favor da formação de uma "ecologia cognitiva" na qual se possa garantir a permanência dos saberes à disposição de cada um que venha se interessar por esses conhecimentos.

É importante destacar que o contato com as tecnologias intelectuais ocorre por meio de um saber prévio do cibernauta e, com isso, o indivíduo que se pretende fazer usufrutuário constante desse instrumento para sua formação tem que ir além e permitir-se ao acesso a novos paradigmas.

Ação educativa via tecnologias intelectuais *chat* e *weblog* e seu uso contemporâneo devem envolver formação do cidadão para que ele venha a fazer uso dessa tecnologia, considerando-a como um instrumento em prol da construção da cidadania na sociedade e, para isso, a escola ligada à *web* se torna em possibilidade e o local mais adequado para os primeiros contatos com o ciberdiscursos onde veiculam múltiplas referências de signos e imagens que produzem encantamento e seduz a todos à navegação.

Entretanto, nesse contexto como em qualquer universo de interação sóciocultural, há problemas estruturais e comunicativos, embora no ciberespaço as fronteiras geográficas e identitárias se tenham diluído, a distância cultural e linguística é a que mais impõe obstáculo aos cibernautas, posto que a maioria ainda não esteja preparada para viver as vicissitudes propostas pela rede e comunidades nelas vivenciadas, muitas vezes é fortemente fundamentada em dogmas, preconceitos e diversas formas de discriminação social, que impedem as pessoas de exercerem a liberdade para o seu próprio desenvolvimento.

Ver-se, portanto, que o mundo conquistado, desenraizado e transformado pelo avanço econômico e tecnocientífico gera novas possibilidades para a vida humana.

1.3 Chat e Weblog: subsistemas de inserção do outro

Sabe-se que Habermas em sua teoria da ação comunicativa indica o entendimento linguístico como mecanismo orientador à ação social nas sociedades modernas. Por conseguinte, o entrosamento linguístico dá a entender uma ação subseqüente, buscando a realização de metas dos participantes.

[...] a representação simbólica, o processo do trabalho e a interacção que tem lugar com base na reciprocidade estabelecem uma mediação entre o sujeito e o objecto, cada qual à sua maneira. A dialética da linguagem, do trabalho e da relação ética está desdobrada em cada caso como uma figura especial da mediação; (HABERMAS, 2006, p. 12)

Do mesmo modo, a ação comunicativa contém ao mesmo tempo um componente teleológico. O que individualiza e a qualifica são as inventividades de coordenação da ação que ela envolve. Esta constituição ocorre no sentido de ser o entendimento um artifício cooperativo da interpretação de algo no mundo.

Habermas (2006) fala de ação comunicativa quando os planos de ação dos atores implicados não se coordenam através de um cálculo egocêntrico de resultados, mas mediante atos de entendimento, interação e diálogos entre sujeitos comunicativos. O que se observa de forma contínua no ciberespaço, sobremodo, no chat e weblog, quando os cibernautas interagem com seus pares no ato enunciativo.

Na ação comunicativa os participantes não se orientam primariamente ao próprio êxito, procuram com isso seus fins sob a condição de que seus respectivos planos de ação possam se harmonizar entre si, sobre a base de uma definição compartilhada da conjuntura, fato este que a distingue definitivamente da ação instrumental.

Aplicado esse princípio habermasiano de ação comunicativa ao ciberespaço, ver-se que o ciberdiscurso propalado na rede é constituído do ideal de compartilhamento imediato do ato linguístico-discursivo, visto que a maioria dos cibernautas atua em níveis de comunicação partilhada. Nesse contexto, a ação que se coordena comunicativamente e os participantes esquadrinha, sem reservas, o entendimento racional, com o intento de chegar a um acordo que sirva de base aos planos da ação enunciativa individual e coletivamente.

Neste tipo de atuação comunicativa o mecanismo de coordenação é o entendimento de sujeitos que se colocam em uma posição proporcional. Mas este entrosamento é dinâmico à medida que toda ação no mundo objetivo é suscetível de crítica e pode ser questionada no ato interacional-comunicativo, tendo assim de justificar sua validade, inclusive podendo ser aceita ou rejeitada, segundo o firmamento ou não de um acordo entre os participantes.

Isso ocorre pelo reconhecimento intersubjetivo do anseio de validez que os cibernautas vinculam sua ação enunciativa na rede. Por conseguinte, uma ação

coordenada comunicativamente no ciberespaço²⁷, assim como seu fim, pode ser confirmada, ou modificada, ou parcialmente suspensa ou posta definitivamente em questão pelos próprios participantes da ação comunicativa na rede.

Nas sociedades ocidentais contemporâneas pós-tradicionais a justificativa de um determinado argumento tem que atender as três pretensões de validade: verdade (pretende que o conteúdo preposicional da emissão seja verdadeiro, sendo, portanto, compatível com um estado de coisas existentes), correção normativa (espera-se que a fala seja identificada diante do contexto normativo de uma sociedade concreta) e veracidade (que haja coerência entre o que o sujeito falante pensa e fala). Entretanto, quando qualquer uma destas ambições dialógicas for problematizada, existirá uma suspensão da ação, para que através da argumentação razões sejam apresentadas, iniciando-se um processo de discussão em busca de uma nova concordância, eliminando assim os ruídos no ato comunicativo no qual os cibernautas realizam seus discursos.

A problematização de uma norma assume um papel crítico diante da realidade sócio-comunicativa no ciberespaço, especificamente no *chat* e *weblog*. Se uma norma linguístico-discursiva não é clara o suficiente para aqueles que são por ela atingidos, ou se não atende aos interesses da comunidade virtual, os atores, individual ou coletivamente, argumentam contra a aplicação desta norma e levam a problematização; o "espaço público", buscando provocar as mudanças desejadas ou a geração de outra norma, ou até mesmo a expulsão do cibernauta da sala. Assim se pode inferir que é no espaço público da internet – *chat* e *weblog* – o lugar capaz de fomentar o desenvolvimento linguístico-discursivo, através da ação comunicativa, dos potenciais culturalmente desenvolvidos pelas sociedades modernas nos processos de definição política.

A condição rizomática do conhecimento na rede e as semioses contínuas são resultantes da nova perspectiva de construção e socialização de informações. A linguagem no ciberespaço é semelhante ao rizoma, que, segundo Deleuze e Guatari (1995) espalha suas conexões heterogêneas virtuais e as entrelaçam com redes semióticas que determinam quem está no poder ou fora dele, de forma que as ações

-

²⁷ Segundo Bettetini (1995) o ciberespaço opera com as possibilidades oferecidas por um sistema digital e a integração criativa do usuário através de processos interativos que o suporte digital, no caso o computador, potencializa.

individuais e coletivas não aparecem como bandeiras de lutas, mas sim, como fragmentos de sujeitos na coletividade da rede.

[...] qualquer ponto do rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. [...] cada traço não remete necessariamente a um traço lingüístico: cadeias semióticas de todas as naturezas são ai conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15).

Dessa maneira, pode-se considerar que os ciberdiscursos realizados pelos cibernautas nos *chat* e *weblog* constituem uma rede semiológica na qual não há apenas um lugar de ancoragem, mas sim vários pontos em que os sentidos se deslocam em direção ao significado mais elementar do discurso, a compreensão do grupo em dado contexto. Sem embargo da temporalidade, a possessão das novas linguagens que determinam o rizoma das tecnologias de comunicação e informação – TIC – pelos cibernautas tem garantido o diálogo entre grupos socioculturais para, com a noção de causa efeitos se justapor às regras de comunicação formal e suas nuances linguístico-discursivas que, embora não tenham necessariamente a qualidade linguística formal, é responsável pela comunicação e troca de saberes e informações em larga escala social e política.

Esta questão de um ponto de vista crítico leva à inferência de que as tecnologias intelectuais estão reorientando o uso da linguagem no ciberespaço – chat e weblog – e nas comunidades virtuais de forma a subverter a ordem do "mundo da vida" em subsistemas comunicacionais alternativos, porque há um número significativo de usuários produzindo novo *módus* de produção de linguagem configurada como código secreto que, tal o rizoma deleuzeano se espraia na virtualização da rede.

A linguagem no ciberespaço somatiza e leva os cibernautas à construção de identidades reais e imaginárias, fazendo com que o espaço virtualizado pelas TICs se faça importante tanto quando a mensagem. Assim sendo, os espaços virtuais se estruturam como *lócus* de linguagens heterogêneas no aqui e agora, cuja

efemeridade do discurso marca o processo dialógico dos indivíduos mediados pela world wibe wide (www) ²⁸.

As linguagens empregadas nos ciberespaços são efêmeras e sobrevivem apenas durante a conexão na rede, "aqui e agora paradoxal, sem lugar nem tempo claramente definíveis" (LÉVY, 1999, p. 247). Nessa lógica, faz-se necessário mencionar o contexto ainda não ocupado pela escola na linguagem virtual no sentido de orientar os estudantes que culturalmente já estão identificados e aceitos nas comunidades virtuais pela sua competência linguístico-discursiva e comunicativa em interagir com seus pares no universo virtual da comunicação na qual refletem, refratam elocuções que evidenciam culturas e características da contemporaneidade tecnológica e, com isso, fragmenta-se a procura de comunidades virtuais que partilhem do mesmo rito de interação verbal

[...] o espírito no movimento absoluto da reflexão sobre si mesmo que, entre outras coisas, também se manifesta na linguagem, no trabalho e na relação ética, mas é precisamente a relação dialéctica de simbolização lingüística, de trabalho e de interacção que determina o conceito de espírito. (HABERMAS, 2006, p. 12).

Assim sendo, a linguagem produzida pelos cibernautas em diversas situações comunicativas tem sido uma prática desafiadora no processo dialético da contemporaneidade, visto que nesse contexto o diálogo nas redes digitais vem se transformando em prática social e coletiva.

1.4 Territórios de errância, mistura e vida dupla

_

²⁸ Conforme Araújo (2008) a rede www foi criada em em 1991, na suíça por Tim Berners-Lee e, originalmente, servia para fazer a conexão entre computadores das instituições de pesquisa como propósito de dinamizar e facilitar o acesso dos pesquisadores aos resultados dos mais variados estudos. A ideia era fazer com que importantes documentos científicos fossem *hiperlinkados*, ou seja, ligados entre si num mesmo suporte, e ganhassem uma roupagem dinâmica, possibilitando um acesso fácil e rápido aos resultados dos estudos. Para Lévy (2000) a junção de textos, imagens e sons formam um hiperdocumento que pode ser acessado livremente e em qualquer lugar, bastando isso se tenha condições técnicas – computador ligado à internet e de preferência com banda larga – além disso, tem-se, portanto, a perspectiva da autoria e inteligência coletivas atuando num mesmo espaço e tempo. Nesse *mister*, Ramal (2002) ponderando a esse respeito considera que a rede www configura-se contemporaneamente como um espaço de interação humana no qual a comunicação "ocorre de uma maneira infinitamente mais ampliada e mais complexa" (Lévy, 2000, p. 14). Isso leva à compreensão de que há um novo *modus* de produção de linguagem suportado pelo espaço de enunciação proposto pelo ciberespaço onde signos se misturam e edificam novos sentidos à linguagem.

Para se conhecer e encontrar o caminho da vida é preciso se perder nos labirintos dos vícios e virtudes e, em seguida, deixar-se enrolar nas teias do desejo e do querer viver²⁹. (BARRETO, 2009)

Inicia-se esse subtítulo aceitando a provocação da epígrafe como um signo da contemporaneidade, que remete ao mito de Hermes e à "dialética da errância" e do "sedentarismo" proposto pelas tecnologias intelectuais e informação e comunicação ao homem do aqui agora. De fato, no ciberespaço tem havido um movimento duplo no que se refere ao reconhecimento de que tem havido a desterritorialização e duplicidade do eu linguístico - discursivo do cibernauta à medida que ele dialoga com seus pares tornam-se prolixos. Esse é um discurso "sem objetividade e subjetividade" de modo que as misturas revelam vidas duplas 30 – o que será mais adiante tratado com maior ênfase em capítulo posterior.

Os cibernautas no *chat* e *weblog* trilham no *fluxo* e *influxo* das correntes de pensamentos que no momento da enunciação estão em voga e, às vezes, se auto-afirmam pelo discurso do outro, isto é, através de ciberdiscurso cuja efemeridade dos signos linguísticos, imagéticos e culturais constitui a essência de cada um como ato político no qual há a aceitação do outro, de modo que essa questão Maffessoli (2004) problematiza a partir de sua compreensão de nomadismo; por associação de semelhança, pode-se dizer que os cibernautas são

Levados para onde sopra o vento, apenas fazem pose, mas, em suas opiniões ao sabor do momento, estão sempre à procura de uma geral e estável opinião pública. Sem ser profeta, pode-se predizer que, atingida por uma evidente desconsideração, a classe política logo, se voltara para essa intelligentsia que não mais respeita a longa paciência do pensamento. [...] o que vai bem no mínimo para lembrar uma sociedade complexa. Isso mesmo é que leva a escrever agressivamente com desenvoltura. A reunir o que está esparso, sem querer violentar a análise da moda [...] não se trata de convencer, de representar as coisas, mas de apresentá-la. Um ponto, e basta. (MAFFESOLI, 2001, p. 13-14).

Ocorre na maior parte das enunciações dos cibernautas na web, estas são representações sócio-identitárias que, às vezes, assume posicionamentos que

³⁰ Não se trata de especular sobre o conceito, tampouco recorrer à psicanálise para explicação, é, pois, uma concepção com a qual compreendo a forma como os cibernautas apresentam-se nos espaços virtuais.

-

²⁹ Pensamento poético-filosófico do autor dessa dissertação sobre a errância da vida na contemporaneidade.

colocam em contratempo a ordem estabelecida pelos convencionalismos da sociedade ortodoxa regida por uma razão instrumental, totalmente contrária ao mundo do diálogo e das paixões sociais.

Não obstante, o obscurantismo do desejo de reação proposto na ação comunicativa dos cibernautas quando de sua participação nas comunidades virtuais num tal ponto de vista; há nessas comunidades problematizações que revelam abismo entre "mundo da vida" e os "subsistemas" edificados na razão cartesiana do cogito.

Deste modo, é clara a resistência dos cibernautas à submissão às regras impostas pelo sistema, sobremodo, no campo da linguagem, uma vez que no *chat* e *weblog*, edificam-se um código secreto com o qual se materializam ideais e comportamentos. Então, nesse universo virtual são construídos binômios interessantes, dentre estes se destacam *resistência* e *submissão* que, segundo Maffesoli (2001)

[...] levam a uma espécie de *revê-pensée* – sonho imaginado – [...] sensibilidade teórica sabendo que cada coisa sempre é, mais ou menos, outra coisa em relação àquilo que parece ser, ou aquilo que se quer que ela seja. Daí o surgimento de uma atitude apofática, tal como em uma certa teologia, [...] Do mesmo modo, sobre o que é importante, na vida social, só indiretamente se poderia fazer referência. (MAFFESOLI, 2001, p.14).

É interessante notar que nas comunidades virtuais onde atuam os cibernautas, evidencia-se certo egoísmo, sobretudo, naqueles ambientes onde os atores sociais são jovens e adolescentes que mediam com subjetividades, o sistema de inserção e exclusão do outro por meio de avaliações *ad hoc* do nível discursivo apresentado pelos participantes da interação.

Pode-se igualmente lamentar quanto ao hedonismo egoísta das gerações jovens, ou, ao contrário, alegra-se por sua preocupação profissional e outros valores positivos próprios do produtivismo dominante. Pode-se, a partir da exigência de princípio moderno que faz do trabalho o valor essencial da realização do indivíduo e do social, ver [...] idéias convencionadas que só lembram opiniões ou projeções daqueles que detêm o poder de dizer ou de fazer. (MAFFESOLI, 2001, p.15).

Dada à complexidade da linguagem humana, seus signos e respectivas significações se delibera que as grandes unidades significantes do discurso, posto que seja perfeitamente perceptível que a sociedade atual organiza-se em torno de um grande e influente universo de signos, diga-se de passagem, bastante complexo do qual faz parte o ciberdiscurso realizado na web.

De igual modo, é também perceptível o estado incondicional em que se portam a linguagem humana e seus signos de valor incondicionados a quaisquer tentativas de regulamentação linguística por decreto. Nenhum outro sistema com a mesma complexidade e grandeza foi observado em nosso espaço e tempo.

Presume-se que qualquer objeto, som e palavra capazes de representar outra coisa, constituem signo. Na contemporaneidade, sobretudo, no campo das tecnologias da comunicação e da informação, depende-se do signo para viver e interagir com o meio no qual estamos inseridos. Exemplos são os ambientes virtuais; chat e weblog nos quais o homem comum pratica consciente ou inconscientemente a noção de signo e suas relações ao produzir discursos no ciberespaço.

Destarte o homem intelectualizado tecnológico e linguisticamente formado no ambiente virtual – adolescentes e jovens – da geração web não vivem sem o signo, precisa dele para entender o mundo, a si mesmo e às pessoas com as quais mantém relações humanas.

Na web, é imprescindível produzir sentidos por meio da linguagem híbrida na qual os signos verbais e não-verbais são condição sine qua non à manutenção do turno de fala, levando os cibernautas às interlocuções contínuas. Por isso, nesse contexto as noções de signo, linguagem e liberalidade semio-discursiva no ciberespaço são ampliadas ao nível da subjetividade humana e da linguagem que, reivindicam alteridade a tal ponto, que os cibernautas se auto-identificam de acordo com o momento da enunciação.

1.5 Weblog: do argumento à gerência de emoções na rede

Apresenta-se aqui de maneira ampla uma compreensão do que o weblog representa para a sociedade contemporânea; meio de produção e publicização de informações pessoais que por seu turno, associa-se, às vezes, ao individual e, por outro lado, ao social. O primeiro é nascente de uma tradição ocidental da escrita com a qual as sociedades registraram de maneira secreta suas

emoções - diários íntimos -, mantendo dessa forma a questão da privacidade que até então não existia devido à sociedade grega ter na *Paidéia* a melhor maneira de conviver e os discursos eram, portanto, públicos.

Com relação ao social, o *weblog* rompeu com a tradição da vida privada e põem em destaque e ao público as emoções dos indivíduos que, por necessidade psicológica de se fazerem vistos postam à rede seus cotidianos pessoais. Isso poderia ser compreendido como uma espécie de sessão de análise pública, na qual todos se escutam e se expressam ao mesmo tempo, entretanto, esta questão não está a lume, visto que não se trata de uma abordagem psicanalítica. Porém, não se exime de reconhecer a importância que essa ancoragem teórica tem nesse contexto.

Sabe-se que na contemporaneidade há uma presença contínua das tecnologias de informação e comunicação – TIC – que, segundo Lévy (2007) têm possibilitado à compreensão da chamada inteligência coletiva na qual os sujeitos interatuam inventando a linguagem quando jamais se falou, quando nenhum de seus ancestrais jamais proferiu uma frase.

É nesse sentido, portanto, quer se crer na ideia de que o weblog é um espaço de encontro de inteligências coletivas, as quais se associam à linguagem escrita uma série de signos culturais que, distribuídos e coordenados pelos membros das cibercomunidades levam ao entendimento coletivo de que há signos, por sua vez, migrantes e mutantis; deslizamentos vertiginosos entre as religiões e as línguas, zappings entre vozes e os contos, e bruscamente, na esquina de um corredor subterrâneo, surge à música do futuro... A Terra como uma bola sob o olho do gigante de um satélite. (LÉVY, 2007, p.16).

Em sendo o *weblog* uma tecnologia intelectual que se fundamenta em outra técnica, escrita; pode-se inferir que o reconhecimento de que as língua(gens) foram criadas e convencionalmente aceitas pelas sociedades em determinados momentos no interior de dadas comunidades, a produção da escrita no *weblog* é, sem dúvida, uma maneira de se repensar o conceito de público e privado, posto que o ato comunicativo *per si* assegura aos comunicadores possibilidades de trocas sejam elas simbólicas ou culturais.

Para Lévy (2007) a democratização da sociedade moderna passa a evidenciar-se à medida que os indivíduos vêem na língua a condição essencial para realizar a comunicação social no interior das sociedades. Dessa maneira,

reconhece-se que as práticas contemporâneas de comunicação realizadas por meio do *weblog*, são desconstruções desse processo. Isso tem ocorrido devido à capacidade e ampliação de espaços comunicativos criados pela *web* em escala global, deixando à mostra todas as relações que os sujeitos têm e criam com os aqueles que se identificam por meio da linguagem que praticam.

As línguas são feitas para a comunicação no interior de pequenas comunidades "de escala humana", e talvez para assegurar as relações entre tais grupos. Graças à escrita, vencemos uma nova etapa. Essa técnica possibilitou um acréscimo de eficácia da comunicação e da organização dos grupos humanos bem mais importante que o permitido pela fala. (LÉVY, 2007, p. 17).

Essa nova dimensão comunicativa tem permitido tanto a sujeitos expressarem seus sentimentos e emoções por meio de suas linguagens próprias como também a comunidades inteiras interagirem com o mundo em tempo integral. Isso para Lévy (2007) é uma oportunidade até então ímpar uma vez que a internet possibilitou o uso significativo das tecnologias intelectuais, sobremodo, *weblog* no qual a escrita ganha signos que a hibridiza, elevando às vezes a linguagem ao *status* de código secreto e, dependendo do contexto no qual se instala a comunicação inter-sujeitos-grupos, momento em que o diálogo é produzido de modo a contrariar todas as regras de comunicação escrita.

Destarte, o *weblog* como tecnologia intelectual da contemporaneidade tem permitido ao gerenciamento de emoções em rede de tal modo que

as diversas particularidades regionais, as especificidades locais, os vários dialetos, os usos e costumes, os estilos de vida e até as instâncias de gestão ou governo provinciais foram poucos esvaziados, suprimidos em prol dos Estados nacionais e de seus órgãos representativos. (MAFFESOLI, 2004, p. 14).

Nessa lógica, outra reflexão torna-se possível: as tecnologias intelectuais autorizadas pela internet, sobremodo, a linguagem realizada no weblog por meio da escrita como código secreto pode levar a uma nova maneira de se fazer a educação linguística na contemporaneidade? Em outras palavras, há nessa perspectiva um "ideal democrático" Arendt (2008) com o qual as relações sociais na rede se estabelecem a ponto de levar o sujeito da linguagem à antologia do ser a partir da

projeção de sentido e significado individuais e coletivos possíveis pela estrutura tecnológica da *web*?

Nesse *mister* pondera Maffesoli (2004):

A razão abstrata da estrutura tecnológica, que pretende, de fora para dentro, preencher as carências do indivíduo, corrigir os defeitos sociais, em suma, aperfeiçoar o que ainda existe de inacabado na natureza humana. (MAFFESOLI, 2004, p. 20).

Em verdade, a incompletude dos indivíduos os leva à socialização de suas inteligências coletivas e, com isso, estabelece-se uma ética com qual se pretende vivenciar uma série de acontecimentos nos quais as comunidades se autorepresentam na web.

Quanto melhor os grupos humanos conseguem se constituir em coletivos inteligentes, em sujeitos cognitivos, abertos, capazes de iniciativa, de imaginação e de reação rápidas, melhor asseguram seu sucesso no ambiente altamente competitivo que é o nosso. Nossa relação material com o mundo se mantém por meio de uma formidável infra-estrutura epistêmica e de software: instituições de educação e formação, circuitos de comunicação, tecnologias intelectuais com apoio digital, atualização e difusão contínua dos savoir-faire... Tudo repousa, a longo prazo, na flexibilidade e vitalidade de nossas redes de produção, comércio e troca de saberes. (LÈVY, 2007, 19).

Desse ponto de vista, o *weblog* torna-se uma realidade enquanto ferramenta de comunicação na rede e, portanto, tem demandado linguagem própria mesmo utilizando a escrita como meio de divulgação de informações e saberes na rede. Por outro lado, é fundante a compreensão de que a interação verbal suscitada no *weblog* ocorre de maneira assíncrona, se postam informações e, depois de algum tempo, os interlocutores postam seus os comentários na rede.

1.6 Weblog: linguagem e individuação da palavra

Discute-se o *weblog* como dispositivo de individuação da palavra escrita à luz da teoria social da linguagem, destacando assim, como os sujeitos do ciberespaço são perpassados pelas ontologias dos discursos realizados via escrita na *web*. Para isso, fundamentaram-se os argumentos no pressuposto de que nas

cibercomunidades, os cibernautas constituem-se como seres da e na linguagem, cujo ponto fundante é a velocidade com que as informações são trocadas.

A linguagem e as formas nas quais os indivíduos contemporâneos produzem seus discursos é consequência das relações sociais, linguísticas e culturais provenientes da presença social da *web* como espaço de comunicação, tendo nas tecnologias de informação e comunicação seu meio condutor e integrador dos enunciadores da língua(gens) possível no meio,

as formas de linguagem podem ser usadas de maneira mais ou menos consciente pelos grupos sociais, para se diferenciarem dos outros, por meio da fala, de uma forma elaborada ou "nobre" da língua ou mesmo de uma língua estrangeira... (BURKE, 1993, p. 10).

Nesse contexto, a política de linguagem circulante na internet, sobretudo, aquela que movimenta as relações sócio-comunicativas dos cibernautas é estruturada sob a égide da palavra escrita que, por seu turno, é carregada de ambiguidades com as quais, elementos semânticos e pragmáticos disputam a atenção dos interlocutores, a palavra escrita no weblog é vista como produção íntima, posto que a linguagem nesse contexto é carregada de sentidos individuais a tal ponto que se pode vê-la como existência histórico-social, cujo mérito é perpassado de interesses e fenomenologia da vida cotidiana na qual há o significado das coisas. (BURKE, 1993, p. 14).

No weblog, o autor é reconhecido como alguém que, em ação livre, expõe seus pensamentos, vontades definidas por meio de regras próprias, a autoria da escrita nesse espaço é, sem dúvida, transcorrida por intimidades com as quais a polifonia discursiva constitui-se o universo da linguagem. "Agora que o "autor" foi proclamado morto, parece que tudo o que resta para ser analisado são as próprias regras que a linguagem possui para escrever a si mesmo, o 'software' do texto". (BURKE, 1993, p. 14).

Esse fato tem sido recorrente na transformação tecno-linguística e no desenvolvimento da linguagem produzida e veiculada no *weblog*. Assim sendo, não se pode negar que a teoria da linguagem se faz cada vez mais presente. Reconhece-se a produção escrita no *weblog* e seu autor como autoridade intima. "a linguagem e os mundos conceituais e simbólicos por ela moldados são classificados de maneira abrangente." (BURKE, 1993, p. 14).

Nessa perspectiva, os grupos sociais entremeados pela força da palavra³¹ no *weblog*, constituem-se nas individualidades dos sujeitos de modo que nesse espaço de construção de cidadania e significados, a escrita é permeada por elementos de patriotismo e união de massas.

No plano da significação, a linguagem no *weblog* é entremeada de sociossemioses em que o visual – imagem – verbal – palavras e signos estruturam

o pensamento, transmitem informações e consolidam os contatos interpessoais. Nem toda troca é verbal: [...] e ignora a análise de funções tais como a comunicação, a preservação de memória e de registros, o exercício de documentação oficial, o próprio desenvolvimento da autoconsciência. (BURKE, 1993, p. 18).

Este é um dos pontos de referenciação à linguagem no *weblog*. Este é o novo deslocamento, ou desvio, daquilo que é considerado a linguagem padrão, visto que é com a palavra escrita que se faz a aprovação dos modos de fazer educação por meio da internet, mídia social contemporânea.

Mesmo assim, a maioria dos grupos dentro de tais sociedades – dos mais privilegiados às classes mais baixam sem mencionar os imigrantes e as maiorias – continuam, e ainda continuam, a manifestar altos níveis de diferenciação na fala ou na escrita (ou em ambos), devido tanto à relutância quanto à incapacidade de adaptação. (BURKE, 1993, p. 20).

Os membros participantes da comunicação no *weblog* atuam de maneira a contrariar o padrão comunicativo até então vigente, pois deixam vir à tona elementos da língua falada de forma a relaxar as práticas comunicativas, aviltando aqueles indivíduos que participam dos meios de comunicação em que as estruturas sociais são rígidas e perpassadas pelo rigor da escrita, empenhando-se, assim em campanhas de manutenção da "pureza" da língua(gem) escrita.

Todavia, reconhece-se que isso não é a homogeneização da língua(gem) no plano da comunicação via *weblog*, ao contrário, é uma ação em que a fala e a escrita se aproximam no processo de interlocução dos cibernautas com seus interlocutores. Assim sendo, considera-se que a língua(gem) realizada nesse *medium* se aproxima da linguagem que sustentam as letras das músicas de "rap", às

_

³¹ O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico. (BOURDIEU, 1997).

quais baseiam sua estrutura nos padrões rítmicos e de caráter pessoal que a linearidade da escrita não consegue registrar nem copiar. (BURKE, 1993, p. 21).

Diante disso, afinal, de que é constituída a linguagem escrita na *weblog*? Para Burke (1993) a palavra escrita individualiza os autores e ganha autoridade especial, posto que ela – escrita

Na maioria das sociedades todos falam, embora os membros de algumas ordens religiosas optem por não fazê-lo durante muito tempo. Há outros que são silenciados por deficiências que podem ou não ser naturais: a censura arquetípica é a excisão da língua. Escrever e ler são mais exclusivos. Conseguir que seus escritos sejam lidos é motivo de especial autocongratulação. [...] Os níveis de linguagem são dispostos em hierarquias sociais que, de maneira geral, são oficialmente reforçadas (e, às vezes, igualmente subvertidos, por meio das formas paródicas da comedia, do carnaval e da charge). (BURKE, 1993, p. 23).

Como consequência dessa multiplicidade de linguagens veiculadas pela tecnologia de informação e comunicação via *weblog*, bem como as mudanças nas maneiras de produzir e socializar informações individuais de caráter profundos experimenta-se assim, contínuas e variadas maneiras de se reconhecer os sujeitos nas incertezas da era contemporânea. (MORIN, 2001).

Nesse sentido, a Educação na contemporaneidade pode ser compreendida por outra dimensão: ensinar e aprender o *modus* de produção de linguagem por meio do uso do código linguístico veiculado pela internet tem outro significado, pois proporciona aos cibernautas condições de produzir informações via palavra escrita numa grandeza maior, cuja abrangência tem levado à compreensão de que as pessoas aprendem a todo instante, de modo que o entendimento de aprendizagem, na atualidade tem sido posto à prova, uma vez que as relações no ciberespaço são fontes de aquisição de saberes e, portanto, levam à constituição de uma nova forma de se pensar e fazer linguagem por meio do reconhecimento de que a palavra escrita é carregada de ambiguidades como o é o discurso oral.

No ciberespaço são cultivadas heterogeneidades discursivas e culturais de maneira que a questão da palavra escrita leva à inferência de que a língua(gem) ponderada na comunicação via *weblog*, molda as identidades individuais e coletivas postadas na rede.

Nesse sentido, Burke (1993) afirma que a língua(gem) deve ser vista como viga mestra no surgimento de novas maneira de se produzir relacionamentos por

meio do uso da palavra escrita, sobretudo, na manutenção de diários íntimos onde os indivíduos esboçam o registro e a reificação das memórias individuais e coletivas. Isso acontece porque

[...] nossa autoconsciência depende da posse da linguagem adequada, das palavras para dizer "eu", devemos pensar no surgimento da subjetividade moderna não apenas como a criação de um domínio intensamente privado, mas que se tornou possível por meio de certos tipos de discurso público. (BURKE, 1993, p. 27).

Ademais, o próprio meio – ciberespaço – *weblog* tende a moldar a linguagem e remodelar o vocabulário, bem como coloca em destaque conceitos que levam à compreensão de que a palavra escrita no weblog é fruto da criatividade e dos jogos representacionais possíveis pelo sistema sígnicos publicamente convencionalizados na web e que são compreensíveis no universo da ciberlinguagem.

Assim sendo, os cibernautas, participantes do weblog se interessam pela

totalidade de códigos semânticos dentro de um sistema coeso; vão investigar os usos que indivíduos e grupos fazem da linguagem que lhes seja disponível; vão se preocupar com os mitos e ideologias que cercam a linguagem em geral (homo loques, o homem ou a mulher como animal) e as linguagens individuais específicas. Estarão alertados para as relações entre as linguagens e os mundos imaginados. (BURKE, 1993, p. 29).

Nesse processo, na realidade, a participação criativa na produção e publicação de informações pessoais e sociais no weblog é muito mais sério que o singelo ato de escrita, e a linguagem do consumo e da publicidade de caráter pessoal são bem mais compreendidos na rede, do que em qualquer outro meio. O que realmente importa reconhecer é que por meio da palavra escrita no weblog, estar acontecendo uma revolução na maneira de se usar a linguagem como meio de exposição das intimidades.

Em verdade, o segredo desse tipo de produção escrita é a rapidez com que o interlocutor tem acesso às informações. Pois há nesse universo o hábito de se frequentar diuturnamente as páginas – *weblog* – das pessoas com as quais se relacionam os cibernautas.

Assim que o hábito é criado, é difícil acabar com ele, porque o tempo é algo muito precioso hoje em dia. Eu visito milhares de blogs por

ano, mas apenas um punhado diariamente. Esse "punhado" dificilmente é mudado e, se é assim comigo, também é com milhões. E de fato uma corrida para conquistar espaço na mente das pessoas, fazer parte dos hábitos do leitor da blogosfera. [...] a conversa tem valor mesmo se os autores não forem muito experientes; além disso, qual o sentido de uma reunião de debates sobre música em que não há compositores? (HEWITT, 2007, p. 19).

Reconhece-se, assim que a função primária da linguagem é a comunicação, por meio da linguagem se informa ao "ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive". (GERALDI, 1999, p. 5), então a noção de uma linguagem particular e até mesmo secreta é, sem dúvida, real no fazer discursivo da blogosfera.

Para Burke (1997) esta forma de se usar a palavra escrita revela a relação diametral entre o privado e público, visto que há nesse contexto um sistema linguístico velado que atua como um discurso realizado no interior do *weblog*.

Destarte, os discursos praticados no *weblog* são mantidos nesse contexto sob a perspectiva de que há um segredo a ser revelado a público. "A exposição está implícita no segredo, e os segredos, especialmente quando relacionados a rituais, podem ser construídos para fins de revelação retórica." (BURKE, 1997, p. 167).

Considera-se que a palavra escrita e a maneira como ela circulam no *weblog* indícios de que se necessita de novos conhecimentos sobre o *modus* de produção de linguagem que circula na *web*, posto que essa língua(gem) especial torna-se cada vez mais evidente nos dias atuais. Por isso, entende-se que o sujeito dessa linguagem é ontológico e, portanto, carrega em seu fazer discursivo sociossemioses que desloca do lugar comum a língua(gem) considerada padrão.

Dessa forma, as língua(gens) praticadas no ciberespaço, sobremodo, no *chat* e *weblog* dão conta de que, embora ainda a margem do processo linguístico convencional, portanto, não reconhecida como atividade intelectual, tem se tornado a preferência de milhões de usuários para realizar comunicação entre aqueles que as compartilham como código.

Nesse sentido, este "código secreto" recorrente no ciberespaço – weblog e chat – tem fascinado milhões de pessoas a buscarem a conhecer as intimidades de outras pessoas, estas dispostas a publicizarem seus sentimentos na web. Mesmo assim, é interessante que se diga quão difundido na rede é a presença do

*cibervoyeur*³², há indivíduos habituados a "bisbilhotar" o cotidiano das pessoas, visitando *blog*s pessoais existentes na blogosfera.

Apesar disso, não se deve associar demasiadamente a forma como a palavra escrita à questão do interesse pela intimidade dos outros. Até porque *weblogs* também têm apresentado outras possibilidades de comunicação, mormente, na perspectiva de entretenimento o que, é, sem dúvida, um espaço que gera "códigos secretos" da mesma maneira que outros espaços têm e o fazem. "[...] isso tem ocorrido especialmente desde o final do século XVIII, quando diversos esportes foram institucionalizados, comercializados e formalizados [...] uma linguagem deturpada, do tipo falado..." (BURKE, 1997, p. 21).

Por detrás dessa ação os cibernautas ao usarem a palavra escrita no ciberespaço há uma inquietação no sentido de afirmar que existe uma nova prática de se produzir língua(gem), posto que os cibernautas, por meio do uso das tecnologias intelectuais disponíveis na *web* assumem diferentes posições no ato comunicativo, isso significa que usam códigos variados visando a comunicação e a interlocução com os ciberleitores.

Por isso, à medida que o indivíduo se relaciona seja no cotidiano real, ou no ciberespaço, é levado a exercer diferente papéis ao usar a língua(gem), inclusive a falar e escrever de maneiras diferentes. No *chat* e *weblog* isso fica premente quando são usadas imagens e signos especiais³³ no ato comunicativo para que haja interlocução entre o enunciador e o enunciatário, posto que essa dependência é buscada no significado estabelecido em relação ao contexto e momento específicos da comunicação.

No ciberespaço esta produção criativa tem como finalidade a comunicação mais rápida e eficiente entre os iniciados. Já no que se refere à participação dos leigos nesse ato de enunciação, estes, sem dúvida terão dificuldades em se posicionar na conversação - *chat*, bem como na interação via escrita – weblog – visto que não domina o "código secreto". Dessa maneira, a linguagem dos cibernautas e outros iniciados no ciberespaço não é só diferente, mas é particular,

-

³² Corruptela da expressão francesa *voyer* a qual é usada com referência daqueles sentem prazer em acompanhar as intimidades dos que postam dados e informações pessoais na *web*

³³ Alguma coisa que representa algo para alguém. Peirce (1931) citado por Santaella (2000, p. 11). "O mundo esta se tornando cada vez mais complexo, hiperpovoado de signos que aí estão para serem compreendidos e interagidos. Já é mais do que tempo de nos livrarmos, de um lado, do preconceito estreito e empobrecedor de que a noção de signo equivale exclusivamente a signo linguístico, ou seja, de que só o signo verbal e signo". (SANTAELLA, 2000, p. 4).

um meio de comunicação que o público, incluindo os possíveis interlocutores especialistas e os incautos que, certamente seriam incapazes de decodificar tal ato enunciativo. "A linguagem das burocracias, em especial, tem sido criticada com freqüência como "elaborada para mistificar, para intimidar e para criar uma impressão de que a atual disposição da sociedade é imutável." (BURKE, 1997, p.23).

Até agora foram apresentadas questões que levam ao entendimento de que aquilo que se apresenta na palavra escrita no *weblog* de maneira ostensiva, com certeza pode ser considerado conhecimento, bem como também pode mostrar que é uma forma de expressão de um indivíduo em um grupo no qual, fala para todos e todos falam para ele; na medida em que receber de volta comentários em seus textos. Logo, é recorrente a concepção de que a linguagem é um sistema simbólico, com qual lidam de modo eficiente os cibernautas na rede ao realizarem seus atos comunicativos.

Sendo, a linguagem um sistema sociossemiótico e simbólico, deveríamos, pelo menos, nos perguntar sobre as possíveis funções simbólicas da palavra escrita no ciberespaço. Como tal, por exemplo, pode ser empregada em forma entretenimento, brincadeira, como acontece com frequência entre os cibernautas – crianças, adolescentes e jovens – quando a empregam individual o coletivamente.

Nesse sentido, o uso da palavra por uma cibercomunidade é um dos meios mais potentes de inclusão e exclusão, pois ela representa e incentiva corporativismo, criando assim um sentimento de pertença naqueles que se vêm representados no ciberdiscurso realizado.

Desse modo não é por acaso

que essa forma de linguagem seja desenvolvida de maneira tão rica em instituições totais, em que habitantes sentem-se extremamente diferentes do resto do mundo – descrito por eles em um série de pitorescas expressões de desprezo tais como "civies" [paisanos], "landlubers" [marinheiro de primeira viagem], "suckers"[otários e outras. Isso sem dúvida [grifo meu] é um meio e um sinal de iniciação em uma nova comunidade, verdadeiramente uma "segunda vida" (drugie zycle), (BURKE, 1997, p. 24).

Nas cibercomunidades onde a palavra escrita é empregada de modo que cada um pode dizer o que deseja à sua maneira, cria-se mecanismos de interação, de acordo com que é proposto no ciberdiscurso a língua(gem) expressa um desejo

de isolamento social e psicológico e não um afastamento físico do resto da sociedade, até porque no ciberespaço a questão da espacialidade física é o que menos importa, visto que ali encontram-se sujeitos do devir em um tempo discursivo a ser realizado na interlocução síncrona e assíncrona.

No plano do conteúdo semântico e pragmático da palavra escrita, da mesma maneira que sua própria significação traz consigo significados simbólicos. O ciberdiscurso é carregado de figuras de linguagem, sobretudo, metáforas e eufemismos e códigos. Exemplo, "namorar" significa "ficar" quem ainda não beijou na boca é conhecido na rede como "BV" – boca virgem – assim, a linguagem desse grupo social nesse contexto pode ser considerada uma forma de poder, uma maneira de se perverter o poder da língua(gem) e da comunicação dos grupos sócio-comunicativos até então instituídos.

Por outro lado, há que considere essa tipo de produção de língua(gem), considerando-a como uma língua(gem) franca, visto que esse tipo de comunicação realizada entre grupos na tensão cotidiana, se estabelece entre senhores e empregados. Entretanto, no ciberespaço não é possível associar a língua(gem) realizada no *chat* e *weblog* sob essa lógica, porque todos se apresentam com as mesmas características e, por isso, não há como medir e reconhecer a classe sócio-cultural de cada. Destarte, faz-se necessário reconhecer que

Uma língua franca poderia muito bem dar a impressão de ser [...] elaborada pra permitir que dois grupos sociais se comunicassem entre si porque existe nessa cena enunciativa [grifo meu] algo em comum entre os dois e complementam os vernáculos nativos dos falantes. [...] essa língua desenvolve-se pela combinação de elementos dos vernáculos, caracterizando-se assim numa mistura em que sociossemioses constituem a relação da palavra escrita com o contexto em se organiza a comunicação entre sujeitos e grupos. (BURKE, 1997, p. 26).

Não resta dúvida de que há algo sedutor, excitante, inspirador e criativo a respeito do processo pelo qual a palavra escrita usada no ciberespaço *chat* e *weblog* torna-se um "código secreto e antilinguagem³⁴" como vernáculo, ampliando seu vocabulário e suas funcionalidades semânticas e pragmáticas na *web*, constituindose de uma mistura sígnica e simbólica no sistema linguístico contemporâneo.

_

³⁴ Para uma discussão mais detalhada, consultar M.A.K. Halliday, antilanguages, 1976, reimpr. Em sua obra *Language as a social semiotic*: The social Intepretation of language and Meaning, Londo: Arnold, 1978; B. Geremek, Gergo, *Enciclopedia einaudi*, v. 6, Torino: einaudi, 1979, p. 726.

Diante disso, faz-se necessário distinguir a existência de vicissitudes ocorridas no modo e no fazer linguístico contemporâneo, os quais se constituem em "paralelos óbvios entre o processo linguístico e outras mudanças culturais que tem ocorrido no mundo no final do século XX." (BURKE, 1997, p. 27).

O fenômeno da escrita na web – mais precisamente, chat e weblog – às vezes, é considerado como consequência da especialização e a competição no ciberespaço, o espraiamento de novas linguagens e a consequente necessidade que os cibernautas e suas cibercomunidades têm de manifestar, defendendo assim, seu sentimento de pertença ao demarcarem seus territórios virtuais e de destacarem-se em relação a seus competidores virtualmente distribuídos na web.

Nesse contexto, uma das maneiras de se garantir esse espaço de comunicação está na criatividade em usar a língua(gem). Para isso, recorrem os cibernautas à inteligibilidade de suas enunciações para se incluírem e até excluir aqueles cibernautas considerados inaptos ou ameaçadores das lingua(gens) individuais e coletivas. Além disso, apesar das circunstâncias e contextos variáveis possibilitados pelo ciberespaço, há *modus* de produção de linguagem na qual concentram elementos da língua formal justapostos aos signos verbal, visuais e sonoros, cujos sentidos são decodificados por iniciados no ciberdiscurso da *web*.

A propósito do "código secreto" usado por grupos sociais na tentativa de se garantir sua legitimidade discursiva, faz-se importante destacar que, os primeiros indivíduos a fazerem uso desse artifício linguístico-comunicativo, foram os sofistas que, inclusive, foram criticados por Platão.

Numa dessas críticas, Górgias foi alvo por ter sido considerado "astuto artesão do falar" e sendo como tal "fazem, com o poder das palavras, as pequenas coisas parecerem grandes e as grandes coisas parecerem pequenas" por outro lado, Platão e Sócrates foram considerados importantes por falarem uma linguagem simples, bem como busca no cotidiano encontrar analogias da vida comum, do trabalho de parteiras e sapateiros seu vocabulário." (BURKE, 1997, p. 35).

Nessa premissa, encontram-se as bases para se entender o porquê de os cibernautas atuarem e construírem sua comunicação usando a palavra escrita no weblog na perspectiva de hibridização, pois ao mesmo tempo em que rebuscam seus enunciados, usam vocabulários e signos cujo sentido denuncia a ingenuidade do discurso. Há uma disposição em criar e circular no ciberespaço palavras e

expressões novas, contrastando assim, com o ponto de vista instituído pela língua(gem) formal circulante na escola e comunidades institucionais.

A DINÂMICA SOCIAL DA LINGUAGEM E AS ENUNCIAÇÕES CIFRADAS

Apresenta-se nesse capítulo sobre o *módus* de produção de linguagem e suas enunciações cifradas na *web*. Para isso, considera-se que a partir da compreensão de que a linguagem construída no ciberespaço por meio do uso das tecnologias intelectuais – *chat* e *weblog* – é um *modus* social e, portanto, se estabelecem com tal, nos mais variados espaços cultural, social e político. Com isso, a utilização dela [linguagem] no *chat* e *weblog* no fazer cotidiano do cibernauta do Território de Identidade de Irecê – BA é uma realidade a ser considerada porque há uma prática efetiva de comunicação na rede de comunicação mundial, Internet.

Nesse sentido, Longo (2006) pondera sobre a noção de linguagem dizendo que:

A capacidade humana para criar linguagem se realiza na língua de uma comunidade lingüística específica. O sujeito utiliza essa língua em sua fala (ou discurso) individual. Dada sua origem "comunitária", a fala de sujeito é necessariamente vascularizada pelas vozes da cultura de que faz parte, dentro de uma sincronia em constante mutação, sem jamais atingir o "equilíbrio" ou o ponto ideal" – que só poderia ser mítico. (LONGO, 2006, p. 9).

A partir dessa perspectiva, sabe-se que a linguagem é dinâmica e, portanto, quaisquer tentativas de prendê-la em uma estrutura ou suporte se tornam uma luta vã. Assim sendo, a *web* como suporte que permite inovações no uso da linguagem e, por conseguinte, a interação entre os cibernautas é possibilitada em virtude das perversões linguísticas advindas das impressões provocadas pelo meio nas enunciações de cada agente enunciador.

Nesse sentido Bakhtin (2002) é de opinião de que a consciência individual da linguagem é uma prática sócio-ideológica a qual, nesse contexto em que os cibernautas ao se pronunciarem na rede, reconstroem a sua maneira a linguagem, isto é, as palavras e as sentenças postadas no *chat* e *weblog* ganham *status* de signo, portanto mediadoras da nova ordem que se estabelece no ciberespaço.

Certamente, isso ocorre porque os cibernautas se admitem na relação com a linguagem e o ciberespaço ao exercício da atividade humana. A prática de linguagem de acordo com suas necessidades imanentes carrega em si outros

referenciais e, dessa maneira escolhem a melhor forma de se garantir como ser humano, que modifica e é modificado nas relações sociais e de linguagem produzidas no âmbito da cultura, numa relação dialética com o contexto e o meio em que atua.

Dessa forma, não é possível delimitar numa perspectiva de *web* a manutenção unilateral da linguagem. Dizendo de outro modo, o conhecimento propagado na *web* via *chat* e *weblog* mesmo sendo relativizado se dá por meio das modificações e das interações sociais, políticas e culturais pretendidas pelos cibernautas ao construírem seus enunciados.

Por isso, a constituição do sujeito e da linguagem toma novos rumos, os quais resultam em compreensão de que "toda a parte verbal de nosso comportamento (quer se trate de linguagem exterior ou interior) não pode, em nenhum caso, ser atribuída a um sujeito individual considerado isoladamente." (BAKHTIN, 2002, p. 89).

Infere-se a partir do que diz Bakhtin (2002) que a atividade linguística e social presente nas enunciações do cibernauta, visando a perversão da ordem é, sobretudo, resultantes de uma manifestação individual do sujeito, na qual buscava assegurar seu lugar de fala de maneira a diferenciar-se dos demais domínios de formas de produzir discursos.

2.1 Chat e Weblog: comunidades e linguagem cifradas

Tem-se como intuito investigar como ocorre o processo de produção de linguagem e os sentidos atribuídos aos discursos realizados pelos cibernautas nos espaços virtuais – *chat* e *weblog* –, quando da comunicação com seus pares.

As linguagens em suas diversas situações comunicativas têm sido um desafio ao homem contemporâneo. A Internet é um ciberespaço que tem proporcionado uma nova linguagem que vai além das imbricações tradicionais da norma culta da língua, por ser um ambiente em que prevalece a escrita, mas que requer habilidade e velocidade da fala, o cibernauta ao interagir com seus interlocutores em ambientes de *chat* e de *weblog* desenvolve diante da necessidade, uma escrita com características que a aproximam da oralidade. Essa aproximação traz discussões acirradas no meio escolar, haja vista a influência dessas nas produções de texto dos estudantes usuários de ambientes virtuais.

Assim, um dos maiores problemas, com o qual nos defrontamos, é a escrita de texto escolar igual à realizada no ambiente cibernético. Por isso, passamos a entender a produção da linguagem como sistema de signos convencionais, os quais auxiliam os membros de uma comunidade a realizarem comunicação à sua maneira. O diálogo nas redes digitais vem se transformando em instrumento de interação sociocultural cuja codificação torna-se um "segredo" com o qual lidam os iniciados e, portanto, deve ser acompanhado de procedimentos de pesquisa científica, uma vez que seus usuários utilizam como fenômeno identitário e cultural, em que a criatividade linguística se conecta às novas ciências e técnicas, especialmente, a cibernética.

A vida em sociedade supõe um problema de intercâmbio e comunicação que se realiza fundamentalmente pela elocução, meio mais comum de que dispomos para tal. Dessa maneira, situamos a linguagem secreta [ciberdiscurso] produzida nas mídias digitais como elementos semiológicos em que signos de identidade e cultura se manifestam, isto é, os usuários e produtores de linguagem cibernética utilizam gestos, sons e imagens por meio dos quais são identificados e aceitos como membros das comunidades de fala.

Neste sentido, entende-se a dinâmica social da linguagem do *chat* e *weblog,* na medida em que ela é usada como suporte de uma dinâmica social da conversação, a qual compreende não só as relações diárias entre os membros da comunidade virtual, como também uma atividade intelectual que vai desde o fluxo informativo dos meios de comunicação de massa até a vida cultural, científica e literária dos participantes da rede www (*world wide web*).

Diante disso, inferimos que a produção de linguagem, nos espaços virtuais, onde a Internet se tornou recurso tecnológico essencial à produção linguística, ganhou caráter interdisciplinar. Os homens comuns, bem como estudantes sentiram a necessidade de ampliar seus campos comunicativos; para isso produzem enunciações cujos sentidos são aportados pelo enunciatário, conforme seu lugar de fala e escuta na rede digital.

A cada dia vai se fixando como legislação uma norma linguística por meio da qual os usuários desse código [sala de bate-papo] acabam por eleger a melhor maneira de se comunicar dentro de seu grupo geográfico, étnico, econômico e social.

A comunidade aceita uma língua como seu meio primordial de comunicação, motivo pelo qual a tendência é manter sua unidade, colaborando todos, consciente e inconscientemente, no sentido de sua nivelação, pois dessa maneira a compreensão será mais fácil, e a própria integração do indivíduo na cibercultura acontecerá facilmente.

A partir desse ponto de vista faz-se uma interlocução com Burke e Porter (1997) por inferir-se que eles discorrem sobre o processo de produção de linguagem nos mais variados espaços sociais. E, também Bernstein (1971), ressalta a existência de diferentes tipos de linguagem, determinados pela origem social. De acordo com sua teoria, é a estrutura social que determina o comportamento linguístico. Para relacionar língua, cultura e pensamento são necessários nessas relações à mediação da estrutura social que gera diferentes códigos linguísticos. Esses códigos transmitem a cultura, determinam comportamentos e modos de ver e de pensar. Eles não somente refletem, mas também determinam à estrutura de relações sociais.

Esse autor, neste caso, estabelece ainda uma distinção entre "código elaborado" e "código restrito". Para ele, os grupos sociais caracterizam-se por orientar diretamente suas escolhas lexicais e estruturais (código elaborado para cibernautas iniciados e código restrito para iniciantes). Isso devido ao fato de que o código é transmitido e adquirido em interações que são culturalmente específicas.

Mais tarde, ele enfatiza menos os aspectos lexicais e morfossintáticos, privilegiando o aspecto semântico que passa a ser considerado determinante dos dois primeiros aspectos: verbal e não verbal. Levando isso em consideração, os usuários de *chat* e *weblog*, sujeitos da pesquisa podem ter seu código modificado de acordo com o grupo social, aproximando-se do código restrito pelas características linguísticas da interação verbal neste ambiente de rede. Aquele que tem o código elaborado pode adequar-se, com maior facilidade, ao código restrito, devido a sua característica universalista. O código restrito como prática diária, manterá sua característica particularista em que relaciona linguagem e contexto de forma mais restrita que a universalista.

É preciso salientar que um código não é melhor que o outro, o que existem são diferenças e não deficiências. A língua e o comportamento linguístico estão estritamente relacionados ao contexto sociocultural. É preciso considerar o aspecto heterogêneo da língua. A deficiência linguística é um estereótipo resultante do

preconceito linguístico. Nossa sociedade ainda exige imbricações da linguagem de forma tradicional, privilegiando uma estrutura padrão.

As discussões acirradas sobre a influência da linguagem dos *chat* e *weblog*, encaradas como situações preocupantes, transparecem numa sociedade enraizada nas noções de superioridade e inferioridade da língua, noções essas que são determinantes na vida do cibernauta.

O contexto da tecnologia digital implica em novas formas de agir na sociedade, as relações se ampliaram; no passado, as interações eram basicamente face-a-face, no presente, a interação ocorre também através do computador, sendo este o meio potencializado pela rede.

Segundo Ramal (2002), a conexão simultânea dos atores de comunicação a uma rede traz uma relação nova que implica em novas formas de ler, escrever, pensar e aprender. Desde muito cedo os jovens aprendem a utilizar a linguagem de forma culturalmente determinada, mas é a conversa casual, provavelmente, o tipo de linguagem mais usada entre as várias formas de utilização da língua oral. Nessa linguagem casual, o código restrito é o mais utilizado, independentemente da classe social. E, por sua vez, suas marcas estão explícitas nas produções de textos, cuja linguagem exigida é a linguagem escrita na ortografia convencional.

As salas de bate-papo constituem oportunidades para o usuário mesclar marcas da oralidade na escrita. O ambiente de comunicação sincrônica é como uma teia em que o locutor está interagindo com vários interlocutores como em um encontro face a face. Para haver comunicação eficaz, há necessidade de os interlocutores obedecerem a regras, não deve haver fala simultaneamente, cada um deve ter a sua vez, isso é o que Marcuschi (2001) denomina "tomada de turno", ou melhor, "fala um de cada vez". O *feedback* também deve ser imediato, exigindo destreza em reunir velocidade, concentração e clareza na comunicação.

Vale lembrar que na interlocução, por ser um processo ativo de ambas as partes, aquele que exerce o papel de locutor será também o receptor da mensagem. O processo dialógico do discurso vem à tona, pois decorre da interação verbal que se estabelece entre o enunciador e o enunciatário.

Para Cagliari (2002) a escrita em si abre caminhos a uma multiplicidade de sentidos, sendo, portanto, mais que um espelho da fala. Assim, nos ambientes de comunicação virtuais, chat e weblog, a escrita do internauta passa a ser a

representação da linguagem oral, uma vez que a interlocução se realiza mediada pelo teclado.

Diante disso, encontramos a questão ortográfica como forma de normatizar a escrita para neutralizar a variação linguística, trabalhando a escrita em seu aspecto funcional, possibilitando assim o sujeito da enunciação se enquadrar nos parâmetros exigidos pela norma culta utilizada em textos escolares, acadêmicos, jurídicos e outros.

Segundo Kato (1990), percebe-se que as diferenças formais entre oralidade e escrita são diferenças acarretadas pelas condições de produção e de uso da escrita. Para se comunicarem no ambiente de comunicação virtual veiculado pela Internet, os interlocutores criaram códigos próprios e seus textos são corridos, com seqüências e turnos bem próximos da conversação.

Para Marcuschi (2001) diálogo se realiza a partir do instante em que seja "turno é a produção de um falante enquanto ele está com a palavra. [...] Seqüência é constituída por um par conversacional, [...] é uma série de turnos sucessivos que se ligam por alguma razão semântico-pragmática." (MARCUSCHI, 2001, p. 51). No que se refere à cultura contemporânea e suas significações, sobremodo, no plano da linguagem, aportarm-se nossas observações na teoria da trocas simbólicas de Bourdieu, visto que a prática comunicativa nos ambientes virtuais se configura numa espécie de troca em que os sentidos se justapõem e a "língua aparece como a condição de inteligibilidade da fala, a mesma perspectiva que privilegia as relações que os signos mantêm com a realidade virtual." (BOURDIEU, 1999, p. 45).

Bernstein (1971) ressalta a existência de diferentes tipos de linguagem, determinados pela origem social. De acordo com sua teoria, é a estrutura social que determina o comportamento linguístico. Para relacionar língua, cultura e pensamento, é necessário incluir nessas relações a mediação da estrutura social que gera diferentes códigos linguísticos. Esses códigos transmitem a cultura, determinam comportamentos e modos de ser e de pensar. Eles não somente refletem, mas também determinam a estrutura de relações sociais.

Assim sendo, a aprendizagem acontece por imitação ou modelagem. As pessoas podem aprender respostas novas, simplesmente observando o comportamento de outras. Por isso só haverá aprendizagem, quando certas condições no indivíduo fazem-se presentes, tais como atenção, retenção, reprodução motora e motivação.

Dentre os efeitos possíveis que podem ter a aprendizagem por observação, pode-se mencionar: aquisição de respostas e habilidades cognitivas pelo observador; inibição ou desinibição de condutas; efeitos de incremento ou de maior uso do estímulo ambiental e efeito de ativação de emoções.

O sistema de pensamento que se inicia nesse período oferece ao adolescente novo mecanismo para dar significado a sua própria experiência, particularmente, ao que se refere à compreensão da sua identidade enquanto pessoa. Isso acontece, diga-se de passagem, de maneira simplificada nos ambientes virtuais c*hat* e *weblog*, pois os internautas interagem por meio de código restrito.

Nesse contexto que o adolescente é muito vulnerável à pressão externa no sentido de seguir a comunicação no ciberespaço. Essa influência sobre o adolescente é forte e, sobretudo sobre seus pares será maior, haja vista que a experiência com pessoas próximas ou da mesma idade, contribui para o reforço de sua identidade.

2.2 Web: lugar de formação cultural e linguística do cibernauta

Considera-se que os processos educativo, formativo e linguístico dos indivíduos, ocorrem a partir do diálogo entre as culturas em que os usuários destacam.

[...] o processo educativo como um processo de conhecimento, possuindo, como este, numa base sócio-histórico-cultural. Na constituição estão presentes não só a bagagem cognitiva de professores e alunos mas também as características da interação desenvolvidas entre eles, assim como o contexto social e cultural que compartilhem. (SOUZA, 2003, p. 125).

O desafio de ensinar linguagem na escola pública, atualmente requer que o professor deixe de olhar de maneira distorcida para a (in)capacidade linguística do estudante, e busque junto à escola e à comunidade em que ambos atuam, maneiras de relacionar o saber empírico – gramática internalizada - com o saber linguístico pretendido pela norma padrão.

Para superar esses obstáculos, faz-se necessário uma ação conjunta, isto é, os profissionais da linguagem precisam buscar junto aos seus pares e a comunidade

escolar uma maneira de construir novos significados para o ensino, especificamente, o ensino de língua(gem), o qual precisa passar por reformulações sistemáticas através de uma cultura linguística que transforme os estudantes em agentes criadores de conhecimentos, evitando, assim, o vício institucionalizado da reprodução e da cópia automática de pensamentos em redações escolares.

Para isso, é necessário à aquisição de conhecimentos interdisciplinares, uma vez que o trabalho com o ensino de língua é, na verdade, um ato político, ideológico e linguístico, pois tem como foco a formação cultural do aprendiz. É fundamental que haja mudança nas ações dos professores e da escola, uma vez que com a web começa a construção de novas relações para que uma efetiva interação entre o cibernauta, a língua(gem) e os demais sujeitos aconteça por meio do processo dialógico que somente a linguagem é capaz de proporcionar.

O papel da *web* é fazer de maneira rápida com que seus usuários acessem e interajam com o maior número possível de sujeitos coletivos. Para isso constroem à sua maneira código de linguagem específico para cada contexto.

Seguindo esse raciocínio, sugere-se que ao se praticar a linguagem, o estudante e o professor precisam compreender que tal procedimento no *chat* e *weblog* é espontâneo e, portanto, a aquisição da linguagem será por imitação prática do ato de falar.

Conforme já se mencionou no corpo dessa discussão, o ensino de Língua Portuguesa na escola pública está baseado em princípios que regem a norma escrita, em detrimento do aspecto da fala.

Diante desse domínio, os meios de comunicação de massa conduzem os aspectos linguísticos que a escola abomina; a oralidade. Com isso, a Televisão apresenta em sua programação quadros que promovem a verbalização da língua, trazendo ao telespectador uma linguagem.

Assim sendo, temos como exemplo a língua usada pelas tribos urbanas, os *happers*, etc. – *velho* segundo a linguagem das ruas; significa *amigo*, contrariando dessa maneira o que regulamenta os princípios semânticos e gramáticos da língua escrita³⁵.

Nesse plano de reflexões, faz-se imprescindível reportarmos ao que disse Vygotsky (1989), quando estudou o papel que a linguagem desempenha no

³⁵ Adj. 1. Muito idoso. 2. antigo. 3 gasto pelo uso. 4. experimentado, veterano. 5. que há muito exerce uma profissão ou tem certa qualidade. Mini-Aurélio.

pensamento do homem moderno, tendo como referência os princípios da gramática afirma

[...] A gramática é um assunto que parece ter pouca utilidade prática. Ao contrário de outras matérias escolares, não ensina novas habilidades à criança, pois este já conjuga e declina antes de entrar na escola. Já se chegou até mesmo a dizer que o ensino da gramática na escola poderia ser abolido. Podemos replicar que a nossa análise mostrou claramente que o estudo da gramática é de grande importância para o desenvolvimento mental da criança... Ela pode não adquirir novas formas gramaticais ou sintáticas na escola, mas graças ao aprendizado da gramática e da escrita, realmente tornou-se consciente do que está fazendo e aprende a usar suas habilidades conscientemente [...] (VYGOTSKY, 1989, p. 68).

Acredita-se que o uso da gramática normativa como instrumento de orientação é necessário, embora sua aplicação em sala de aula deixe a desejar. Isso se verifica no trabalho que é realizado em sala de aula pelos profissionais da linguagem – professores de português. Porque a ênfase está nos conceitos e regras inutilizados por parte do alunado, no cotidiano. Outro ponto interessante a ser destacado nesse raciocínio é a posição que o professor assume ao ministrar tais conteúdos. Na verdade, tal profissional se esconde em normas que ele pouco domina, tirando do aprendiz qualquer reação, uma vez que, fica preso aos domínios pretendidos pelo "operador da linguagem."- o professor gramatiqueiro.

2.3 A desgramaticalização da língua: Chat

Ao se considerar que todo sujeito traz em si uma capacidade linguísticodiscursivo-comunicativa oriunda de seu meio social, e que nela há uma relação direta e indireta entre gramática normativa - que se volta para a língua escrita e gramática descritiva que possibilita o entendimento dos usos que os cidadãos fazem da língua(gem) em suas localidades, uma dicotomia que conduz à crise no ensinoaprendizagem da língua portuguesa.

À medida que o professor compreender que a gramática é um conjunto de regras que, significativamente auxilia o falante na construção de sentidos para sua realidade comunicativa, tornar-se-á diligente e a aplicação dos conhecimentos será mais consciente diante de tais preceitos.

Nesse processo, Bakhtin (2002) tem razão quanto à questão do dialogismo, uma vez que a língua, normalmente é resultante de diálogos. Em outros termos, é na confluência de mecanismos linguísticos que nascem as formas de comunicação entre os usuários da língua. Por isso, é importante para o professor de língua portuguesa, valorizar os diálogos e a oralidade do aluno, trazendo-os para a realidade da escrita, o que pode ser uma forma de se construir uma conversa entre a norma e a descrição do idioma sob a égide da gramática. Com isso, diminuir-se-ão os abismos existentes entre o real e o idealizado para o ensino.

Nessa perspectiva de ensino de língua(gem) a partir das tecnologias intelectuais *chat* e *weblog*, tem levado autoridades em linguística e gramática, embora confrontem na maioria das discussões, chegam a uma conclusão: A função da escola é proporcionar ao educando acesso a variados níveis da língua(gem) – verbal; não formal, entendo claro que, os métodos devem ser observados em conformidade com as necessidades sociais e culturais dos estudantes.

Esse procedimento metodológico pode ser uma forma de o professor levar os aprendizes à inferência de que a língua faz parte da cultura e, por isso, é usada de maneiras distintas. Todavia, o "operador da linguagem", inevitavelmente se coloca à frente dos preconceitos que surgirão.

A tese de natureza político-cultural diz basicamente que é uma violência, ou uma injustiça, impor a um grupo social os valores de outro grupo. Ela valeria tanto para guiar as relações entre brancos e índios quanto para guiar as relações entre — para simplificar um pouco — pobres e ricos, privilegiados e "descamisados". Dado que a chamada língua padrão é de fato o dialeto dos grupos sociais mais favorecidos, tornar seu ensino obrigatório para os grupos sociais menos favorecidos, como se fosse o único dialeto válido, seria uma violência cultural. (POSSENTI, 1996, p. 18).

Nas palavras do linguista acima citado, há uma preocupação no que poderá acontecer quando se insiste em ensinar a norma padrão aos estudantes de classe menos favorecidas, sem que se faça uma reflexão sobre os problemas de relacionamento entre os possíveis falantes da norma não padrão.

Entendendo que o trabalho com língua(gem) vai da culturalização à cognição, leva-se em consideração o que o sistema de ensino de linguagem veio praticando nas escolas que atendem estudantes de maneira homogênea, sem contudo refletir

sobre as novas potencialidades presentes pelas tecnologias intelectuais *chat* e *weblog* as quais tem suscitado a novo *modus* de produção de linguagem.

2.4. A língua: patrimônio cultural coletivo

Até aqui se mostrou as relações que se estabelecem ou (deveriam) entre o processo de ensino aprendizagem de língua portuguesa na escola pública brasileira e o uso que os cidadãos fazem dela no cotidiano, especialmente, quando estão imersos no ciberespaço, no qual a tecnologias intelectuais assumem lugar de destaque. Por isso, o papel que o professor deve desempenha nesse contexto é certamente de mediador.

Dessa forma, nos ficam prementes dois aspectos importantes: a) língua como mecanismo de ascensão cultural e social, posto que a escola internaliza nos estudantes conteúdos e conhecimentos que dizem respeito apenas a uma parcela mínima da sociedade – aquele que detém o poder de decisão por meio da escrita; b) o uso da oralidade no cotidiano comunicativo, de maneira que a língua falada se distancia da escrita, dando a impressão de que é desprestigiada e faz parte de um universo menor da sociedade, o que não é verdade, mas sim uma forma de classificação dos usuários do idioma nacional.

Nessa linha de raciocínio, é possível perceber que a língua usada pelo cidadão transforma-se automaticamente em sua identidade. Logo, a língua de um determinado grupo social deve ser preservada com o maior rigor possível, sob pena de se construir um novo significado para a comunidade linguística em questão, levando o falante a possível perda da origem linguística. Assim sendo, percebe-se que a língua(gem) cifrada que os cibernautas usam na ciberespaço por meio do modus de produção de linguagem possibilitados pelo *chat* e *weblog* é um processo cultural e patrimonial da coletividade da *web*.

Tomando isso a termo infere-se que:

Toda língua é um patrimônio cultural, um bem coletivo. A maneira como paulatinamente nos apropriamos dela – com a mediação da família, dos amigos, da escola, dos meios de comunicação e de tantos outros agentes – determina, em grande medida, os usos que dela fazemos nas mais diversas práticas sociais de que participamos cotidianamente.(LAURIA, 2002, p. 55).

Pressupõe-se que tal ação é de caráter sócio-ideológico, Bakhtin (2002) em seu estudo sobre os aspectos filosóficos e sociais da linguagem, chama atenção para a importância na compreensão dos signos linguísticos instituídos coletivamente pelos usuários do código social – a língua. A consciência linguística e comunicativa do falante se processarão num plano ideologicamente firmado entre os agentes da comunicação. Por isso o teórico afirma que é "fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se. (BAKHTIN, 2002, p. 35)."

A partir disso, o teórico russo particulariza a discussão sobre os signos e a denomina de *consciência individual* as manifestações sócio-ideológicas da linguagem realizadas consciente e inconscientemente pela coletividade, as quais segundo seus princípios devem ser inferidas como possibilidade de concretização de signos idealizados no plano da língua.

[...] A existência do signo nada mais é do que a materialização dessa comunicação. É nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos. [...] A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade de toda palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada de que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (BAKHTIN, 2002, p. 36).

Dessa forma, cabe aos profissionais da linguagem entender que há um número significativo de sujeitos que tem o português falado e todas as suas variações coloquiais como língua materna — possibilidade única de comunicação. E isso tem sido ampliado cada vez mais em virtude das potencialidades e do uso das tecnologias intelectuais *chat* e *weblog* com os quais a linguagem tem nova significação para além daquela imposta aos signos sociais através da escrita, que nesse contexto deixa de ter, portanto, aspectos de língua estrangeira. Diante disso, o ensino de língua portuguesa precisa ser dinâmico no uso da língua(gem) possibilitada pelo e no *chat* e *weblog*, visto que as mudanças no idioma falado e escrito ocorrem de forma muito rápida.

A língua(gem) realizada no *chat* e *weblog* deve ser ensinada pelos professores de língua portuguesa sem problemas, visto que o idioma é a expressão da identidade nacional é construída por meio da linguagem nas perspectivas

sincrônica e diacrônica. Todavia, esses pesquisadores entendem como língua nacional, a que se baseia no princípio da escrita. Portanto, acreditam que a defesa do patrimônio nacional linguístico esteja fundada na gramática da língua.

O Brasil é um país de idioma sem gramática" – será afirmação válida para daqui a algumas décadas. Até que esse dia chegue continuemos a fingir que falamos uma língua culta, sem influência de promiscuidades regionais nem tribais, artísticas nem raciais, sem a perniciosa interferência de professores relapsos nem de acadêmicos derrotistas, sem criações gráficas exóticas para designar produtos de indústria ou para indicar tribos de índios, sem deformações sintáticas introduzidas, sob o pretexto da cadência musical, por levianos ou ignorantes [...]. (KOCH, 2002, p. 25).

Perceber-se que dessa forma, a língua como patrimônio cultural seria unilateral, desrespeitando assim, as questões sócio-históricas que compõem nossa formação linguística. — se deveria considerar um país linguisticamente articulado — onde convivem pacificamente várias matrizes linguísticas, embora se saiba que os preconceitos constituem, para muitos, a maneira de se esconderem atrás da falta de conhecimento da história do Brasil, em que se negou por muitas décadas, às classes subalternas, o direito ao acesso e permanência ao conhecimento erudito. Por que será? Talvez as respostas estejam com aqueles que discriminam as minorias. Por outro lado a presença da web tem possibilitado por meio do uso livre das tecnologias intelectuais chat e weblog um novo modus de produção de linguagem, com o qual as classes sociais subalternas, em virtude de as redes sociais — Orkut, facebook e outras — conseguem dialogar no mesmo nível e contexto daqueles que também as usam como espaço de relações sociais.

Portanto, antes de se afirmar que o estudante que chega a nossa sala de aula não tem condições de progredir em relação à aprendizagem da norma culta – a gramática da língua escrita – faz-se imprescindível que se valorize a bagagem linguística e cultural advinda do ciberespaço que ele traz, por que faz parte do patrimônio cultural dele.

Por outro lado, necessita de se fazer considerações e distinções sobre o *modus* de produção linguagem que é possibilitado pelas tecnologias intelectuais *chat* e *weblog*, bem como aquele pretendido pelo sistema educacional e linguístico vigentes, para que ele se descubra no novo contexto em que está atuando no sentido de compreender mundo do letramento pretendido pela escola e o exigido

pela sociedade que emprega e promove a classificação dos sujeitos por meio da capacidade de produção de linguagem escrita.

Assim, a competência linguística dos usuários da língua permite-lhe, que verifiquem quais serão as ações que desenvolverão quando do contato com elementos textuais do cotidiano tais como anúncios, avisos, sinais de trânsito, artigos de jornais, literaturas e manuais de equipamentos e máquinas. Isso Koch (2002) considera como *a capacidade metatextual* que segundo ela, é o elemento primordial para a construção e intelecção de textos.

Nesse mesmo viés, Bakhtin (2002) considera que a língua é um patrimônio cultural porque

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modelos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana (...) O enunciado reflete as condições especificas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2002, p. 100).

Os diferentes usos que os falantes fazem dos elementos linguísticos que compõem a comunidade linguística em que atuam como interlocutores os farão produtores e dominadores do patrimônio linguístico e cultural de que faz parte, a língua. Todavia para que isso aconteça, é imprescindível que a escola e os professores atuem de acordo com a realidade que lhe é apresentada.

Aprofundando nessas reflexões, poderia se dizer que a escola pública brasileira, embora venha passando por problemas das mais variadas ordens, e os ainda é um referente para que nossa cultura seja acessada pela comunidade em geral.

Ainda que a organização do currículo do ensino de língua portuguesa no Brasil esteja voltada para a gramática e as experiências que valorizem a produção escrita e, por isso mesmo, a grande preocupação dos professores acerca das competências de ensinar os conteúdos linguísticos e culturais que a instituição pretende em detrimento da cultura que aluno-aprendiz traz de sua vivência no ciberespaço.

Os professores de língua portuguesa começaram a se conscientizar de que o ensino e a aprendizagem da língua(gem) na escola pública deve partir da ideia de que o idioma que o aprendiz-cibernauta usa em sua comunicação cotidiana no *chat* e *weblog*, sobretudo no ciberespaço, é parte de sua cultura social e, por isso, deve se levar em consideração o *modus* de sua produção de linguagem, respeitadas é claro, sua limitações em seu universo.

Assim, sem dúvida, o aluno se sentirá valorizado em sua produção de língua(gem) e, consequentemente elevará sua estima enquanto praticante afetivo e o operador de ciberlinguagem, a qual o conduzirá a relações sociais por meio da escrita e da leitura em níveis formais e informais.

Embora tenha havido uma desvalorização da produção oral do aprendiz, o ensino de língua através dos elementos culturais do aluno, conforme já mencionamos no *corpus* dessa discussão, precisa ser revisto para que sejam associados às questões teóricas e os usos diários da língua. A partir das premissas de que o cibernauta chega à escola trazendo consigo uma série de saberes e, sobretudo, aqueles relativos ao *modus* de produção de linguagem possibilitado pela *web*, bem como a maneira de socialização de sua obra linguística culturalmente suportada pelas tecnologias intelectuais *chat* e *weblog*.

Nessa ideia estão implícitas questões de subversão da ordem instituída pela escola que por meio da perspectiva unilateral do ensino sistemático da escrita em seus formatos e aspectos severos torna a ato de produção de linguagem num plano instituído.

Por isso, professores ainda não estão preparados para esse novo contexto em que o *modus* de produção de linguagem é perfeitamente "dominada" pelos cibernautas, independentemente de sua condição social e econômica, pois eles já atuam de forma proativo na criação linguistica e cultural a partir do uso efetivo e livre das *lan houses*, problematizando assim o fazer da escola com a escrita em sua variadas vertentes. Assim sendo, esta questão será tratada com maior vigor no capítulo a seguir.

A ESCOLA E O *MODUS* DE PRODUÇÃO LINGUA(GEM) NA *WEB*: EMBARAÇO E DELIBERAR

Tecnologicamente, coloco o desenvolvimento da eletrônica entre os fatos mais significativos do século XX; em termos de ideias, destaco a passagem de uma visão relativamente racional e científica das coisas para outra não racional e menos científica. (FIRTH apud HOBSBAWM, 1994, p.12).

Nos capítulos precedentes tratou-se das questões relativas às tecnologias intelectuais e a linguagem. Neste, aborda-se de modo sistemático a relações de poder impressas pela escola no campo da linguagem. O que se ver nos ensinamentos das instituições de ensino é uma sequência de questões relativas às ideologias dominantes, no sentido de que a produção de linguagem nesse contexto deve seguir os parâmetros das sociedades de normas sociais baseadas no "bem dizer fundamentado na língua escrita."

Na sociedade contemporânea marcada pelas mudanças nas relações de poder, isto é, onde as classes dominantes espraiaram seus campos ideológicos ao nível da dominação além do político, através de interpretações alienantes de que a lingua(gem) deveria ser tomada como patrimônio nacional, reconhecendo na escola o *lócus* estatal responsável pela sua implantação.

Entretanto, os avanços e subversões das classes populares ao terem acesso à escola e suas ideologias associadas às tecnologias digitais, dentre estas se destaca a internet, possibilitou a efetiva perversão da ordem e do uso político e social da linguagem no ciberespaço.

Assim sendo, é nessa perspectiva que se tratar da relação da escola com a linguagem qual seja suas perspectiva formal ou informal. Em outras palavras, pretende-se ao longo desse capítulo articular pensamentos que explicitem as novas necessidades linguística que os indivíduos criaram para suas relações, além da estrutura da linguagem oferecida pela escola.

Na sociedade contemporânea, as classes dominantes apóiam-se sobretudo no consenso a respeito da justiça, da equidade, da invevitabilidade e da naturalidade da sociedade de classes para manter os explorados na submissão. As instituições estatais coercitivas – Justiça, Policia, Exercito – constituem instrumentos acessórios que soldam pontualmente as fraturas singulares da

sociedade de classes e reprimem extraordinariamente a insurgência dos oprimidos. (CARBONI, 2003, p. 9)

Nessa perspectiva, lembra-se que, fatores sociais e políticos negligenciados estampam as impropriedades que a classes dominantes impõem à sociedade que, produzindo linguagem a seu estilo, vai além daquele pedido pela educação formal. Do mesmo modo, a língua(gem) e as redes sociais e a cultura realizadas no âmbito das tecnologias intelectuais *chat* e *weblog*, tenciona e instalam o enfretamento aos ditames da sociedade consolidada na perspectiva rígida da linguagem formal, escrita.

[...] variedades linguísticas estigmatizadas constituem a imensa maioria da nossa população, secularmente negligenciada pelas ações políticas dos sucessivos regimes políticos, especialmente no que diz respeito à educação formal – negligencia estampada nas cifras de milhões de analfabetos plenos e funcionais que até hoje [...] cabe à escola levar os alunos a se apoderar também das regras linguísticas que gozam de prestígio, a enriquecer o se repertório linguistico, de modo a permitir a eles o acesso pleno à maior gama possível de recursos para que possam adquirir uma competência comunicativa cada vez mais ampla e diversificada – sem que nada disso implique a desvalorização de sua própria variedade linguistica, adquiridas nas relações sociais dentro de sua comunidade³⁶. (BAGNO, 2004, p. 9)

Autenticam-se as afirmações de Bagno (2004), considerando-se que "a transição do domínio do lar para o domínio da escola é também uma transição de uma cultura predominantemente oral para uma cultura permeada pela escrita, que vamos chamar de letramento³⁷" (RICARDO-BORTONI, 2004, p. 24).

A discussão de como o *ethos* influencia o *modus* de produção de linguagem no contexto das tecnologias intelectuais *chat* e *weblog* e caracterizam-se em virtude de haver "relações permeadas pelo afeto e informalidade" (RICARDO-BORTONI, 2004, p. 24)..

_

³⁶ Bagno, Marcos. Por *uma sociolinguística militante*. In. RICARDO-BORTONI, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

³⁷ O termo letramento é geralmente empregado para indicar um acervo cultural preservado por meio da escrita. Podemos usar o termo letramento, no plural, ou nos referir a *culturas de letramento* para manter a ideia de que não existe só uma cultura de letramento. Nas comunidades sociais convivem culturas de letramento associadas a diferentes atividades: sociais, científicas, religiosas, profissionais etc. Também existem manifestações culturais letradas associadas à cultura popular, como a literatura de cordel, por exemplo, para saber mais sobre letramento, leia os livros de Angela Kleiman e Magda Soares.

É nesse lugar de fala que todos se encontram hoje, reconhecendo o papel fundamental das tecnologias intelectuais *chat* e *weblog* no *modus* de produção de linguagem na sociedade contemporânea. Por outro lado, numa perspectiva crítica, a dinâmica dos grupos sociais a redefine, imprimindo, assim, novos sentidos tanto à aplicabilidade prática quanto à discussão teórica a respeito das subjetividades de sujeitos e lugares, onde se virtualizam os *ethos* individual e coletivo de quem vivencia este cotidiano em que o devir é permanentemente problematizado.

Uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças. Na prática, contudo, esse comportamento é ainda problemático para os professores, que ficam inseguros sem saber se devem corrigir ou não, que erros devem corrigir ou até mesmo se podem falar em erros quanto se trata da produção de linguagem no ciberespaço em que as tecnologias intelectuais chat e weblog são regidos por princípios coletivos espontaneamente criados pelos cibernautas. (grifo meu). (RICARDO-BORTONI, 2004, p. 38).

Ressalta-se, portanto, que não é propósito dessa discussão esgotar o assunto relativo ao *ethos*³⁸ uma vez que os cibernautas criam, usam e modificam seus perfis individuais e coletivos na *world wide web*³⁹ de acordo com as ideologias contemporâneas da comunidade linguística em que transitam na *web*.

Na rede social estabelecida na *web*, pode-se parafrasear o provérbio popular : "dize-me com quem falas e se relacionas na *web* e eu te direi quem és". Acontece que

cada um de nós adota comportamentos muito semelhantes ao das pessoas com quem convivemos em nossa rede social. Por isso sabemos que a rede social de um indivíduo, constituída pelas pessoas com que esse individuo interage nos diversos domínios sociais, também e um fator determinante das características de seu repertório sociolingüístico. [...] esse grupo de referência é escolhido pela experiência vicária, isto é, a experiência que o individuo adquire assistindo novelas de televisão, filmes, ou ouvindo relatos. (RICARDO-BORTONI, 2004, p. 49).

-

³⁸ A noção de *ethos* provém da retórica aristotélica, mas foi movendo-se à análise do discurso e à pragmática semântica. Aqui, será usada na perspectiva crítica de compreender como os cibernautas concebem e expõem suas concepções de si e dos grupos a que pertencem a partir da imagem, cenografia e estereótipos virtualizados no corpo social da *web*.

³⁹ Grande rede mundial – tradução do autor

A sociedade contemporânea é um espaço de letramento e, por isso, demanda de novos elementos linguísticos e comunicacionais para a construção e compreensão dos processos comunicativos até então vigentes na internet.

Provoca-se, então, dizendo que a escola enquanto instituição de formação de leitores e produtores de conhecimentos linguísticos e culturais não pode desprezar a riqueza dos gêneros discursivos usados pelos cibernautas, uma vez que os fatores linguístico-estruturais formam a complexidade da ação humana relativa ao uso da lingua(gem).

Por outro lado, as informações legitimadas pela escola a partir do uso sistemático da regra formal servem para a manipulação das ideologias capitalista e consumista, elaboradas pelo Estado, no espaço escolar. Na perspectiva contrária está o *modus* de produção de linguagem virtual, Internet. Com efeito, intui-se com isso, a probabilidade à construção de uma consciência coletiva, na qual se entender que a linguagem da e na rede faz parte do novo cenário educativo e processual da aprendizagem. Desta forma, destaca-se ser a estrutura das redes sociais uma forma de entender que os elementos de significação existentes nas ações dialógicas da linguagem cotidiana dos cibernautas no *chat* e *weblog*.

A linguagem no ciberespaço é um processo mental de manifestação do pensamento e de natureza essencialmente consciente, significativa e orientada para o contato interpessoal. Destarte, de acordo com a gramática gerativa de Chomsky, a competência dos cibernautas ao produzirem suas enunciações no chat e weblog é fruto do conhecimento que o cibernauta tem de um

conjunto de regras que lhe permite produzir e compreender um número infinito de sentenças, reconhecendo aquelas que são bem formadas, de acordo com o sistema de regras da língua que, neste caso, *trata-se de ciberdiscurso* (grifo meu) [...] todas as sentenças produzidas pelos falantes de uma língua(gem) são bem formadas, independentemente de serem próprias da chamada língua-padrão ou de outras variedades. (RICARDO-BORTONI, 2004, p. 71).

Dessa maneira, percebe-se que o vocabulário e estrutura das enunciações realizadas nas conversas do *chat* ou nas postagens do *weblog*, refletem o pensamento e o lugar de poder de onde enunciam os cibernautas. Isso pode ser considerado como o elo da cadeia de processos cognitivos que se iniciam com a

percepção e terminam com a aceitação do *modus* de se produzir linguagem num contexto específico.

Costuma-se ter por certo que não existem pensamentos que não sejam formulados por palavras, a ponto que todo pensamento corresponde à determinada expressão verbal. Por isso não se estabelecem diferenciações entre as perturbações do pensamento e as alterações da linguagem realizadas no ciberespaço.

Para (Ricardo-Bortoni, 2004) todos os usuários de uma língua, utilizam-na de maneira adequada

à forma como se usa e se aplica os mecanismos dessa língua vai depender de todos os fatores que você já conhece, especialmente, a variação ao longo dos três contínuos: de urbanização, de oralidade/letramento e de monitoração estilísticas." (RICARDO-BORTONI, 2004, p. 72).

E continua:

A competência comunicativa do cibernauta (grifo meu) e de um falante lhe permite saber o que falar e como falar com quaisquer interlocutores em quaisquer circunstâncias [...] quando faz uso da língua, o falante não só aplica as regras para obter sentenças bem formadas, mas também faz uso de normas de adequação definidas em sua cultura. (RICARDO-BORTONI, 2004, p. 73).

Diante desse contexto, considera-se, pois, que o trabalho com discursos e diferentes linguagens, especialmente, as praticadas por meio das tecnologias intelectuais – *chat* e *weblog* – torna-se cada vez mais uma necessidade no cotidiano, tendo como foco a produção individual e coletiva dos cibernautas, bem como a verificação do nível de compreensão do que circulam nos ambientes virtuais.

Assim, toda atividade de circulação social de linguagem deve buscar a compreensão de que há uma ideia e um sentido nela contida e que, através de entendimento pleno do código e da linguagem praticada pelo enunciador⁴⁰, haverá, com efeito, a interação com o interlocutor e a participação deste no ambiente

A linguagem construída no ciberespaço por meio do uso das tecnologias intelectuais – *chat* e *weblog* – é um instrumento mediador da aprendizagem e, portanto, se estabelecem com tal, nos mais variados espaços cultural, social e político. Com isso, a utilização dela [linguagem] no *chat* e *weblog* no fazer cotidiano do cibernauta do Território de Identidade de Irecê – BA e da comunidade é uma

⁴⁰ Segundo a AD trata-se do sujeito que diz algo a alguém em contexto e tempo apropriados.

realidade a ser considerada porque há uma prática efetiva de construção de língua(gem) no rede de comunicação mundial, Internet.

Nesse sentido, Longo (2006) pondera sobre a noção de linguagem dizendo que:

A capacidade humana para criar linguagem se realiza na língua de uma comunidade lingüística específica. O sujeito utiliza essa língua em sua fala (ou discurso) individual. Dada sua origem "comunitária", a fala de sujeito é necessariamente vascularizada pelas vozes da cultura de que faz parte, dentro de uma sincronia em constante mutação, sem jamais atingir o "equilíbrio" ou o ponto ideal" – que só poderia ser mítico. (LONGO, 2006, p. 9).

A partir dessa perspectiva, passe-se à compreensão de *ethos* linguísticodiscursivo, visto que o cibernauta em suas ações de linguagem e comunicação na rede auto-constrói por meio do uso de código especiais suas relações sociais e ideológicas, buscando com isso se firmar como autor de suas enunciações.

3.1 Reflexos e perspectivas dos ciberdiscursos

A compreensão dos gêneros do discurso é segundo a acepção de Todorov (1980), uma forma de "mergulhar" no oceano de signos existentes na sociedade da escrita, imprensa. Esta é aqui compreendida como mídia de massa e os textos produzidos nessa perspectivas ganham segundo orientação de Bakthin (2002), categoria de gêneros textuais, significando que dessa maneira, existe uma completude nos dois pensamentos.

Marcondes e outros (2003) ponderam que, na atualidade, há uma lacuna a ser preenchida pelo professor em sala de aula; ausência de trabalhos com textos de circulação social – jornal, letra de música, anúncios, *outdoors* – isso leva à negação do estudante como cidadão, o qual percebe que nos espaços não escolares também há letramento⁴¹. Diante desse contexto, a ação de leitura e escrita na escola deve ser ampliada através da aquisição de materiais midiáticos, nos quais a discursividade é uma marca estilística.

-

⁴¹ Atualmente, considera-se que, para o indivíduo inserir- se em uma sociedade letrada, ele precisa ser capaz de compreender textos escritos, mesmo que não tenha o domínio do código escrito, isto é, mesmo que não seja alfabetizado. Ser alfabetizado e ser letrado são condições diferentes. O indivíduo alfabetizado é aquele que domina a tecnologia de ler e de escrever. Já o indivíduo letrado é aquele que usa funcionalmente a leitura e a escrita nas práticas sociais cotidianas, de forma a favorecer sua inserção cultural. (SOARES, 1998).

A escola cada vez mais se afasta da realidade linguística e cultural do cotidiano, porque, às vezes, concentra seu esforço e metodologias na leitura e produção de gêneros escolásticos, esquecendo que escrever é uma atividade que exige basicamente as habilidades de fazer associações de diálogos com outras escritas. Dessa forma, escrever consiste fazer perguntas a uma gama de textos já armazenados no inconsciente individual e coletivo, sendo que neste último, a polifonia torna-se característica da mídia.

Já a leitura para Marcondes e outros (2003) é uma ação que está psicologicamente ligada à capacidade de se fazer questionamentos, buscando as respostas tanto nos elementos explícitos quanto implícitos no texto, ideologia. Com isso, a presença de textos sociais tanto no espaço escolar como no ambiente não escolar é uma realidade a ser considerada, enquanto mecanismo de ensino-aprendizagem.

O trabalho de produção e compreensão dos gêneros discursivos nas mídias precisa ser visto pelo professor como uma forma importante de comunicação, na qual se aplicam metodologias de aprendizagem de língua e linguagem. Os gêneros discursivos veiculados nas mídias, segundo Todorov (1980) são carregados de magia e trazem consigo uma fórmula que atrai o leitor-espectador também para o universo de deleite. É justo, nesse sentido, que a escola estude esse material com o mesmo entusiasmo de seus produtores.

Ainda conforme Todorov (1980) a criança ao ser estimulada à leitura de textos variados, sobretudo, o que estão fora do espaço escolar e fazem parte de seu cotidiano, a sua sensibilidade leva à ampliação de sua capacidade linguística, uma vez que ela já maneja a linguagem com destreza e magia. "Ao crescer, ela não é coagida a modificar esse hábito, pois as palavras lhe asseguram sempre o domínio das coisas." (TODOROV, 1980, p. 424).

Para Bakhtin (2002) os gêneros discursivos se caracterizam pela apresentação e construção de tema e estilo específicos. Ainda segundo esse teórico, a comunicação humana ocorre com base nos gêneros, os quais são determinados tanto pelo espaço formal; escola, quanto pelo informal; mídia impressa.

A tese bakhtineana de gêneros discursivos como elemento estruturador da comunicação interpessoal, enfatiza que

produção e compreensão de textos deve centrar-se no ensino de gênero, sendo necessário, para isso, que se construa, previamente, um modelo didático do gênero, que defina, com clareza, tanto para o professor quanto para o aluno, o objeto que está sendo ensinado, guiando, assim as intervenções didáticas. (BAKHTIN, 2002, p. 139).

Marcondes e outros (2003) sopesam que através da observação e uso sistemático dos gêneros textuais das mídias impressas na sala de aula, como instrumento de construção de sentidos é, sem duvida, uma maneira de atender ao interesse da escola; desenvolvimento da intelectualidade do estudante por meio de seus textos – livros, ensaios científicos -; é de interesse do aluno, que ler o que é recorrente socialmente, bem como produz textos explorando os discursos do ambiente social.

Cabe, portanto, à escola tornar o aluno um indivíduo letrado, habilitando-o a usar a escrita em atividades comunicativas e culturais e a compreender o mundo de forma crítica e contextualizada. Embora o meio social e familiar sejam ambientes favoráveis ao letramento, a escola é uma grande influente no desenvolvimento de níveis de letramento. Aqui, o termo letramento é tomando com elemento que têm despertado amplas discussões e gerando diferentes concepções entre estudiosos das áreas da educação, da linguística e das ciências sociais.

Para Soares (1998) para ser assegurado, efetivamente no grupo ou na comunidade, significa compreender o mundo da escrita no qual o indivíduo está inserido. Na busca de compreender as implicações da escrita no mundo social, surgiu o termo letramento.

3.2 O boom tecnológico e euforia no uso de tecnologias intelectuais

O uso da informática como projeto de desenvolvimento pedagógico tem suscitado uma série de discussões no meio educacional e acadêmico. Este fenômeno ocorre em todo mundo, visto que as tecnologias digitais e intelectuais se desenvolvem em alta velocidade tal qual a veiculação das informações através delas. Como não poderia ser diferente numa sociedade globalizada, o Brasil não está no centro das discussões.

Aparentemente, se tem um debate, o qual pode ser compreendido a partir do discurso de Lojkine (1999, p.127), o qual enfatiza que o computador possibilita

novos níveis de interpretação e entendimentos dos eventos educacionais, de maneira que os sistemas inteligentes criados pelo homem levam uma exigência ao profissional da educação.

Diante disso, os computadores, na estrutura da escola e da sociedade, estão a serviço de quem e com que objetivos? A auto-normatização dos processos de produção é a conseqüência lógica e o prolongamento da revolução industrial, que seguramente dá continuidade ao processo de substituição da energia humana pela energia mecânica e digitalizada. Fato este que em virtude de sua velocidade não deixa tempo suficiente para que haja o processamento da informação, que consequentemente deveria ser transformada em conhecimento.

Sabe-se que nos últimos anos criou-se uma corrida vertiginosa em busca de inovações socioculturais e, sobretudo tecnológicas que possibilitasse a reordenação do sistema educacional e formativo de nossa sociedade. Assim sendo, é que neste contexto, está o computador como recurso tecnológico que possibilita a criação de episódios e mundos simbólicos, ao mesmo tempo em que introduz diferentes formas de atuação e de interação entre as pessoas que circulam ao seu redor, motivando inovações, muitas vezes vazias.

O clima de euforia em relação à utilização de tecnologias intelectuais chat e weblog em todos os ramos da atividade humana coincide com um momento de questionamento e de reconhecimento, porque há contradições no que diz respeito aos recursos tecnológicos como instrumentos de interação entre comunicação individual e coletiva, na qual a ciberlinguagem se impõe como mediadora do processo cognitivo dos indivíduos.

Assim, compreende-se que o homem sempre buscou instrumentos que possibilitasse a universalização do saber através de um processo didático, cujo objetivo é tão somente, a massificação da informação.

Em suma, não é possível pensar em educação sem fazer uma referência aos processos tecnológicos que são criados com intuito de "facilitar" a fixação do conhecimento. Não obstante, não devemos esquecer que, para esta atividade acontecer de maneira concreta é necessário, antes de tudo, que ocorra a formação de profissionais da linguagem os quais se engajem no reconhecimento de que a tecnologia é potencialidazadora de saberes e que a sociedade da informação é pautada na comunicação em alta velocidade. Isso, sem dúvida leva à organização

sistemática de signos linguísticos e comunicacionais que referendem a linguagem como *virtus* socialmente compreendido e aceito pelas cibercomunidades.

Seguindo o pressuposto do sistema, é inevitável um inquérito; como deve agir o professor de linguagem que está no meio desse fogo cruzado, se há de um lado o analfabetismo e a miséria, do outro e as tecnologias futuristas, porém inalcançáveis tanto por professor quanto pela maioria dos estudantes?

Em se tratando das evoluções no sistema educacional é lícito refletir sobre o discurso de Paulo Freire (1999) a este respeito, de maneira que este corrobora chamando atenção para o evento da integralização dos esforços para a facilitação do acesso ao conhecimento, de maneira que a isso agrega o desenvolvimento técnico-científico presente nas discussões educacionais dos últimos 20 anos do século XX.

No que se refere à inclusão de tecnologias digitais no ambiente educacional, é licito entender o paralelismo criado por esta ideologia de modernidade. Em outras palavras; ao mesmo tempo em que há uma busca incessante para a implantação de computadores nas escolas como meio de garantir a qualidade do ensino, visto que depara-se com uma deficiência básica, isto é, se tem milhares de crianças fora da sala de aula, convencional (quadro de giz, professor), a qual oferece os primeiros passos para a construção da aprendizagem.

Todavia, compreende-se que boa parte dos professores que compõe o quadro de nossas escolas não tem habilitação em nível superior⁴². Além disso, a maioria dos profissionais da educação não tem conhecimento básico de informática. Isso ainda acontece porque nossos padrões e ideais de educação estão contrário ao percurso das tecnologias, isto é, elas já fazem parte do nosso cotidiano e têm possibilitado vários processos de construção de saberes e linguagens.

Não obstante às críticas, o "internetês" como tem sido chamado a língua(gem) realizada no *chat* e *weblog* é uma realidade e, por isso, precisa ser entendida e apreciada como tal. Se se quer a compreensão de que a língua evolui conforme a sociedade que pratica e avança tecnologicamente, eis o resultado; a linguagem praticada na internet seja qual for sua maneira, traduz de forma singular a contemporaneidade.

Essas questões são, conforme Lima Jr. e Hetkowski, (2006)

⁴² Observação feita por meio de questionários aplicados a duas turmas do PROESP e UNEB – 2000, portanto ficou restrita à essa amostragem.

mecanismos intensamente penetrados pelos desejos, interesses, ideologias, dilemas, contradições, ditos e não-ditos, saberes, conhecimentos, crenças, ritos entre outros, elaborados subjetivamente e produtores de discursos – no sentido psicanalítico do termo – que sustentam e legitimam as práticas sociais, como as do contexto discursivo-linguístico e educacional objeto desta reflexão e das quais os sujeitos dependem inexoravelmente, sob pena de obliteração de si mesmos, de sua liberdade e autonomia. (LIMA JR .; HETKOWSKI, 2006, p. 37, grifo nosso).

Na verdade, ainda não se pode afirmar que esteja ocorrendo uma revolução na/da linguagem praticada nos *chat* e *weblog,* mas que é um fato e necessita dessa compreensão, devendo ir além do linguístico e do discursivo e, adentrando as afetividades correntes nos diálogos construídos na rede social.

Em realidade, o cibernauta que vivencia, contemporaneamente, no *chat* e *weblog* sua produção de linguagem de maneira individual e coletiva, deduz que seu *modus* de produção de linguagem é uma criação coletiva e que, na medida em que é transformada em *práxis* social constitui e revela o ser humano que, protegido pela máscara do protocolo digital⁴³, subjetiva a si e ao mesmo tempo se revela agente de sua produção.

Evidencia-se essa questão nas produções de enunciados dos cibernautas, posto que a dinâmica da língua(gem) por eles usada imprime caráter dialógico⁴⁴ e dialético⁴⁵ na própria "simplificação da grafia e uso de símbolos aplicados com a liberdade da fala à escrita; efeito sobre a sintaxe dos jovens pode não ser catastrófico como se imagina". (CASTILHO, 2000, p. 53).

A relação entre língua(gem) e cibernautas parte de princípios mais sociais e ideológicos do que linguísticos. Isso porque

a língua funciona como elemento de interação entre indivíduos e sociedade em que ele atua. É através dela que a realidade se

⁴⁵ Segue-se e a perspectiva Aristotélica e Marxiana...

_

⁴³ Protocolo digital segundo à ciência da computação, é uma convenção ou padrão que controla e possibilita uma conexão, comunicação ou transferência entre computadores e servidores. O protocolo de rede é a linguagem usada para a comunicação entre um computador e outro. Existem vários tipos de protocolos usados para a comunicação de dados, alguns são projetados para pequenas redes (como é o caso do NetBios) outros para redes mundiais (TCP/IP que possui características de roteamento).

O termo é empregado aqui à maneira bakhtineana de troca e negociação de sentidos, uma vez que os cibernautas realizam intensas trocas lingüísticas discursivas com seus interlocutores.

transforma em signos, pela associação de significantes sonoros a significados arbitrários, com os quais se processa a comunicação lingüística. (PRETTI, 2003, p. 12).

A produção linguística dos cibernautas tem movimentado o núcleo acadêmico que, reivindica para si a pureza da linguagem e da língua. Entretanto, tem havido uma preocupação no sentido de alertar aos professores e, consequentemente, aos jovens sobre tal prática, que tem como contexto o ciberespaço. Então, sua realização fora desse contexto soa como desvios de padrão, devido à permanência da gramática como prática reguladora da produção escrita e, às vezes da fala. Por fim, acredita-se que o "internetês" do *chat* e *weblog* configura-se como um mediador da prática linguística contemporânea, embora seja vigiado pela norma padrão da língua.

A linguagem e a comunicação precisam de agentes para sua efetivação. Portanto, tal processo ocorre quando os interlocutores (são as pessoas que participam do processo de ação comunicativa) interagem usando como meio a linguagem, a qual, por seu turno se constitui a partir da construção dos sentidos atribuídos ao discurso tanto pelo emissor quanto pelo receptor.

Esta negociação se realiza porque os agentes comunicativos seguem regras efetivadas social e culturalmente em suas comunidades linguísticas, facilitando assim o uso das mensagens que tem como construto a língua que, no nosso caso, é a língua portuguesa. Então, o domínio da língua se faz necessário para que haja a interação comunicativa. Dizendo de outro modo, conhecer a língua em suas variações (fala e escrita) é ter condições de transitar entre o universo cultural proposto pela sociedade linguística e o fazer comunicativo no ciberespaço.

Assim sendo, definir-se-á a língua como um tipo de código formado por sentidos diversos tirados do conjunto de palavras veiculadas no espessamento dos sentidos sociais, políticos e ideológicos da comunidade.

Nesse sentido, considera que a riqueza das línguas acontece devido à existência de uma gama de abstrações, pois "uma palavra abstrata, em lugar de guardar seu sentido abstrato, em vez de permanecer o expositor de uma ação, de uma qualidade, de um estado torna-se o nome de um objeto material." (BRÉAL, 1992, p. 20).

3.3 TIC na mediação da ação linguística do cibernauta

No ciberespaço as tecnologias de informação e comunicação – TICs – assumem, conforme Barreto e Baldinotti (2005), a modificação do fazer social, cultural, linguístico e escolástico da sociedade contemporânea. Isso, certamente, acontece porque a tecnologias intelectuais *chat* e *weblog* constituindo-se como *modus* relacional e linguístico das comunidades, em que os cibernautas atuam produzindo discursos e linguagens.

Então, esta prática tem possibilitado mais ação no ato de realizar discurso, porque a rede traz uma nova linguagem com vocabulário e aspectos linguísticos, sociais e culturais transgressores à norma padrão, o que é de fato uma construção coletiva contemporânea, além das normas propostas pela escola.

Silva (2003) tece críticas ao sistema de normas linguísticas proposto pelo Estado ao ensino de língua através das *Diretrizes* que, "veladamente ignora em seus contextos os saberes culturais e linguisticos dos estudantes". (SILVA, 2003, p. 37)

E assim defende:

propõe uma pedagogia voltada o todo da língua e não para algumas de suas formas, decerto socialmente privilegiadas, que levará o individuo, desde o momento em que começa a refletir sobre a língua – o que se processa desde a alfabetização – a ter consciência de que sabe falar a língua que fala todo dia, mas que precisa saber mais sobre ela e sobre outras formas de expressar-se nessa língua e, além disso, que esse saber pode crescer com ele por toda a vida. (SILVA, 2003, p. 37)

A comunidade educacional tem possibilidades de usar os conhecimentos e recursos das redes informacionais e de conhecimentos – parcos, diga-se de passagem – para aperfeiçoar o acesso, produção e uso de redes de saberes até então distantes da realidade de muitos brasileiros que vivem sob a égide das mensagens institucionais veiculadas na "sociedade da informação".

Quem usa a Internet e seu hipertexto se constitui como ator proativo. Nessa perspectiva as ações nesse processo são, normalmente, entendidas a partir da ótica da exclusão. Em outros termos, comenta-se que o acesso à cibercultura é uma impossibilidade por parte da massa proletária e, com isso, tem-se uma série de questões política, social e cultural devido ao afastamento deste do saber proposto pela rede mundial de informação.

O cibernauta vive a experiência do cotidiano linguístico digital e, com isso, transfere seu raciocínio para a prática efetiva da comunicação. Portanto, aproveitar essas informações e fazer com que o cibernauta transforme tal bagagem em conhecimento, por meio de uma seleção discursiva. Em outras palavras, o uso cotidiano da linguagem praticada na rede digital através do *chat* e *weblog* não se aplica ao contexto sala de aula, entrevista de emprego, paquera e, principalmente, na prática escrita formal, contudo esses saberes linguístico-discursivos são importantes para convivência do cibernauta na comunidade cibernética.

Para Bonilla (2005) A escola contemporânea esta perpassada por desafios e dinâmicas pedagógicas e sociais que visam à reestruturação e os comportamentos de professores, os quais devem buscar cada vez mais o conhecimento relativo ao mundo das tecnologias intelectuais, uma vez que ao se inserir em uma sociedade em constante transformação exige disposição, inovação para pensar estratégias que promovam a interação, abertos as novas formas de ensinar e aprender.

A escola necessita ser um ambiente onde a vasta gama d einformações a que os alunos têm acesso seja discutida, analisada e gere novos conhecimentos, onde as tecnologias sejam inseridas como elementos estruturantes de novas práticas, práticas que comportem uma organização curricular aberta, flexível, hipertextual. Para poder responder a esses desafios, a escola necessita transformar práticas engessadas, inserir-se no movimento constante e complexo da contemporaneidade, aprendendo no movimento, necessita tornar-se uma escola aprendente. (BONILLA, 2005, p. 91)

Diante disso, a escola como instituição social, política e pedagógica em que atores socio-educacionais atuam, deveria fazer à integração do *modus* de produção de linguagem advindas por meio das tecnologias intelectuais *chat* e *weblog*, com as perspectivas formais de produção de linguagem e conhecimentos por elas articuladas, recriando assim um ambiente inovador em que as TIC's contribuam com a produção intelectual.

A incorporação e a utilização desses meios apenas como *instrumentalidade* excluem a perspectiva *fundamento*, basicamente porque, dessa forma, esse uso mata o próprio vídeo e, genericamente, mata qualquer mídia, seja ele vídeo, a televisão, o computador ou os novos recursos multimidiáticos (PRETTO, 1996, p. 114)

Nesse sentindo, a escola tenderá a considerar as tecnologias de informação e comunicação como possibilidades de mudança na ação educacional, baseando-se no modus de produção de linguagem através das tecnologias intelectuais chat e weblog, posto que, estas se constituem em avançados processo de criação e socialização de saberes discursivos, linguísticos e sociais e, portanto, reconhece-se que o futuro está no sistemático e criativo das tecnologias de informação e comunicação e não apenas na maneira com a escola ver os equipamentos e recursos tecnológicos.

as mudanças na educação dependem, em primeiro lugar de termos educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar". [...] A partir das inovações do desejo de aprender, de buscar, inovar, melhorar a prática em sala de aula, novos saberes são produzidos, visto que a prática do professor não pode estar dissociada do contexto atual exigindo do mesmo reflexão-ação diante do novo contexto. (MORAN, 2000, p.16)

Do mesmo modo a presença de *chat* e *weblog* no contexto da escola enquanto possibilidade transformadora para uma nova maneira de se produzir linguagem é, sem dúvida, ação significativa à escola que passa a ser vista por todos como um ambiente aberto e pronto para acolher as diferentes formas de produção de linguagem e conhecimentos. A escola nessa conjuntura passa a ser encarado como um local em que ocorre a socialização do conhecimento, no qual o professor é visto como um articulador, facilitador do processo de ensino e aprendizagem (PRETTO, 1996, p. 115).

A partir do momento em que o ambiente escolar promove espaços de interação entre as pessoas, permite que os dados sejam transformados em informação e as informações em conhecimento, visto que através das interações o indivíduo tem a oportunidade de discutir, argumentar, comunicar, publicar, superando a condição de consumidor passivo de informações, para investir em um processo que possibilite transformar os dados em informações e as informações em conhecimentos de forma crítica e intervencionista na sociedade.

Não é qualquer escola, nem qualquer tipo de ensino que formam esse sujeito, mas aqueles espaços e práticas que realmente estejam sintonizados com o mundo lá fora, que se conectem com a rapidez das transformações sociais e que não se coloquem como vítima

deste contexto, mas como parte integrada e comprometida com a formação de sujeitos capazes de ter processamento mais qualificado para enfrentar os desafios da sua era. (SAMIA, 2007, p.148).

É notório observar, que o grande desafio é criar possibilidades favoráveis para o indivíduo superar a condição de consumidor de informações, passando a utilizar o novo meio para investir em um processo que possibilite uma alteração constante de papéis, no qual o sujeito pode ser emissor e receptor de informações.

Deste modo, a tecnologia, enquanto mediadora do processo de ensinar e aprender, precisa ser antes de tudo refletida, analisada e utilizada sob o ponto de vista da concepção que rege o currículo da instituição. Uma vez que, gestores, professores, alunos e comunidade participem de forma significativa na construção do currículo que prega a satisfação interpessoal, humildade, colaboração, a diversidade, que se distancia da concepção de currículo tradicional em que a obrigação, a presunção, a especialização, a homogeneidade, a reprodução são priorizados. Hoje, sobretudo, "não é mais possível ter uma única forma de ensinar tudo a todos, pois as coisas não funcionam homogeneamente e, então, há de se levar em consideração as diferenças". (LIMA JUNIOR, *apud* MARTINS, 1998, p. 66).

Por isso e para que haja mudança na educação é preciso primeiramente que professores e alunos mantenham relações abertas, juntamentamente com diretores, funcionários, pais e comunidade Sendo assim, a interação significativa acontecerá se estivermos preparados para internalizar como também identificar formas mais variadas de compreensão, que promoveram novas atmosferas de interação.

Há um imperativo urgente de ultrapassar a visão fragmentada do mundo em que favoreça recuperar a dimensão do ser humano, mas para isso é preciso inicialmente novos modos para expressar o pensar e fazer. Além disso, a criação de novos espaços pode contribuir para que o aluno explane a sua individualidade, a sua criatividade, habilidade a interação e comunicações, de forma íntegra e eficiente.

Frente a isso, faz-se necessário pensar em uma nova ecologia cognitiva proporcionada por meio de espaços informatizados, no qual o docente deixa de ser o centro do saber, para oferecer e sugerir um espaço em que códigos simbólicos, imagens, sons e movimentos a fim de que os alunos interajam com eles e construam conhecimentos significativos à sua forma de pensar, aprender e compreender o mundo em seu entorno.

Inserir-se e ter acesso às TICs é uma condição *sine qua non* para se buscar e compreender o porquê dos cibernautas conseguir criar e resolver questões de linguagem do cotidiano, tampouco abranger o mundo e atuar na transformação social, cultural e educacional de forma crítica. Esses são alguns fatores que marcam a educação na contemporaneidade.

3.4 Ação dialógica de lingua(gem): entre a escola e o ciberespaço

Sabe-se que a ação didática e pedagógica basilada na perspectiva dialógica em que todos na escola constroem juntos seus *modus* de produção de linguagem, a apropriação e construção de conhecimentos tornam-se mais amplas e, portanto, não há mais lugar para se manter o monologismo da escola tradicional.

Para Bonilla (2005) estas questões são retrocessos, embora ainda se constitua na prática no cotidiano das escolas.

Fixar-se nos conteúdos programáticos não é apenas uma imposição da estrutura escolar. Muitos professores acreditam que a forma como os conteúdos estão organizados e são trabalhados é a melhor, pois se alguns forem alterados ou suprimidos e, *ou adicionados* (**grifo meu**), além de fazer falta *ou ser demasiado adianto* nas séries seguintes, no vestibular, ou em qualquer concurso, vão contribuir para desestruturar a ordem estabelecida e tão desprezada na escola. Essa concepção conteudista está presente entre os professores, mais marcante para uns, menos para outros, mas de forma geral está presente. (BONILLA, 2005, p. 93)

Por outro lado, considera-se que isso é resultante de uma questão estrutural da escola e, portanto, há uma cultura centrada no monologismo que, mesmo quando se sugere

atividades diversificadas, envolvendo outras linguagens, outras tecnologias, percebe-se o enquadramento na lógica linear na transmissão, na avaliação quantitativa, no programa, no registor escrito, onde todos têm que receber o mesmo conteúdo. Isso faz com que não se aproveitem as potencialidades das outras linguagens, a riqueza da abertura ao imprevisto. (BONILLA, 2005, p. 93).

Certamente, a presença real das tecnologias de informação e comunicação no cotidiano das pessoas e, sobretudo, na vida dos jovens e adolescentes que,

tendo acesso aos computadores e à internet tanto em casa quanto nas *lan houses*, promovem uma nova possibilidade de se agir educacional e comunicativamente, é compreendido pelos profissionais da escola como uma problemática em virtude de eles não dominarem tais tecnologias, tendo-as como inimigas de suas ações pedagógicas. Assim sendo, é importante apreender que, segundo Lévy (1993) as "tecnologias intelectuais têm papel fundamental no estabelecimento dos *novos* (**grifo meu**) referenciais intelectuais e espaço-temporais das sociedades humanas; isto é, todas as formas de construção do conhecimento estão estruturadas em alguma tecnologia". (LEVY, 1993, p. 13).

O uso desses recursos na educação incentiva e motiva a produção de linguagem e, por conseguinte a participação, relação de trocas de saberes, intercâmbio de informações e debate das informações obtidas. A partir desse ponto de vista, é fundamental o modo de significar o lugar reivindicado pela escola, isto é, precisa que o professor tenha clareza da importância do seu papel, planejando, organizando meios para facilitar o processo de aquisição de linguagem e conhecimentos além daqueles propostos pela escola, indo ao encontro daqueles que estão sendo construídos através da livre iniciativa dos participantes nas redes sociais da web. Assim sendo, ultrapassar-se-iam as fronteiras e os limites impostos pela escola que ainda vivencia as práticas reprodutivas e copistas dos princípios da linguagem formal. Até porque se "[...] as pessoas que têm algo a dizer possam entrar em contato, possam se comunicar entre si e aprender" (LÉVY, 1999, 89).

Em vista disso, o significado de língua(gem) está relacionado às perspectivas com as quais se revela uma série de mecanismos, os quais estão ligados: imagem e texto e, às vezes, um mundo midiático em que se misturam escritas, figuras, cores e sons, possibilitando a interação entre o que se diz e o que se faz com a língua no cotidiano comunicativo nas cibercomunidades.

Diante desse quadro, somente uma formação nos princípios dialógicos da linguagem é capaz de compreender a complexidade da língua através da mediação entre os sujeitos envolvidos no fazer educacional da escola, por meio da aquisição e compreensão de linguagens produzidas pela sociedade e que direto ou indiretamente chegam a escola por meio das histórias de vida dos estudantes e professores.

Todas essas possibilidades trazidas pelas tecnologias intelectuais podem potencializar uma revolução na base da educação que a sociedade contemporânea

requer. De modo que à medida que professores e alunos produzem, aceitem e pratiquem o *modus* de produção de linguagem requerido pelo ciberespaço suas ações didáticas e pedagógicas ganham novas perspectivas visto que "a Internet, como tecnologia da informação e comunicação faz com que todos se relacionem com todas as outras tecnologias e se são curiosos, descobrem inúmeras novidades nela como em outras mídias. Se são acomodados, só falam da lentidão, das dificuldades de conexão, do lixo inútil, de que nada muda (MORAN, 1997, p.14)

Então, as tecnologias poderão se tornar essenciais à aquisição do conhecimento como podem apenas ajudar a manter as práticas tradicionais, tudo vai depender da forma como serão utilizadas à medida que os professores forem utilizando e praticando junto com toda a comunidade escolar o novo *modus* de produção de linguagem, possibilitado pelo ciberespaço será ampliado o dialogo entre o ensinar e o aprender, em que comunicar e agir serão a partir das interfaces das tecnologias intelectuais *chat* e *weblog* as práticas educativas da escola.

Entretanto, se sabe que é preciso que a escola tenha um projeto de ensino claro, de forma que os professores tenham planejamentos que levem em consideração as tecnologias a fim de desenvolver a partir de novas linguagens, aptidões, autorizando os sujeitos envolvidos no processo a reconhecer a importância das tecnologias intelectuais *chat* e *weblog* no cotidiano.

Então, é na observação dos sistemas digitais, tecno-científicos e linguísticodiscursos que o professor se pautará ao preparar sua práxis pedagógica, pois seus alunos já vêm a ela com perspectivas e saberes advindos da mídia de massa e da web. A partir daí, é que se faz, de fato, a interação no processo de produção de linguagens e sentido com a realidade socio-educacional e linguística em que se atuam.

Para Bakhtin (1999) a linguagem não é utilizada apenas para transmitir informações, mas, e, sobretudo, é para firmar interesse, estabelecer níveis de dominação, fazendo do mundo dos signos uma arena onde são travadas as mesmas batalhas encontradas no mundo dos homens. Desse modo, se tem na escola os espaços de interação e dialogismo, pois, nela se encontram várias gerações de conhecimento.

Com efeito, a função da escola é orientar os estudantes para a produção dos sentidos e ideologias existentes no processo histórico empreendido através da

língua, ou seja, é por meio da classificação de certo/errado no uso da língua que os grupos afirmam ou refutam seus princípios de dominação.

Na realidade, este procedimento acontece por meio de estratégias, as quais têm sua base ideológica e semântica nos princípios de persuasão e sedução, segundo as quais os alunos e os leitores têm na mídia, sobremodo, na mídia imprensa e nos livros didáticos seus maiores auxiliares. Entretanto, sabe-se que, às vezes, é preciso desconfiar de tais escritos para que se possa estabelecer o grau de responsabilidade da autoria.

Contemporaneamente, sabe-se que a língua portuguesa em sua forma "erudita" tem sido maltratada pelos meios de comunicação de massa, bem como pelos profissionais da linguagem. Eles são do mesmo modo vítimas, pois o sistema ao longo de décadas desvalorizou o estilo e uso linguísticos praticados pelos grandes escritores. (quantas vezes ainda ouvimos referência ao estilo machadiano de organizar as ideias e do bom trato com a língua em seus escritos, inclusive os que saíam na imprensa).

Entretanto, a sociedade avançou e com isso vieram novas maneiras de expressão. Neste pacote estão os valores éticos, estéticos e ideológicos relacionados à aprendizagem da língua portuguesa que a mudaram sistematicamente. Isso com certeza moveram as bases tradicionais, as quais lutam em vão, parafraseando Drummond: "lutar com as palavras é coisa vã" para manter a tradição gramatical de meados do século passado.

Embora seja uma realidade pautada na vicissitude que permite e legitima essas possibilidades, contudo, tem-se que modificá-la trabalhando o idioma em sala de aula, para, no mínimo, orientar o usuário da língua no que se refere à questão dialógica que permeia a comunicação moderna. Entretanto, tal perspectiva é cheia de obstáculos; o primeiro deles está na estrutura da própria escola que não vê e, às vezes, com razão, a mídia impressa como subsídio para o melhoramento da qualidade da produção linguística do estudante, porque algumas não apresentam qualidades suficientes para isso; segundo é a dificuldade que os profissionais da linguagem têm em reconhecer a interação mediada pelo ciberespaço.

Com efeito, a democratização da escola e os avanços dos Meios de Comunicação e Massa (MCMs)⁴⁶ deveriam ter melhorado as condições de ensino,

⁴⁶ Meios de Comunicação de Massa

aprendizado e uso da língua, devido ao grande alcance social de suas mensagens. Entretanto, isso não ocorreu porque, boa parte das mensagens circuladas nas MCMs era mediana. Por outro lado, os ouvintes, leitores, espectadores viviam em difíceis condições para compreender a estrutura linguagem. Com isso, viu-se nascer de maneira, quase unilateral outro idioma, ou seja, as pessoas não deixaram de viver e comunicarem-se porque não tiveram acesso à formação culta da língua. Ao contrário, adaptaram suas habilidades linguísticas às realidades em atuam de forma dialógica.

É importante dizer que a sociedade em que se vive hoje, é um espaço de letramento e por isso demanda de novos elementos sintagmáticos e paradigmáticos na compreensão dos processos comunicativos que estão sendo apresentados via mídia de massa.

Com efeito, intui-se como perspectiva à construção de uma consciência coletiva na qual os profissionais da linguagem possam, de fato, entender que a tecnologia e a mídia fazem parte do novo cenário educativo e processual da aprendizagem. Os gêneros midiáticos são produções que se hibridizam no universo da informação, dando ao leitor maior oportunidade de interpretação visto que ele [leitor] é fruto da interação de semioses no cotidiano não escolar, onde textos e imagens se coadunam.

Desta forma, o pensamento bakhtineano de gêneros discursivo é destaque ao relacioná-lo aos elementos de significação existentes nas ações dialógicas da linguagem cotidiana dos sujeitos. Na verdade, é nesse contexto que as outras linguagens; escolar e não escolar traduzem o pensamento da sociedade em determinado contexto. Portanto, a linguagem é um processo mental de manifestação do pensamento e de natureza essencialmente consciente, significativa e orientada para o contato interpessoal. Apesar do processo da linguagem ser essencialmente consciente, entretanto entende-se que o fluxo e a articulação provêm de camadas mais profundas do subconsciente e inconsciente.

No estudo da linguagem, deve-se distinguir a expressão verbal e a expressão gráfica e, a linguística se interessa tanto pela linguagem falada quanto pela linguagem escrita. Ambas as expressões são um conjunto de sinais próprios de cada língua com os quais manifestamos nosso pensamento e tanto a expressão verbal quanto à expressão gráfica, devem constar de dois elementos fundamentais - a sintaxe e a palavra.

As relações entre as palavras e as frases, e corresponde à própria organização do pensamento. As representações e os conceitos devem ser apresentadas numa determinada ordem necessária à compreensão, formando assim o raciocínio lógico. Portanto, esse arranjo estrutural da linguagem é a sintaxe.

Dessa maneira, é importante para o estudante de linguagem perceber que, a palavreado costuma refletir o pensamento e pode ser tida como o elo final da cadeia de processos psíquicos que se iniciam com percepção e terminam com a palavra falada ou escrita. Costuma-se ter por certo que não existem pensamentos que não sejam formulados por palavras, a ponto de se poder afirmar que todo pensamento corresponde a alguma determinada expressão verbal.

É por isso que não se estabelecem diferenciações entre as perturbações do pensamento e as alterações da linguagem. Se existissem apenas alterações da linguagem, estas ficariam limitadas aos distúrbios da articulação da palavra e da sintaxe, mas, na realidade, as perturbações da elocução são muito mais complexas. Se a lingua(gem) é um atributo humano dirigido à comunicação entre pessoas, começamos a considerar o conteúdo da linguagem. Sim, porque os esquizofrênicos podem expressar os maiores disparates delirantes, mantendo uma perfeita correção da sintaxe. Ainda aqui não é demais relembrar que a separação entre os diferentes processos psíquicos é feita apenas para facilitar o ensino.

Diante desse contexto, considera-se, pois, que o trabalho com gêneros discursivos e diferentes linguagens, especialmente, midiáticas torna-se cada ver mais uma necessidade no processo de ensino-aprendizagem de linguagem na sala de aula das séries iniciais, tendo como foco a leitura e escrita de textos que circulam em ambientes não escolares.

Assim, toda atividade com textos de circulação social deve buscar a compreensão da ideia neles contidas através de leitura plena. Para que isso ocorra com certo grau de responsabilidade, é fundamental que o profissional da linguagem promova meios para que o aprendiz faça a imersão em tais ambientes de discursos. Com efeito, à interação com o interlocutor e à participação fique ao cargo do mediador que, nesse caso é o professor.

Dessa forma, os pressupostos da construção das linguagens serão ainda referendados pela gênese e exegese do processo de leitura e escrita. Para isso, visualiza-se que, o estudante de pedagogia pode fazer uma relação dialógica entre as linguagens convencionais (livro didático, literário, ensaio, etc.) e informais

(internet, jornais, revistas, *outdoors*, classificados, folhetos etc.) como instrumento de desenvolvimento linguístico, educacional e cultural do seu futuro aluno.

Conclui-se ainda que a linguagem seja um instrumento mediador da aprendizagem e, portanto, ela se estabelece em variados espaços de cultura e letramento. Com isso, a utilização dos gêneros discursivos das mídias no fazer cotidiano do aluno e da comunidade, é uma realidade a ser considerada pela escola no sentido de associar teoria e prática de aprendizagem de língua.

3.5 Chat e weblog: da expressão à interação verbal

Para Bakhtin (2002), do ponto de vista da linguagem, a comunicação entre sujeitos é puramente individual e, em seguida, escapa ao controle da consciência, tornado-se

expressão da consciência individual, de seus desejos, suas interações, seus impulsos criadores, seus gestos, etc. *Isso toma uma dimensão maior e lança à* (grifo meu) categoria da expressão. Tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores. (BAKHTIN, 2002, p. 111)

Desse modo, ver-se que as construções realizadas através das tecnologias intelectuais *chat* e *weblog,* caracterizam-se em ato de expressão, visto que, segundo Bakhtin (2002) elas são suportadas pelo *conteúdo* e pela *objetivação exterior.* Destarte, leva-se em conta nesse contexto que todo ato de expressão move-se entre o entendimento de que o conteúdo pode

constituir-se fora da expressão, que ele começa a existir sob uma certa forma, para passar em seguida a uma outra. [...] tudo que é essencial é interior, o que é exterior só se torna essencial a título de receptáculo do conteúdo interior, de meio de expressão do espírito. (BAKHTIN, 2002, p. 111).

No contexto das tecnologias intelectuais *chat* e *weblog*, o ato de expressão bakhtineano tem dimensões amplas, pois se refere aos diferenciados atos de relações sociais permitidos através da expressão-enunciação individual veiculada entre os sujeitos. Em seguida, esta ação discursivo-linguística ganha por meio de

signos e linguagem cifrada pelos membros da cibercomunidade, condições reais e sociais para ser imediatamente expressiva no *modus* de produção de linguagem.

A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, - comunicação assíncrona no weblog – (grifo meu) este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos. (BAKHTIN, 2002, p. 113).

Em realidade, os atos de expressão realizados no domínio do *chat* e *weblog* são reificadas no ponto de vista de que os signos criados e veiculados na *web* se baseiam na premissa de que, quanto mais se aproximar do horizonte social e cultural do interlocutor maior será a possibilidade de interação por meio da palavra. Até porque, segundo Bakhtin (2002), essa possibilidade existe em virtude da palavra permitir a existência de um enunciador que, direto ou indiretamente se dirige a alguém em circunstâncias de interação social e, portanto,

a palavra constitui o produto da interação do locutor com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mi e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 2002, p. 113).

Nesse sentido, os cibernautas-enunciadores desempenham papéis importantes no processo de comunicação assegurado pela expressão e interação verbal, pois traz e tem em sua fala informações cujo sentido é resultado de suas experiências sócio-culturais, bem como o enunciatário, também os tem. Com efeito, infere-se que através das tecnologias intelectuais *chat* e *weblog* há de fato a materialização das palavras por meio dos signos, os quais são buscados pelo enunciador no estoque cognitivo e social disponíveis, bem como a realização desses signos acontece no contexto determinado pelas relações sociais que cada um assume no ato de expressão, visando fechar o ciclo da interação verbal.

[...] reflexo da inter-relação social, em cujo contexto se constrói uma determinada enunciação. A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação. (BAKHTIN, 2002, p. 113).

Assim, o falante ao dirigir seus enunciados ao destinatário deseja realizar algum tipo de mudança no modelo deste. Através da *intenção*, tenta antecipar o grau de modificação promovido no ouvinte, perspectiva igual é esperada pelo ouvinte ao interpretar a mensagem a ele proposta, reconstruído-a por meio de seus modelos linguístico comunicativos. Dessa maneira, há a interação verbal quando o enunciador diz algo ao destinatário (real, virtual), tendo a intenção de causar algum tipo de modificação no conjunto de percepções que ele tem sobre a língua(gem). Portanto, neste processo a comunicação é mediada pela expressão linguística de ambos.

A linguagem está na natureza humana e por isso só se pode atingir um grau de humanidade, quando um homem fala a outro e assim se coloca na condição de ser humano socialmente articulado pela linguagem.

É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem." Porque é através dela que se identifica a posição do sujeito no processo de interação verbal. "é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de "ego". (BENVENISTE,1995, p. 285).

Então, ao se posicionar através da palavra – oral ou escrita – o sujeito das tecnologias intelectuais *chat* e *weblog* se expõe, trazendo o que há de implícito em sua enunciação, buscando assim, interagir verbal e comunicativamente. Conforme esquema a abaixo.

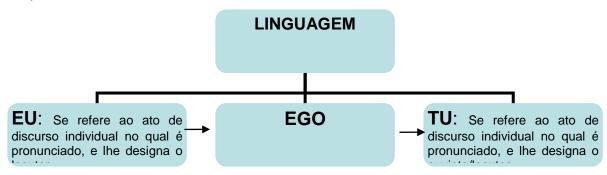


Figura 1 – Esquema de interação verbal

A relação dialógica estabelecida pelo homem enquanto ser da linguagem, é que o constitui o plano de expressão e interação verbal subjacente à linguagem. "É numa realidade dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade." (BENVENISTE, 1995, p. 287).

Para Benveniste (1995) no plano da interação humana através da linguagem, é acontecer, em última análise, "a temporalidade humana com todo o seu aparato linguístico revelando a subjetividade inerente ao próprio exercício da linguagem." (BENVENISTE, 1995, p. 289). Assim, considera-se que é na linguagem que está à subjetivação do ato de interação verbal, porque nela contêm as maneiras e expressões linguístico-discursivas apropriadas, uma vez que o discurso promove a emergência da comunicação.

Observar-se a partir desse contexto que a subjetividade no discurso do cibernauta é determinante na construção da interação verbal, já que é daí que se edifica o sentido de mensagens realizadas no *chat* e *weblog*. Isso, sem dúvida leva aos atos de interação verbal em que o ciberdiscurso é manifestado entre os, interlocutores expressando assim a compreensão de tempo e espaço nos discursos postados na *web* que ficam ao alcance do todo social.

3.6 O patrimônio linguístico na Web

Sabe-se que ato enunciativo na *web* ocorre de acordo com as regras estabelecidas pela comunidade linguística à qual pertence o locutor. Assim sendo, é importante que as formas do enunciado se fundamentem em formatações previamente elaboradas, estabelecendo assim correlações entre as possíveis variações morfológicas. De outro modo, a enunciação deve se basear na escolha, embora limitada das partes estruturais da língua que, nesse caso, trata-se de elementos morfológicos e sígnicos.

Observa-se aqui que tal prática é discurso, no qual estão inseridas as percepções do locutor a respeito da língua, a qual é tomada como instrumento de interação verbal, devido ele ter se apropriado dela e, assim, constituir sua enunciação tendo no aspecto vocal da língua, – compreendida no ciberespaço a

partir da oralização da escrita – o emprego da subjetividade. Cada locutor articula os sons da língua de maneira individual.

Dessa maneira, pode-se inferir que no ato individual de fala através do qual se usa a língua como instrumento para enunciar o discurso, tem-se no locutor o referencial necessário para efetivação da enunciação. Já no que se refere à língua, esta antes do ato enunciativo é apenas uma possibilidade. Depois se efetiva na instância discursiva, emanada do locutor por meio da sonorização que atingirá o ouvinte, suscitando assim nele outra enunciação de volta. Isso caracteriza o processo dialógico, no qual locutor e ouvinte interagem através da enunciação, discurso.

Para Benveniste (1974, p.80) a enunciação é a colocação em funcionamento da língua por meio de ato individual de utilização, ou seja, um falante usa a língua para produzir enunciados. Assim, a categoria de pessoa torna-se essencial para que a linguagem se torne discurso. Nesta perspectiva percebe-se que no texto há três instâncias enunciativas:



Figura 2 – Espaço de enunciação socio-discursiva na rede: enunciador

A enunciação ao ser produzida pelo locutor se torna em relação à língua, um processo de *apropriação*. Por isso "o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro." Adverte o autor.



Figura 3 - Espaço de enunciação socio-discursiva na rede: a enunciação

Benveniste (1995) afirma que a presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Ainda segundo o linguísta isto tem como função colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação. Nesse sentido, se faz necessário evidenciar que, quando associado ao ciberespaço, o espaço da enunciação torna-se virtual, visto que ele [espaço] é potencialmente edificado por meio da produção de ciberdiscursos socializados na rede.

Historicamente, as sociedades se compõem de sujeitos que, através do assujeitamento linguístico, ideológico e cultural vivem as contradições: liberdade e submissão.

Significa dizer que os naturais e os migrantes convivem num espaço no qual são livres e submissos uns aos outros ao mesmo tempo; submisso às suas tradições – colocando-as como superiores às locais - e livres quando às praticam como sendo uma inovação na cultura do local. "[...] o assujeitamento se faz de modo que o discurso apareça como instrumento (límpido) do pensamento e um reflexo (justo) da realidade." (ORLANDI, 2003, p. 50).

Ainda segundo Orlandi é possível compreender que:

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, também por sua memória discursiva, por um saber/poder/ deve dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que

representam no discurso as injunções ideológicas. (ORLANDI, 2003, p. 50).

Em verdade, o sujeito discursivo, ser da memória ideologicamente formada na enunciação, está de algum modo, submetido às regras da língua, à história enquanto discurso realizado, fazendo, portanto, parte da materialidade histórica. Em que a representação simbólica da realidade está no cotidiano da linguagem, levando estes falantes a mostrarem por meio dos sentidos, as evidências de sua ideologia.

3.7 A tecnologias intelectuais e suas simbologias comunicativas

Ao longo dos séculos, o homem ocidental basila seus costumes e ações em processos comunicativos, de forma que sentiu pressionado a utilizar conhecimentos lingüísticos e, sobretudo, inventar instrumentos para sua propagação. Este processo resultou na confecção de símbolos que tinham como objetivo registrar todos os eventos produzidos por determinados grupos humanos.

A criação da imprensa, que a partir do Renascimento foi muito importante para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das ideologias cristã no mundo ocidental, de tal maneira que os jesuítas construíram um império na América em virtude da tecnologia advinda da criação da imprensa, cujo veiculo principal de propagação dos ideais do catolicismo estavam registrados nos livros doutrinários.

Dessa forma, Barthes (1978), diz que

"a linguagem é uma legislação, a língua é seu código. Não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva. Referindo-se a língua Jakobson (provou que um idioma se define menos pelo que ele permite dizer, do que por aquilo que ele obriga dizer." (BARTHES, 1978, p. 15).

Dessa forma, fica claro que a estrutura da língua por natureza possibilita a língua criar uma relação entre a fala e a alienação. Posto que o simples ato de falar pode significar a, necessidade de comunicar algo a alguém, por meio da língua(gem) praticada no ciberespaço o que às vezes leva à rejeição generalizada por parte dos se mantém firme na defesa da linguagem padrão, sem contudo reconhecer a existência e eficácia comunicativa da internet.

Sabe-se ainda que, o domínio da língua em sua vertente mais significativa – escrita – existe a serviço do poder, de modo que Barthes classifica este episódio em dois pontos de vista importante: *a Autoridade da asserção*, o *gregarismo da repetição*. "a língua é imediatamente assertiva: a negação, a dúvida, a possibilidade, a suspensão de julgamento, requerem operadores particulares que são eles próprios retomados num jogo de máscaras linguageiras". (BARTHES, 1978, p. 9).

Os meios de comunicação e a sociedade estão articulados em um processo comunicativo em que a linguagem ganha uma amplitude sem igual. Não obstante, este fenômeno atingiu diretamente os professores e estudantes em seu fazer diário, pois para se comunicarem estes profissionais necessitam empregar terminologias que geram uma situação comunicacional diferenciada, isto é, utiliza-se do que se dispõem no momento da comunicação, trazendo ao discurso elementos que fundam o *modus* de produção de linguagem no *chat* e *weblog*. Dizendo de outra maneira, usam-se as matrizes de linguagem verbal, sonora e visual para se fazer entender enquanto enunciadores de saberes.

Neste contexto, pode-se afirmar que a língua em sua essência cria uma relação dialética entre o poder e a servidão, ou seja, a utilização massificante e repetida de determinados tipos de discursos produzem em seu interior uma série de relações, as quais delineiam e, até confundem entre si, oferecendo ao leitor/ouvinte um verdadeiro labirinto.

Diante disso, pode-se estabelecer que a língua no *chat* e *weblog* vise ir além do real da linguagem, de maneira que se reconhecem em sua essência, as implicações que formam o paradigma da língua como simbologia de um fenômeno controlador da realidade escrita.

Os meios de comunicação e a sociedade estão articulados em um processo comunicativo em que a linguagem ganha uma amplitude sem igual. Não obstante, este fenômeno atingiu diretamente os professores em seu fazer diário, pois para se comunicar estes profissionais necessitam empregar terminologias que geram uma situação comunicacional é um ato voluntário, uma ação que envolve vontade entre os interlocutores, pois, é a partir da vontade que os comunicadores elegem seus instrumentos de comunicação.

É senso comum que os textos que abordam os problemas da educação, chamem atenção a para o episódio da transformação do estudante por meio de

novas teorias e o uso de instrumentos tecnológicos que facilitam tal atitude educativa.

Para os investigadores educacionais (professores, linguístas, psicólogos educacionais) transformar o modus de produção de linguagem significa perceber os resultados de trabalhos complexos e árduos que ao longo das ações foram se organizando de tal maneira, que as práticas se interligam com os pressupostos teóricos levantados em busca da concretização da mudança. "Transformação também é um conjunto de atividades que podem alterar estruturalmente uma pessoa, que mudam a forma da psique e do corpo" (SADEK, 1999, 20).

Este argumento sintetiza as ideologias empregadas pelos sistemas comunicativos instruído pelo sistema dominante – capitalismo –, o qual tem como nervo central à dominação do sujeito de corpo e alma, criando assim um alienado.

APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Apresenta-se nesta parte os dados coletados durante a pesquisa a campo, mapeamento e apresentação dos nomes de *lan houses*, bem como as gravações feitas em interações diárias com os cibernautas no *mensseger* (MSN), bem como a observação e leitura dos comentários feitos aos *post* de weblogs registrados na blogosfera.

Estas ações foram realizadas em *lan houses* das cidades do Território de Identidade de Irecê, nas quais foram feitas flagrantes aos cibernautas que estavam acessando a *web*. Escolheu-se por fazer esse tipo de abordagem em virtude das variedades de perfis dos frequentadores desses espaços. Entretanto, vislumbrou-se que seriam abordados sujeitos de ambos os sexos que, voluntariamente se colocassem a disposição para o diálogo. Destarte, em virtude da quantidade de mensagens oferecidas elegeu-se para análise diálogos considerados significativos para compreensão da temática proposta pelo problema da pesquisa, isto é, foram analisadas mensagens e entrevistas de cibernautas frequentadores de *lan houses* da cidade de Irecê, bem como de outras cidades do Território.

4.1 Dialogando com princípios metodológicos

Assume-se conforme dito na introdução deste trabalho, o compromisso em trazer à tona a voz dos silenciados, isto é, buscou-se mostrar ao longo do percurso teórico, os *modus* de produção de linguagem dos cibernautas do Território de Identidade de Irecê, os quais estão representados pelos depoentes das *lan houses* de Irecê.

Desse modo, compete assegurar qual o caminho foi trilhado para chegar à análise dos dados. Para isso, recorre-se à pesquisa qualitativa ancorada no etnometodologia⁴⁷ porque o contexto e sujeitos pesquisados possibilitaram perceber quão importante é a produção de discursos a qual estavam associados

⁴⁷ Partiu-se do principio de que, nesta perspectiva metodológica, o *modus* de produção de linguagem realizado pelos cibernautas participantes da pesquisa, reflete suas experiências com a linguagem e, por conseguinte, auxilia na compreensão de suas vivencias cotidianas "os seus métodos de realização da vida todos os dias." (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 60).

microquestões, com conteúdos específicos de conversas e vocabulário e com detalhes relativos à acção (sic) e à compreensão. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 61).

Desse modo, a etnopesquisa é suportada aqui pelos princípios interpretativos da Análise do Discurso, visto que o processo de interpretação e compreensão está relacionado à linguagem presente nos discursos realizados pelos cibernautas no contexto das *lan houses*.

A despeito dos perigos deste método, buscou-se para analisar os dados coletados no ambiente dessa pesquisa, a Análise do Discurso Francesa a base teórico-metodológica, visando à compreensão dos fatores comunicacionais e linguístico-discursivos propostos pelos cibernautas do Território de Identidade de Irecê nos ambientes virtuais através do uso de mensagens articuladas nas tecnologias intelectuais *chat* e *weblog*.

Com efeito, visaram-se ainda perspectivas de que há nesse modo de análise inferências de que todo discurso produzido e realizado via tecnologias intelectuais – *chat* e *weblog* – ocorre de maneira dialógica, isto é, os cibernautas realizam suas ações comunicativas a partir do reconhecimento de que do outro lado da enunciação o interlocutor domina tanto o suporte tecnológico – internet – quanto à linguagem propugnada pelo meio.

Nesta perspectiva toma-se a AD como eixo da reflexão a ser seguida na e para interpretação dos dados coletas durante a pesquisa a campo. Acredita-se que os princípios da teoria da AD pode

redimensionar os questionamentos sobre o funcionamento da comunicação humana, que passa a ser caracterizada como processo histórico-cultural fundado no intercondicionamento entre o que é da ordem do individual e o que é da ordem do coletivo, entre o que é lingüístico e o que dado como extralingüístico, entre o já-sabido e o que é construído no aqui-e-agora da enunciação. (DIAS-LYSARDO ,2007, p. 209).

A partir dessa premissa, as produções de linguagem realizada pelos cibernautas pesquisados, serão entendidas na sua relação com o contexto em que foram realizadas, isto é, tomam-se as mensagens como sendo textualidades materializadas na ação interacional, possibilitadas pelas tecnologias intelectuais *chat* e *weblog*.

A ideia de se "dominar o código linguístico" veiculado na comunicação via chat e weblog funda o ponto de partida para que seja a AD tomada como metodologia da análise dos dados da pesquisa. Isso acontece em

decorrência automática do conhecimento conceitual obtido através da explicitação e da sistematização de conhecimentos implícitos, é deslocada em favor de um trabalho de conscientização sobe a natureza sociocultural da linguagem. A obsessão em saber português via conhecimento de uma metalinguagem técnica e das características formais de um sistema lingüístico é substituída pela preocupação em vivenciar a língua como fato político que gera, ao mesmo tempo em que sofre, impactos no tecido social, ou seja, a língua como parte integrante da cultura. (DIAS-LYSARDO ,2007, p. 209).

Sendo a tecnologias intelectuais *chat* e *weblog* um *modus* de produção de linguagem, logo, constituem-se em num fenômeno sócio-linguístico-discursivo e passa a requer uma interpretação que dê conta de perceber as dificuldades e variações pertinentes à linguagem em que foram construídas e socializadas as mensagens. Assim sendo, os princípios de interpretação da AD são fundamentais para a interpretação dos sentidos pretendidos pelas configurações dos discursos produzidas na *web*.

O trabalho com o discurso implica também um compromisso político, porque a AD envolve pela própria natureza, um posicionamento ético. Ou seja, a perspectiva inaugurada pela AD comporta em si uma visão crítica da linguagem já que propõe uma forma de compreender e de lidar com os fatos lingüísticos que contempla a heterogeneidade constitutiva das práticas verbais e a pluralidade de elementos que integram o processo de interlocução. Os fenômenos lingüísticos deixam de ser vistos pelo que eles representam em termos de ocorrências morfológicas, sintáticas ou semânticas para serem analisados a partir da relação que tais ocorrências estabelecem com os elementos históricos e culturais que integram o processo de produção e de interpretação da atividade verbal. (DIAS-LYSARDO, 2007, p. 209).

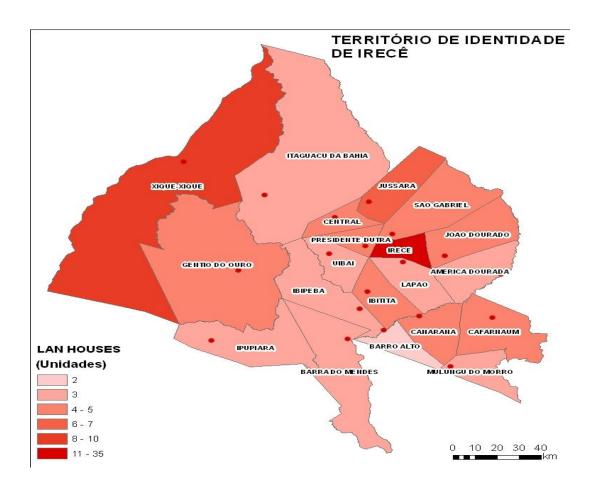
Deste modo, *chat* e *weblog*, longe de serem vivenciados como um lugar de anarquias linguístico-discursivas, configurando-se como espaço de produção de linguagem à qual estão ligados conflitos de ordem individual e coletiva. Nesse contexto tais confrontos fundam-se na diversidade e na diferença, promovendo assim, modos de perversão da ordem linguístico-discursiva e, por conseguinte, incentiva a busca por liberdade e cidadania a partir da presença no ciberespaço.

O próprio procedimento de analise proposto pelas teorias do discurso privilegia produções verbais autênticas na diversidade dos elementos lingüísticos e extra-linguísticos que lhes são inerentes e engendra um posicionamento ético da parte do analista, que se compromete com uma visão da globalidade da atividade verbal sem perder de vista a especificidade de cada aspecto. O deslocamento que essa postura exige tem a ver com a maneira de entender os modos de articulação entre língua e sociedade e de vislumbrar as relações entre o saber que se produz [...] as crenças e representações sobre os modos de funcionamento da linguagem determinam a maneira como conduziremos a relação com nosso objeto de estudos, neste caso o modus de produção de linguagem através do chat e weblog. (grifo meu) (DIAS-LYSARDO ,2007, p. 212).

Nesse posicionamento, tem-se a concepção de que o cibernauta atua no *chat* e *weblog* como sendo um enunciador que se apropria de elementos da língua ciberespaço e, por conseguinte, de suas regras, aplicando-as a partir de motivações que o remete à produção de discurso, nos quais se localizam desejos, necessidade, emoções e razões individuais.

4.2 A busca por lan-houses

Aproximação entre os sujeitos ocorreu a partir de encontros nas *lan houses* quando das visitas aos locais da pesquisa, lhes foram solicitadas informações através de diálogos diretos, os quais foram registrados em anotações. Vale lembrar que a maioria das anotações foi feita usando a linguagem dos cibernautas, visto que, às vezes, alguns pediam para ver as anotações e, muitas das vezes pediram para que as mesmas fossem na linguagem deles.



4.3 Cibercensura: prática ideológica

Nas incursões de pesquisa verificou-se que há uma política de controle do acesso a determinados ambientes virtuais por parte dos coordenadores de instituições públicas de ensino, bem como dos professores e diretores das unidades escolares onde há laboratório de informática.

Segundo argumentaram os entrevistados, isso ocorre por diversos fatores dentre os quais se destacam:

- a) evitar que os alunos evadam da sala de aula para navegar na rede;
- b) inibir o uso de sítios "proibidos" e inadequados para os adolescentes;
- c) perder o foco das discussões em sala de aula.

Por outro lado, foi apresentada pelos monitores a defesa de que o laboratório está ali para que seja usado como espaço de pesquisa, todavia os estudantes o têm usado indevidamente, e o uso de *firewall* é uma questão legitimada pela direção da escola, entretanto não nos foi apresentado nenhuma regulamentação via regimento.

Aqui nosso diretor foi quem nos orientou em criar um firewall para evitar que os estudantes pudessem "perder" tempo abrindo sites indevidos ao invés de fazerem as pesquisas recomendadas pelos professores." (Técnico do laboratório, em 06/04/2009).

Destarte, se o docente precisar acessar qualquer sítio além do institucional necessita da permissão do responsável pelo sistema, o qual libera a senha para tal uso.

Com base nisso, reforça-se a questão da falta de acessibilidade às potencialidades dos saberes além do universo instituído pela escola, isto é, as tecnologias digitais e intelectuais precisam ser controladas.

Achamos que os estudantes estavam perdendo o foco das questões propostas pelos professores quando do uso da internet é para fazer pesquisa, acessando sites de relacionamento e teclando no MSN. Então, resolvemos colocar o firewall para melhorar o aproveitamento da rede. (Professor de uma escola pública, em 06/04/2009)

Ficaram evidentes na coleta de dados que nas *lan houses* os cibernautas encontram maior possibilidade de construírem suas redes sociais de forma mais livre e ampla, conforme depoimento a seguir:

Na lan house a gente tem liberdade e podemos navegar a vontade, inclusive falamos com amigos de várias partes do mundo, tratando de assuntos diferentes sem que haja a vigilância. Além disso, podemos jogar, brincar conhecer gentes e lugares bacanas. (Firewall, em 20/05/2009, lan houses na lagoa de Tió)

4.4 O uso da linguagem no chat: uma construção de livre

ISOL diz:
oi querido
boa tarde e as 9dade?
Ro diz:
ola
tdo bem?
e as novidades?
ISOL diz:
vou bem e vc?
por enquanto neHuma 9dade
ISOL diz:
Blz -):
(A) Thank you
(YsoLI, em 12/06/2009, lan houses Lot. Anobio Batista)

Esses são os modos como os cibernautas se articulam para romper com a proposta uniformizadora advinda da hegemonia do sistema linguístico que busca a manutenção dos purismos da língua e, também da tecnologia intelectual escrita. Por outro lado, é importante considerar que os cibernautas no Território de Identidade de Irecê, usando a internet como suporte onde o *chat* e *weblog* constituem-se espaço de produção e socialização da ordem linguística solicitada pela sociedade contemporânea, na qual se verifica as perversões no *ethos* linguístico praticado no cotidiano.

apesar d vc ser chata e deselegante por ficar corrigindo os outros eu gostei de sua resposta e para com essa mania pois todos aki iscrevem de qualquer jeito pois e so uma diversao nao eh c/ uma sala de aula com akela professora carrasca! (Twiteira.girl, em 12/06/2009, lan houses no centro)

4.5 Da escrita arcaica ao emoticons

Sabe-se que através do processo diacrônico e sincrônico Saussure (1999) apresentou como a língua evolui no tempo e espaço. Portanto, a comunidade linguística percebendo essas questões vai ao encontro da melhor forma de realizar suas ações de linguagem, isto é, todos se comunicar por meio de adaptações no campo linguístico.

Para se chegar ao que se conhece hoje do português, várias ocorrências levaram às mudanças significativas que se operaram lenta e continuamente no idioma.

Por acreditar nessa constante evolução linguística é que se busca observar o português que se usa hoje no Brasil desde a sua formação histórica (o português arcaico) até a forma usada no MSN (Messenger), pensando na perspectiva da mudança linguística como agente gerador de evolução, poder e discriminação.

À língua falada e escrita foi aplicada conforme os interesses dos povos dominantes que, exercendo seu poderio no período da colonização promoveram o fortalecimento

Na fase de definição do conceito e da função da norma lingüística para as línguas das monarquias européias, fase que coincidiu com a época histórica de fortalecimento das grandes monarquias, foi o saber clássico que foi usado para dar valor e credibilidade às gramáticas dos

falares "vulgares" e para expandir os léxicos através de uma quantidade de empréstimos do Latim e do Grego. (GNERRE, 1998, p.26).

As mudanças não ocorreram por um simples capricho, elas (mas) obedeceram a uma tendência natural, "hábitos fonéticos espontâneos" (COUTINHO, 2005, p.13) que resultaram em atos glóticos⁴⁸ do povo português. Segundo Coutinho (2005), o que existia era o latim simplesmente.

Apresenta-se então a partir disso, dois aspectos linguísticos que com o decorrer do tempo foram se tornando cada vez mais distintos: o latim *clássico* e o latim *vulgar*. Não eram duas línguas diferentes, mas dois aspectos de uma mesma língua. Ainda segundo Coutinho (2005) o latim clássico era marcado pelo apuro do vocabulário, pela elegância do estilo dos termos da língua usados na linguagem literária.

A tradição literária começa em Roma no III a. C. com o aparecimento dos primeiros escritos literários. Mas, o apogeu do latim clássico é representado pela época de "Cícero e Augusto" (COUTINHO, 2005, p.29). A partir daí apareceram os grandes artistas da prosa e do verso.

O latim vulgar por outro lado, era falado pelas camadas mais humildes, consideradas inferior pela sociedade romana, inicialmente, e depois em todo o Império Romano. Nessas classes eram compreendidas todas as pessoas incultas que eram indiferentes às produções literárias.

Durante muito tempo o latim vulgar e sua evolução foram contidos pela gramática, pela literatura e pela classe culta, porém mais tarde se expandiu livremente.

com a ruína do Império Romano e o avassalamento dos seus domínios pelas hordas bárbaras, cuja conseqüência foi, e não poderia deixar de ser, o fechamento das escolas e o desaparecimento da aristocracia, onde se cultivavam as boas letras" (COUTINHO, 2005, p. 30).

Nesse mesmo contexto é possível verificar o encontro de pensamento sobre as questões em estudos quando se compreende que aparecem certos elementos que são

-

⁴⁸ Glóticos deriva de Glotologia, ciência que estuda a origem e o desenvolvimento da linguagem.

Estancados os mananciais donde vertiam os tesouros preciosos, com que se enriqueciam as ciências, as artes e as letras, á língua, tão sólida e custosamente implantada na Península foi-se ainda mais abastardando e corrompendo (CARNEIRO, 199i, p. 172)

Latim vulgar, produto de contribuição tão variada de humilde origem rural, se havia sobreposto aos diversos elementos dialetais de outras procedências. As diferenças entre o *sermo urbanus* e o *sermo vulgares* foram se acentuando cada vez mais desde que adotaram o latim como idioma comum de povos tão diversos pela língua e pelos costumes.

A literatura latina era um cerco fechado, onde os escritores evitavam a todo custo empregar termos ou expressões da plebe, podemos então concluir que profundas eram as diferenças entre o latim clássico e o latim vulgar.

Segundo Coutinho (2005) é característico no latim vulgar: no vocabulário a preferência dada às palavras compostas, derivadas ou expressões periféricas: depost (post), Jam magis (nunquam), permanecere (permanere); na fonética: o obscurecimento dos sons finais: es (est), pos (post), biber (bibere); na morfologia pela confusão nas conjugações: florire (florere), lucire (lucere), ridire (ridere), sapére (sápere), cadére (cádere), lóndere (londére); na sintaxe pelo emprego mais frequente das preposições em vez dos casos: dedi ad patrem (dedi patri), líber de Petro (Petri líber). Entre outros aspectos.

Algumas das particularidades aqui mencionadas existiam também no latim clássico, porém mais se acentuaram no latim vulgar. É pensando sob o viés da mudança e evolução que escolhemos alguns termos da carta de Pero Vaz de Caminha e a forma dos mesmos termos usada no MSN (Messenger) visando por intermédio destes mostrarem a mudança ocorrida desde o período arcaico da língua até a modalidade linguística digital do MSN, tendo como enfoque, evolução, poder e discriminação.

O português é proveniente das línguas românicas ou línguas latinas, que são o grupo de línguas os que nasceram da evolução do latim, mais precisamente do latim vulgar que os romanos introduziram na Lusitânia, "(...) pode-se afirmar, com mais propriedade que o português é o próprio latim modificado" (COUTINHO, 2005, p. 46).

Há dez línguas românicas, a saber: o português, o espanhol, o catalão, o francês, o provençal, o italiano, o relo-romano, o dalmático o romeno e o sardo.

O português é falado em Portugal, no Brasil, na ilha da Madeira, no arquipélago de Açôres, nas antigas e atuais colônias portuguesas da áfrica, da Ásia e da Oceânia.

Em 1189 com a fundação de Portugal como nação, surgiu a língua portuguesa arcaica que perdurou até a sistematização feita nas primeiras gramáticas, por Fernão de Oliveira em 1536 e João de Barros em 1540.

Eis aqui algumas das importantes obras do principal período arcaico cujos manuscritos ainda existem. Do século XII a XIV: Cancioneiros Trovadorescos (da Ajuda, da Vaticana, Colocci-Branculi), Nobiliários, Demanda do Santo Graal, S. Agostinho, etc; do século XIV a XV: Estória Geral, Corte Imperial, Crônica da Ordem dos Frades Menores, etc; século XV a XVI: Cancioneiro Geral de Garcia Resende, obras de Fernão Lopes, obras de Gil Vicente, etc.

É a partir do século XVI que a língua portuguesa começa a apresentar fortes traços que a distinguem da que se usou em Portugal nos séculos anteriores. As diferenças entre o português arcaico e moderno podem ser assinaladas no vocabulário, na fonética, na morfologia e na sintaxe.

Quanto ao vocabulário, pode-se perceber no cortejar das obras da fase antiga do idioma que algumas palavras não guardavam a mesma forma que hoje se emprega como *moor* (*maior*, *lavon* (*lavam*); outras tem acepção diferente: a palavra *cunhado* que resulta do latim "*cognatu*" ('*nascido do mesmo sangue*'). "*Cognatu*" originou em português as palavras *cunhado* e *cognato*. A palavra *cognato* conserva o sentido latino, é a forma erudita, e além do sentido jurídico de parente consanguíneo, e, o sentido atual de *cunhado* (parente por afinidade) nada tem a ver com o seu primeiro sentido, lá no latim (parente pelo sangue); e algumas até desapareceram sem deixar vestígio: *Ueraci, amazaruli*.

Na morfologia arcaica, os nomes terminados em —nie, -or e —ês eram uniformes: mha senhor, língua português; alguns que não se flexionam hoje perante o plural modificavam-se antes: ouvívezes, alférezes, arráezes, muitos tinham gênero diferente como fim e mar, eram femininos e tribo e linguagem eram masculinos; a segunda pessoa do plural dos verbos terminava em —des, ainda hoje conservado nos monossílabos, ou quando a essa desinência precede consoante nasal ou r, o particípio passado dos verbos da 2ª conjugação terminavam em —udo, terminação que se conserva em conteúdo, manteúdo, teúdo.

A sintaxe arcaica variava o particípio passado junto ao verbo ter e haver: "averás passadas as atribulações", a preposição podia reger o gerúndio: "sem levando-a"; usava-se o caso-complemento do pronome pessoal pelo caso-sujeito: "o coraçom pode mais ca mim"; com o sujeito coletivo do plural, o verbo poderia conservar-se no singular "hi morreo grandes gentes"; empregavam duas negativas pré-verbais: 'nom nenhum príncipe nom foi tam poderoso" havia mais liberdade na colocação dos pronomes oblíquos: "mas farei-te hua cousa"; encontravam-se verbos com a regência diferente da que têm hoje no português atual: soer, convir, dever, cuidar, ousar, travar.

Para dar uniformidade à grafia da língua o Governo Português nomeou uma comissão de ilustres lingüistas para nortearem uma reforma ortográfica em que nenhum de nossos linguistas foram chamados a colaborar. Resultado disso foi que a reforma atendia perfeitamente aos aspectos fonéticos da língua falada além-Atlântico, porém não acontecia o mesmo com o português do Brasil.

Para sanar as divergências gráficas a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa celebraram um acordo gráfico, que depois o Governo Brasileiro tornou obrigatório para todo o território nacional.

Segundo Coutinho (2005) os dois últimos acordos foram celebrados entre representantes dos dois países: o de 1943 e o de 1945. Depois de muita discussão, pronunciou-se o Congresso Nacional pelo de 1943, que obteve sanção do Governo, sendo, por conseguinte, adotado em todo o território brasileiro. Em Portugal, é usado o de 1945.

Depois do acordo de 1943, como era de se esperar, o português falado no Brasil não cessou de se modificar, de evoluir de ter características próprias. Na contemporaneidade com os adventos tecnológicos interativos da internet, seus comunicadores instantâneos, surgiu o MSN (Messenger) e o seu modo específico de

linguagem, um código usado pelos seus usuários que denota uma mistura de língua escrita, abreviações de palavras e língua falada.

Sempre houve uma relação de poder no estabelecimento de um código lingüístico, no qual, a relação com o poder e o *status* social sempre esteve evidente. Desde o latim vulgar pode-se observar a relação de poder existente na língua, a literária foi sempre mais valorizada que a vulgar falada pelas pessoas humildes. Quem detinha o poder e prestígio mediante a sociedade, estabelecia sua língua como pura, incorruptível e correta. "A gramática normativa escrita é um resto de épocas em que as organizações dos Estados eram explicitamente ou declaradamente autoritárias e centralizadas" (GNERRE, 1998, p. 26).

Diante disso, poder-se-ia dizer que todas as formas de linguagem fossem igualmente válidas e gozariam do mesmo valor linguístico. Sempre houve a busca do estabelecimento de um padrão linguístico que atendesse às exigências de uma norma rígida e imutável, um padrão considerado de maior prestígio, a linguagem escrita normatizada, ou seja, o padrão gramaticalmente aceito e regularizado chamado, língua padrão culta.

Então pode se perceber que há questões de ideologia que mediam a situação de estabelecimento de uma língua como padrão culto, e consequentemente a desvalorização da linguagem dos demais povos que não gozavam de direito nem de poder o suficiente para adquirir respeito e status nem linguístico, nem social. "Talvez exista uma contradição de base entre ideologia democrática e a ideologia que implica na existência de uma norma linguística" (GNERRE, 1998, p. 25). Segundo os direitos democráticos nenhuma discriminação dos indivíduos tem razão de ser "a única brecha deixada aberta a discriminação é aquela que se baseia nos critérios da linguagem e da educação" (GNERRE, 1998, p. 25).

Apesar da tentativa de estabelecer um padrão linguístico de mais prestígio na sociedade, a língua, como elemento vivo não deixou de mudar, de evoluir, não se manteve estática no tempo, pelo contrário, evolui continuamente, como diz Marcos Bagno no seu livro *A língua de Eulália* "a língua voa" e mediante essa consciência de mudança gradual é que escolhemos como *corpus* alguns termos do português arcaico da *Carta de Pero Vaz de Caminha* datada do ano de 1.500, posto em uma tabela em confronto com os inovadores e distintos termos usados na linguagem do MSN (Messenger), mostrando a mudança que aconteceu nos termos citados.

Frases da Carta de Pero Vaz de Caminha onde foram tirados os termos:

"co huu chimchorro e matarom pescado meudo..." fol. 4v, l. 33-34

[&]quot;tarde sayo o capitã moor..." fol. 4v, l. 23-25

Português arcaico do ano de 1500	Português moderno atual (padrão culto)	Linguagem do MSN (Messenger)	
Cõ	Com	Cm	
Muy	Muito	mt/mto	
Uontade	Vontade	Vtd	
Gente	Gente	GNT	
Nõ	Não	ñ/naum/nops	
Oras	Horas	Hrs	
Moor	Maior	Mó	

Nota-se no exemplo acima, que "a língua muda sem cessar e não pode continuar funcionando senão não mudando". (COSERIU, 1979, p.15), Trata-se do paradoxo da linguagem que nos leva à compreensão de que a língua vive em equilíbrio instável.

A cada momento, termos são considerados obsoletos, como é o caso dos arcaísmos da carta de Caminha utilizados no *corpus*. A língua é como diz Coseriu, "*um fazimento*" (*Id*. p. 100) e as mudanças linguísticas pertencem à ordem final, o que significa dizer que a língua é um sistema para cumprir uma função: a comunicação. A língua faz-se continuamente porque o falar é atividade criadora.

Desde que a Linguística passou a ser encarada como ciência, na segunda metade do século XIX, a mudança passou a ser uma preocupação dos estudiosos de língua. A princípio, acreditava-se que a língua evoluía paulatina e gradualmente para atingir uma fase final de plenitude, quando estacionaria, caracterizando, assim, uma civilização superior.

Observando-se a linguagem da *Carta de Caminha* e a forma usada no MSN (Messenger), observar-se-á que as diferenças de linguagem entre os dois

[&]quot;com muy boas uontades..." fol. 11. I. 3-5

[&]quot;...esta jente no lhes falece..." fol. 13 l. 3-5

[&]quot;e chegariamos aesta amcorajem aas x oras..." fol. 1v, l. 16

pertencentes, respectivamente, à fase arcaica portuguesa e ao "português moderno".

Os termos carta de Caminha como se pode constatar que são bastante arcaicos, sua estrutura difere quase que totalmente do léxico de hoje, a língua portuguesa arcaica é uma derivação do latim vulgar como foi mencionado acima no texto, então, com o decorrer do tempo e com influências vindas de outras línguas, cultura e povos deu-se o português arcaico que também não cessou de evoluir, abandonando a matriz portuguesa e trilhando seu próprio caminho, recebendo influências também de povos outros como índios, africanos, italianos, etc.

Chega-se ao estado moderno do português onde se estabelece uma norma gramatical tida como correta e com qualidades estimadas acima de todas as outras modalidades da língua, ou seja, todos os tipos de variantes.

Dentre as modalidades existentes na língua há uma em especial que vamos tentar melhor abordar aqui, um código que mistura fala com linguagem escrita, a weblinguagem ou linguagem do MSN (Messenger) busca no mínimo de tempo enviar o máximo de informação possível.

A linguagem do MSN se caracteriza pelo emprego reduzido dos termos do português padrão, adaptando-o a economia de letras e aproximando-a da fala o máximo possível, pois é um diálogo baseado na informalidade, em que não se prima por eventuais regras gramaticais existentes no padrão estabelecido como norma, muitas vezes o tempo é curto e a gama de informação é muito grande, então o mais importante no universo digital do MSN é comunicar-se com o máximo de pessoas, com a maior economia possível de tempo, letras e/ou termos.

Assim, a mesma força transformadora da língua dos trovadores dos clássicos quinhentistas, embora tenha sido parcialmente travada pela gramaticalização e pelo ensino nas escolas, continua viva e atuante. Portanto, que as mudanças, sejam elas fônicas, lexicais, semânticas, sintáticas ou morfológicas, estão sempre latentes, convivem com os usuários da língua em qualquer momento sincrônico.

A fala é individualmente livre, pois seria impossível a linguagem escrita transpor todos os sons da fala, como diz Saussure (1999) "os signos da língua são,

por assim dizer tangíveis; a escrita pode fixá-los em imagens convencionais, ao passo que seria impossível fotografar em todos os seus pormenores os atos da fala". (SAUSSURE, 1999, p. 23)

Diante disso, a língua é uma fonte intensa de evolução, poder e também de discriminação: evolução, porque está sempre num constante estado de mudança, evoluindo gradualmente e constantemente, mudanças essas que podem ser percebidas pelas construções linguísticas dos falantes nativos da língua, poder porque quem goza mais prestígio, seja ele social, cultural, ou material impõe sua língua, seu modo de falar, e, discriminação porque quem não se adapta a norma, a forma, é estigmatizado e tido como inferior em relação aos demais.

A partir dessa questão histórica da língua(gem) é interessante se verifica como os *emoticons* são usados pelos cibernautas na produção de comunicação entre si nos *chat* e *weblog* pesquisados nas *lan houses* do Território de Identidade de Irecê – BA:

4.6 Emoticons usados pelos cibernautas do Território de Identidade de Irecê – BA

Sentimentos		Ações		Criação espontânea	
Signo	Sentido	Signo	Sentido	Signo	Sentido
:-)	Sorrindo	;-)	Piscando	@>	Rosa
:-))	muito feliz	XD	Gargalhando	(_)3	Caneca de cerveja
:->	Bem feliz	:-*	beijando	_/7	Xícara de chá
:-]	Alegre	-P	Mostrando a íngua	(0)	hamburger
:-D	Alegre	:"-(chorando	_@/	Cabelo
					encaracolado
8	Triste	:-()	gritando	:^)	Sorriso de perfil
:-((Realmente triste	:-V	berrando	+:-)	Médico
:-<	Muito triste	-@	confuso	@?~	Arrombou tudo
:-]	Um pouco triste	:-{	O quê	8-o	Chocado
>:-(Chateado	:-I	Indiferente		
:-Q	Confuso	:-/	cético		



Verificou-se que esses *emoticons* foram constantemente usados pelos cibernautas do Território de Identidade de Irecê – BA, valendo ressaltar que as adolescentes foram as que mais usaram em suas conversações os *emoticons* da primeira parte da tabela acima, isto é, ficou evidente uma comunicação carregada de sentimentos.

Conforme excerto: O Twitter está tendo mais visibilidade q o Orkut e blog e tahh rendenu muitas discussões nos vários fóruns q entru. :) Bjos twitter vai ser d+ (twiteiro.tomboy, em 15/08/2009)

Ver-se, portanto, que é no ciberespaço e por meio das tecnologias intelectuais que vão se adaptando às novas criações que os cibernautas realizam suas comunicações a ponto de

Ciberespaço (...) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 1999, p.17).

Assim sendo, tornar-se-á comum a obsolescência de determinados suportes digitais e, em seguida a criação de novos mecanismos nos quais os cibernautas produzirão a sua maneira suas linguagens e códigos específicos por meio da tecnologia intelectual escrita.

4.7 Chat: lócus de pertença e liberdade

Ae... tc no chat eh d+ ae... aki m sintu free (Twitter(Girl, 2009)

Nesse subtópico é colocado em destaque alguns pontos que levam à compreensão do que significa a linguagem praticada na internet, *chat* e *scraps* e *weblog* a qual se passa a denominar de ciberdiscurso (Barreto, 2005). Sem recorrer a exaustivos exemplos práticos.

A fim de melhor elucidar a maneira como o *chatters* se posiciona na rede, como produtores sócio-discursivos na *web*, desde o *chat* aos *scraps* postados no Orkut, vai-se destacando as categorias de *linguagem* e *sentido*.

Os sujeitos do ciberespaço criam ações e denominações específicas, entre elas, *teclar* significando assim, ato de conversação. Isso leva à inferência de que há uma novidade na maneira pela qual os sujeitos se relacionam com o mundo, posto que esteja incluso no meio.

(...) o sujeito navegador se encontra em relação com o ambiente internetiano, ele precisa arregimentar e manter relações com os outros sujeitos que também estão no mesmo ambiente. Além dessas, o internauta

mantém relações consigo mesmo e com uma escrita que lhe exige um nível sofisticado de letramento digital para compreender seus pares e se fazer entender por eles. É nessa teia de relações que ele se constrói como sujeitos e que a escrita digital se manifesta como atividade, desenvolvendose à luz da criatividade dos internautas, conforme mostra a ilustração acima. (ARAUJO, 2009, p. 126)

Nesse sentido, os *chatters* atuam no plano da escrita a partir de uma perspectiva estética da escrita, a qual é tomada por uma tecnologia intelectual manuseada por um grupo amplo de sujeitos que desejam ir além da produção de linguagem comunicação, pretendem ainda, se relacionarem com outros sujeitos. Para isso é necessário o domínio do código linguístico, o qual é minimamente exigido, isto é, os sujeitos precisam estar letrados digitalmente⁴⁹, pois dialogaram com outras pessoas que já detêm com certa desenvoltura com essa atividade de escrita.

É sabido que todo ato comunicativo é suportado pela interação entre os comunicantes. Desse ponto de vista discute-se o contrato sócio-comunicacional do *chatters* em virtude destes serem sujeitos sociais e comunicativos em ambiente digital.

Dessa maneira, entre o *chatters* há uma conveniência na qual se articulam sentimentos de pertença linguística e comunicacional. Dizendo de outro modo, os comunicantes do chat estabelecem entre si um contrato social no qual ficam estabelecidas normas linguísticas e, que, portanto, não será permitido o descumprimento, visto que todos estão cientes de que o ambiente digital é constituído por ações lúdicas permitidas pela perversão da ordem linguistica canônica.

Isso ocorre por que *chatters* já apreenderam o sentido da atividade no ambiente digital. Por isso a natureza da tecnologia intelectual usada, escrita no *chat* é de outra ordem e que, se fosse ao ambiente canônico da escrita, seriam feitas outras escolhas linguísticas.

Desse ponto de vista, a relação e o sentido estabelecidos e engendrados pelos *chatters* constituem saberes que levam a novas relações com a linguagem as quais são mediadas pela escrita, levando os comunicantes à compreensão de que o

⁴⁹ Trata-se de, nesse caso, do reconhecimento de que é necessário o domínio de ações comunicativas que são orientadas pela escrita projetada na tela do computador, além dos aparatos tecnológicos oriundos de inúmeros *softwares* que ampliam as possibilidades de interação humana em ambientes digitais. Conforme Araújo (2009, p. 129).

contrato sócio-comunicativo entre eles vai além da simples modificação vocabular. Ou seja, considera-se que, sob a ótica da sociolinguística esta prática comunicativa está embasada na perspectiva de variedade linguística e como tal materializa nos enunciados dos cibernautas em *chat*, *weblog*, *scraps*, etc.

Nesse sentido não é preciso à escola pensar em fazer a alfabetização de seus estudantes, estes já tem o domínio da linguagem digital e, portanto, são autônomos em suas práticas sócio-comunicativas. Cabe sim, a escola repensar seu lugar no contexto linguístico atual, isto é, abolir de suas salas de aula a ciberfobia e, assim, agregar para seus contextos essa nova variante linguística como saber institucionalizado pela comunidade virtual.

Nas palavras de Araújo (2009) postula-se que a escola faça uma leitura positiva do contexto linguístico comunicacional ofertado pela *web*, posto que assim, ter-se-ia na linguagem digital um espaço de ampliação do conceito de língua como sendo tecnologia de interação sócio-cultural dos falantes, posto que esteja se afirmando em trocas linguísticas constantes, ou melhor, nas economias das trocas linguísticas.

Assim sendo, conclui-se temporariamente que a escola ainda não está situada e/ou preparada para assimilar a produção *orkuteira*, *chateana* e *blogueira* como aliada para estimular seus estudantes a produzirem textos e leituras além da prevista pelo canônico educacional.

Outro aspecto importante nesse contexto são as contribuições da ciberdiscurso ou internetês para uma nova história social e comunicacional da linguagem. Isso pode ser configurado devido à inserção do computador no cotidiano das pessoas, sejam crianças e jovens que, pervertendo a ordem linguística criam-se códigos e mecanismos que reafirmem seus sentimentos de pertença por meio da linguagem praticada na rede.

Esta é a opinião de um *chatter* sobre a linguagem e a prática comunicativa na web.

Chatter: "ae... pra tc vc teim q ser fera i s naum mata U chat! Aqui naum teim freskura pq u tp naum paraaaaaaaa! @ ae prof... nois fla do jto q eh bm pra gte, s vc naum sabe o nosso vcb eh freskura sua pq acentua d+. ae qm naum tc speed chat ta forahhhhhhhhhhhhhhhl! @ @ @ eh d+ tc na net.

Eu, Professor: My dear, assim vcs não vão desmancha com a norma da língua?

Chatter: kkkkkkkk © Teacher aki naum td tm vc q ser speed! 1 koisa é skrv pra iskola... outra eh tc n1 chat! Aki eh free + tm regra tbm. Qm naum sabe tc o aprende rpd o tá foraaaa ©. kkkkkk

Nesse sentido Bisognin (2009) corrobora com o chatter ao afirma que

O problema estaria em os jovens dominarem apenas o *internetês*, o que parece ser pouco viável porque ninguém se alfabetiza nessa modalidade linguística. Nenhum jovem interage com o mundo apenas na língua da internet, ao contrário, ele precisa dominar duas formas de língua. A primeira é a oficial, com sua norma culta, que lhe dá o poder de expressar-se com competência, de forma clara e organizada, como cidadão. A segunda é a adaptada às necessidades da Internet, que lhe dá o poder de se inserir no mundo digital e no grupo característico de sua faixa etária. Essa forma linguística é empregada num ambiente em quês seus usuários não vêem a obrigatoriedade de utilizar a escrita da norma culta. (BISOGNIN, 2009, p. 23).

Ver-se que o *chatter* ao produzir seu saber discurso nos orientada quanto ao lugar e o porquê de os professores de língua portuguesa alarmarem diante de tais produções, o que é de fato verdade, comprovado pela afirmação: "**s vc naum sabe o nosso vcb eh freskura sua pq acentua d+.**" (Chatter, 2009).

Isso confirma que nessa formação linguística é empregada num ambiente em que seus usuários não vêem a obrigatoriedade de utilizar a escrita da norma culta. (BISOGNIN, 2009, p. 23).

Apresenta-se aqui, algumas questões relativas às linguagens do ciberdiscurso ancoradas pelas tecnologias da informação e comunicação – TICs – na perspectiva de que elas têm na internet uma ferramenta de divulgação e, portanto, são permeadas de elementos e sentidos e significação de linguagem além da escrita convencional.

Assim sendo, reconhece-se que tecnologia tem crescido tão rapidamente que se torna difícil designar, classificar e ou acompanhar suas variações técnicas e, sobretudo, pontuar qual a linguagem que será a ela anexada pelos usuários, sobremaneira aqueles que se vinculam à internet. A cada dia, novos equipamentos surgem no mercado e, em pouco tempo, o que era de última geração passa a ser obsoleto, em nome do conforto e da rapidez.

Uma das áreas que mais tem avançado e se difundido em praticamente todas as classes sociais, é a internet. E, juntamente com esse desenvolvimento, cresce a

preocupação de pais e professores com a linguagem que se praticam nesse ciberespaço. Essa linguagem tem até vários conceitos, ciberdiscurso (Barreto; Baldinotti, 2005) internetês (Araújo, 2004, Bisognin 2009).

A internet tem proporcionado um espaço no qual os internautas exploram suas capacidades cognitivas, comunicacionais e a criatividade linguística de maneira a caracterizá-los como seres humanos facultados de ação de linguagem. Isso sem dúvida tem levado à interação social dos mesmos, se tornando cada vez mais rica em virtude das práticas socioculturais que levam à subversão da ordem instituída pela linguagem canônica da escola, visto que essa reconhece apenas a escrita como tecnologia estática empregada ao suporte do papel. Ollll sumidão p/ onde tu andas q/ ñ é mais visto- na fac. Ah deve ser pq/ vc ñ pega mais a nossa turma, rsrsrs! xero e xauuuuuuu! Orkut(eira (: (Chateir@10,)

Para Bisognin (2009) o suporte tecnológico da internet tem facilitado o uso variado da linguagem na web, inclusive no chat, Orkut, weblog, MSN, de modo tal que os apologetas da variante canônica da língua chegam a considerar a linguagem da web como um empobrecimento. Por outro lado, reconhece na linguagem do ciberdiscurso e ou internetês uma forma de enriquecimento do idioma, visto que nesse particular exerce-se a liberdade e a democracia linguísticas.

Para compreender o que acontece com a linguagem quando o cibernauta se comunica por meio, por exemplo, do *MSN* – que é um programa de bate-papo que permite conversas instantâneas – se tem de considerar a internet como um meio muito rápido de comunicação.

Assim, isto revela que o texto usado no *MSN* é muito próximo da língua falada e, portanto, tem sua pertinência enquanto linguagem no suporte tecnológico que veicula e não há motivos para pânico da parte de professores e pais, porque há um contrato comunicacional no qual o cibernautas reconhecem o ciberespaço do *MSN*, *chat*, *orkut*, etc. como sendo seu lócus apropriado para tal produção de linguagem.

Nesse caso, à maneira de Saussure (2004) reconhece-se, portanto, que no ciberdiscurso onde os cibernautas praticam linguagem há "uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade" (SAUSSURE, 2004, p. 22).

Destaca-se que, nesse caso, há uma economia na escrita das palavras, isto é faz-se corruptelas de algumas letras para evidenciar a emergência da escrita e com isso novos significados são atribuídas às conversações. Lembra-se, pois, que isso não é novo, visto que há muito tempo se praticava a corrupção e ou codificação do

texto nos telegramas, sendo tal economia articulada na perspectiva de sintetizar a mensagem e assim diminuir o preço do serviço.

Sabe-se ainda que essas modificações levem à alteração dos sentidos da mensagem, uma vez que a linguagem passa a ter outro significado. Este de acordo com Coseriu (1979b) é o conteúdo de um signo linguístico em sentido estrito, é a configuração das possibilidades de designação.

No que se refere aos sentidos articulados nas mensagens postadas e trocada na web pelos cibernautas, os sentidos passam a assumir destaque quando seu conteúdo especialmente é posto no próprio texto, isto é só existe sentido no plano do texto, no ato da fala de um falante numa determinada situação, e não no falar em geral ou nas línguas. Coseriu, (1979b)

Assim, tomando a produção de linguagem escrita no internet como ato comunicativo que se aproxima da fala, tem-se, na verdade, uma produção de significado e sentido efetivados por meio de uma variante de linguagem além da ideia canônica de escrita.

Ao se utilizarem programas como o *MSN*, a comunicação ocorre através de um meio escrito, no entanto o texto é oral. Sendo a internet um meio que exige agilidade e rapidez, a escrita por meio de abreviaturas faz com que a comunicação seja mais rápida, simulando assim a mesma rapidez da fala. "kkkkkkkkk © Teacher aki naum td tm q ser speed! 1 koisa é skrv pra iskola... outra eh tc n1 chat! Aki eh free + tm regra tbm. (CHATTER, 2009).

Nesse contexto comunicacional do ciberdiscurso na web é interessante compreender que, antes mesmo dos chatters usarem em suas comunicações inteneteanas a linguagem cifrada e foneticamente articulada, eles já dominavam outras variantes da língua, a exemplo, as gírias cotidianas. Assim sendo, a mudança para o novo suporte de comunicação chat, msn, Orkut, fazendo as alterações constitui-se numa mera mudança de meio comunicacional. "(...) a escrita alterada pelos jovens na Internet é uma representação da linguagem, a qual, por sua vez, associa-se ao pensamento. Ela torna presente na fala de alguém que não está falando no local." (BISOGNIN, 2009, p. 23).

Então, aqueles que ainda não foram autorizados e reconhecidos sobre a produção de linguagem por meio das ferramentas da internet – chat, Orkut, weblog, msn, etc acalmem-se. Essa forma de escrita já faz parte do cotidiano virtual de todos nós e não tem mais como ignorá-la, tampouco impedi-la.

Para Saussure (2004) isso acontece porque a língua é

um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo. (SAUSSURE, 2004, p. 21).

Dessa maneira, a produção realizada pelos cibernautas na rede é construída na perspectiva de se agregar vários indivíduos em torno de algum que lhes são comuns, a linguagem do ciberdiscurso e ou internetês. Esta, por sua vez, torna-se instrumento de poder, posto que, a língua em sendo uma produção humana, torna-se uma convenção, uma imposição social e, logo se eleva ao estatuto de instrumento de poder entre aqueles que a dominam em suas variantes constitutivas. (DACANAL, 2006, p. 38).

Por outro lado, embora os *chatters* a cada dia ampliem seu poder comunicacional na *web*, construindo novos signos e símbolos, demonstrando assim seus poderes, ainda não reivindicaram sua parte no quinhão da língua, isto é, os cibernautas parecem realizar uma revolução silenciosa com qual se insere apenas no mundo da linguagem digital.

A língua à maneira de Saussure é um sistema vivo e, portanto, se adequar às situações de comunicação é resultado de uma ação humana. Isso não significa dizer que agora "pode-se escrever de qualquer forma na *web*?" Não. As abreviações são permitidas no MSN, no Orkut, nos *e-mails* informais, nos *chats* (e até nesses textos existem regras! Caso contrário, nem mesmo os cibernautas se entenderiam), não cabe usá-las em outros gêneros textuais.

Portanto, o ciberdiscurso ou internetês não prejudica o bom português, porque os comunicantes dessa modalidade sabem que se trata de uma linguagem de uso específico no ambiente virtual. Por outro lado, são conscientes de que os livros, jornais e revistas da *web* compõem o hipertexto do ciberespaço estão escritos no código canônico da escrita e, assim sendo, seus espaços de leitura constituem em uma continuação desse pressuposto.

A nós, professores cabem ao papel de ampliar a capacidade de recepção e produção textual dos alunos, priorizando a formação de escritores e leitores competentes, que saibam usar a língua nas diversas situações de interação.

Ver-se, portanto, que a produção de linguagem e comunicação realizada pelos *chatters* nos espaços da *web* usando a tecnologia intelectual escrita, é resultante de uma ação de poder na qual os sujeitos constroem para si e os demais, sistema de significação além do pretendido pela escrita canônica.

Por outro lado, se ver também o sentimento de pertença ao se autorizam os cibernautas, quando estes afirmam que *ae... tc no chat eh d+ ae... m sintu o kra...* Assim, pode-se concluir que a linguagem praticada por todos eles dão um sentimento de liberdade, até porque eles reconhecem o espaço onde atuam como produtores de linguagem. Ao mesmo tempo em que ponderam a respeito da escrita canônica da escola, afirmando que ele é cheia de normas. *1 koisa é skrv pra iskola... outra eh tc n1 chat! Aki eh free + tm regra tbm.* (KrlZon@)

Segundo Lévy, a cibercultura "especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço". (LÉVY, 2000, p.17).

CONSIDERAÇÕES E INCLUSÕES

Nesse trabalho de pesquisa fez-se um esforço no sentido de entender o *modus* de produção de linguagem e sua abrangência dos significados empregados na linguagem realizada pelos cibernautas do Território de Identidade de Irecê – BA, a partir das *lan houses* onde jovens e adolescentes constroem suas redes discursivas, comunicacionais e relações sociais.

Ao longo das observações em ambientes sócio-virtuais, *lan houses* percebeuse que, por meio da linguagem, os cibernautas sujeitos coletivos da linguagem mostram quão amplas e versáteis eram suas atividades na rede.

Pode-se dizer ainda que parte da linguagem produzida pelos sujeitos da pesquisa estava pautada na perspectiva de aplicação dos signos que, individual e coletivamente, eram aceitos no contexto da produção discursiva na rede.

Desse ponto de vista percebeu-se que o *chat* e *weblog*, constituindo-se como tecnologias intelectuais na medida em que auxiliam e interferem na forma de produzir linguagem e sentidos nas redes sociais. Por outro lado, a pesquisa deixou premente quanto os cibernautas são independentes em suas ações comunicativas, isto é, a partir do acesso ao ciberespaço, os participantes da pesquisa demonstraram sua capacidade em perverter a ordem formal da linguagem, vindo assim a contribuir para reflexão de uma nova e instigante maneira de fazer educação linguística na contemporaneidade.

Escrita no chat e weblog: tecnologia intelectual

Não é suficiente conceituar ler e escrever, é fundamental desejar e possibilitar sua realização na web. (BARRETO)⁵⁰.

Para Lévy (1999), a escrita nos nossos meios de tecnológicos e comunicativos contemporâneos encerra em si mesma, o poder de registrar acontecimentos e reorganizar o papel das ciências. Por isso, ele considera que a interpretação dos sentidos encontra seus fundamentos na escrita, porque "o alfabeto e a impressão, aperfeiçoamentos da escrita, desempenharam um papel essencial no

_

⁵⁰Informação verbal do autor.

estabelecimento da ciência como modo de conhecimento dominante". (LÉVY, 1999, p. 87).

Os cibernautas desenvolveram na cibercomunidade instrumentos de significação e símbolos que levaram o homem contemporâneo a questionar a oralidade. Isto é, a comunicação na sociedade era realizada através da oralidade, quando os cidadãos transmitiam seus conhecimentos, mitologias e lendas de "boca a boca". Logo, precisaram de um instrumento que armazenasse física e organicamente as ideias construídas na e pela comunidade.

Com isso, a escrita assume *status* de tecnologias intelectuais. O exemplo disso está à literatura a qual com o domínio das tecnologias, a escrita passou a ocupar lugar significativo na vida social das pessoas. Embora saibamos que nesse período uma parte significativa da população do século XIX, não tinha formação escolástica.

Assim sendo

[...] compreender o lugar fundamental das tecnologias da comunicação e da inteligência na história cultura nos leva a olhar de uma nova maneira a razão, a verdade, e a história, ameaçadas de perder sua preeminência na civilização da televisão e do computador. (LÉVY, 1999, p. 87).

A escrita como tecnologia intelectual e de comunicação no ciberespaço, tornou possível o acesso da massa a conhecimentos que antes eram transmitidos a sociedade por meios de conversas em que as experiências coletivas se mantinham guardadas na memória, formando assim, imagens na ecologia cognitiva do sujeito.

Por isso Lévy afirma que a invenção da escrita está relacionada com a invenção da agricultura.

A escrita foi inventada diversas vezes e separadamente nas grandes civilizações agrícolas da Antiguidade. Reproduz, no domínio da comunicação, a relação com o tempo e o espaço que a agricultura havia introduzido na ordem da subsistência alimentar. O escriba cava sinais na argila de sua tabuinha assim como o trabalhador cava sulcos no barro de seu campo. É a mesma terra, são instrumentos de madeira parecidos, a enxada primitiva e o cálamo distinguindo-se quase que apenas pelo tamanho. [...]. A agricultura, pelo contrário, pressupõe uma organização pensada do tempo delimitado, todo um sistema do atraso, uma especulação sobre as estações. Da mesma forma, a escrita, ao intercalar um intervalo de tempo entre a emissão e a recepção da mensagem, instaura a comunicação diferida, com

todos os riscos de mal-entendidos, de perdas e erros que isto implica. A escrita aposta no tempo. (LÈVY, 1999, p. 98).

De acordo com a ótica do autor, compreende-se que a escrita dialetiza os conhecimentos, pois se transforma à medida que a comunidade lhe concebe funcionalidade. Na história mais recente (século XIX) a escrita transformou-se em tecnologia intelectual e de comunicação avançada.

Com isso foi possível que a população tivesse acesso a informações que traduzia suas classes sociais. Exemplo disso tem-se os folhetins, os quais revolucionaram a atividade literária e escrita na França e, por conseguinte no Brasil romântico.

Associar a escrita à burguesia é, sem dúvida, correr o risco de ser redundante. Por isso, acredita-se que a escrita como todos os instrumentos tecnológicos de comunicação serviu mais diretamente aos ideais dominantes do que às necessidades da massa, uma vez que a escrita e o Estado mantiveram relações íntimas durante a modernidade.

O Estado serviu-se dos princípios orientadores e misteriosos da escrita para manter a ordem de seu discurso sem que houvesse questionamentos lembre-se que a maioria da população ainda não domina a escrita e a leitura. Portanto, absorvem os discursos orais e imagéticos produzidos por aqueles que conhecem o universo da escrita. Por isso, talvez, a televisão ocupe cada vez mais o espaço do livro em nossa sociedade.

Através da escrita, o poder estatal comanda tanto os signos quanto os homens, fixando-os em uma função, designando-os para um território, ordenado-os sobre uma superfície unificada. Através dos anais, arquivos administrativos, leis, regulamentos e contas, o Estado tenta de todas as maneiras congelar, programar, represar ou estocar seu futuro e seu passado. [...]. A escrita permite uma situação prática de comunicação radicalmente nova. Pela primeira vez os discursos podem ser separados das circunstâncias particulares em que foram produzidos. (LÉVY, 2000, p. 89).

Para concluir temporariamente entende-se que a escrita se tornou na sociedade contemporânea mais que instrumento tecnológico é, portanto, tecnologia intelectual social, ideológica que permite, embora de forma unilateral a participação da comunidade no registro de seus feitos.

Ciberfobia virtual: entrave no ensino e aprendizagem de linguagem

O ensino de linguagem na escola deve, sobretudo, atender às novas necessidades dos aprendizes, isto é, os profissionais que atuam na formação linguística e cultural de adolescentes estudantes das escolas públicas do país, estão muito aquém dos desejos dos aprendizes, uma vez que a maioria dos professores reluta em aprender os princípios básicos da linguagem veiculada na internet. Além desse "medo", há problemas de ordem estrutural porque boa parte das cidades e escolas não tem laboratório de informática; aquelas que têm tal ferramenta a subutilizada porque as coordenações escolares ainda não criaram currículos para inserir seus aprendizes ao mundo digital através da escola.

Por outro lado, os púberes já se aventuram pelo mundo word web wide (www) saindo à frente daqueles que, de certo modo deveria lhes orientar na aquisição de conhecimento além livro didático. Com isso, se tem um conflito entre aprendizes que são capazes de encontrar na rede digital uma gama desconexa de informações e apresentá-la como sendo de sua autoria e o professor "analfabeto digital⁵¹" que os aceitam sem condições de questionar este procedimento, uma vez que não sabem "navegar" pelos universos virtuais, onde possivelmente estariam armazenadas tais informações.

A rede mundial é um espaço de consulta e aprendizado à medida que os usuários tenham consciência disso, todavia, o que se ver é exatamente o contrário; trabalhos escolares sendo mal feitos em virtude da ignorância ética da maioria dos consultores das bibliotecas digitais, sites.

Esta discussão seria ponto de vários questionamentos entre os pesquisadores e estudiosos de tecnologia e educação, buscando informar que as tecnologias da informação e comunicação – TICs – precisam ser mais utilizadas pelas instituições educacionais. Entretanto, há o reconhecimento de que existe uma falta de vontade por parte de muitos educadores, sobremodo, daqueles que se foram numa base educacional rígida, isto é, aprenderam que os livros são os meios de acesso à cultura e ao saber, esquecendo, portanto, os avanços das tecnologias nas quais estão mecanismos de armazenamento e circulação de informações em tempo real.

⁵¹ Considera-se aquele que não tem domínio do código escrito e da dinâmica da linguagem proposta pela *web*.

Assim sendo, "a interatividade é, com certeza, a marca semio-dicursiva da e na web, posto que os usuários do meio digital se comunicam a partir das interfaces que compõe o sistema world wide web." (BARRETO; BALDINOTTI, 2005, p. 41). Portanto, é neste sentido que a escola deve criar e promover o chat e weblog como tecnologias intelectuais que levem professores a superação de seus medos⁵² em relação ao uso didático das TICs no sentido de ampliarem suas práticas sociais e comunicativas, visto que na rede digital os discursos são produzidos e colocados à disposição dos interessados.

Isso evidencia a concepção de que nem tudo ali exposto é verdadeiro ou falso, cabendo aqueles que se interessa por qual ou tal informação, decodificá-la e, assim, agregar valores para si mediante as representações que a cultura lhes atribuiu.

Conflitos à parte, esta cada vez mais clara a necessidade do professor se conectar ao mundo digital e, com isso, aprender com os cibernautas que, por conseguinte também são alunos, os mecanismos de linguagem e aprendizagem vigentes na cultura, dessa maneira, dialogar com os novos saberes apresentados pelo mundo e cultura digitais é, sem vaidade, apreender o *modus* como a produção de linguagem acontece nos espaços virtuais, além disso, reconhecer a importância das interações linguísticas, discursivas, sociais, políticas e culturais promovidos pelas tecnologias da informação e comunicação - TICs.

Este sentimento de pertencimento tornar-se-á fato de motivação para a vida coletiva da comunidade escolar onde aluno e professores aprendendo juntos a dominarem as "revoltas ondas digitais", todos vivenciando e experimentando juntos às novas funções do ensino e aprendizagem, bem como discutindo as necessidades individuais e sociais de cada um, seria, sem dúvida a maneira de se superar a ciberfobia do professores. Entretanto, reconhece-se que tal tarefa é quase uma idealização, pois vários elementos culturais, sociais e econômicos depõem contra esse ideal de professor e escola.

É fundamental ressaltar que ao se estabelecer essas relações suscitam-se processos interativos, nos quais

a inteligência ou cognição são resultados de redes complexas onde interage um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos. Não sou "eu" que sou inteligente, mas "eu" com grupo humano do qual sou membro, com minha língua, com toda uma

_

⁵²Cf. a psicanálise, é enfrentado os seus medos que os sujeitos os superam.

herança de métodos e tecnologias intelectuais (dentre as quais, o uso da escrita)". (BARRETO; BALDINOTTI, 2005, p. 22).

Portanto, compreender que *chat* e *weblog* existem possibilidades de ampliar o entendimento de que nos ciberdiscursos na *web* está condições de trabalho de si mesmo enquanto profissional da educação integrado ao mundo dos cibernautas – estudantes, dando lhes oportunidade de ampliarem seus horizontes, visto que assim o professor estará engajado e buscará melhor orientar meios para aquisição dos novos saberes exigidos pelo mundo contemporâneo.

Self e sentimentos no ciberdiscurso

Mesmo quando se deparar com novos signos os cibernautas conseguem expressar reações mentais – gestos e expressões faciais - e físicas – sudorese nas mãos, choro, etc. – à medida que não encontram a palavra certa para expressar seus sentimentos, visto que estes, por sua vez, são intangíveis, inefáveis. Isso se acentua mais ainda quando a conversação é realizada via *chat* e *weblog* e o cibernauta quer se fizer entender e aparecer para sua cibercomunidade.

Durante as observações de pesquisa viu-se que os pesquisados queriam descrever, revelar, compartilhar e até buscar conforto junto àqueles que estavam na conversação. Entretanto, quando não obtinha os retornos necessários, entravam em confronto consigo mesmo, vindo a escrever palavras inadequadas – palavrões – por meio de códigos existentes no sistema de signos criado e convencionalizados pela cibercomunidade.

Ver-se assim que os cibernautas e cibercomunidades fazem da linguagem que lhes seja disponível; se impressionando com os seus desejos e preocupações que cercam a linguagem de maneira individual e coletiva na rede.

Assim sendo, estabelecem as relações entre as linguagens e os ciberespaços imaginados com seus espaços sociodicursivos, nos quais se evidencia que a "a língua poderia ajudar a moldar a identidade coletiva. Mas também poderia atuar como a parteira da identidade individual, a viga mestra da autobiografia." (BURKE, 1993, p. 27).

Ainda assim, os cibernautas em estudos expressam seus *selfs* por meio de uma linguagem especialmente cifrada, cujas palavras e signos imagéticos rotulados

à sua maneira e à maneira da cibercomunidade. Dessa maneira, os cibernautas constituem seus mundos à medida que as coisas andam com as palavras, o significado com os produtores de significados. (BURKE, 1993, p. 27).

Chat e weblog: o novo mundo de signos

Compreendeu-se ao longo das observações de pesquisa e o diálogo com teóricos e estudiosos da linguagem e das tecnologias intelectuais e os depoimentos dos internautas, tanto na perspectiva linguística quanto na filosófica da linguagem que no ciberespaço *chat* e *weblog*, novos signos estão sendo usados pelos cibernautas, produtores de discursos nas cibercomunidades, nos quais os sentidos fazem da *web* um lócus de comunicação amplo, no qual ocorrem os mais variados tipos de relacionamentos.

Assim, reconhece-se ainda que essas questões perpassem e ocupam a vida das pessoas que usam o *chat* e *weblog* hoje: crianças, adolescentes, adultos e idosos como comunidade multilinguagem com a expectativa de conceber a vitalidade para a língua(gem) até então cristalizada nas regras formais da escrita.

Essa comunidade, onde iguais e diferentes falantes e intérpretes, comunicamse a significação de suas expressões dialetais diversificadas por meio da palavra escrita na virtualidade do ciberdiscurso, fornece possibilidades de criação e interpretação de novos signos na rede.

Com isso, há justaposição da inovação discursiva, linguística e semântica com a tradição da escrita, a qual é fixada e determinada a meios específicos da comunicação, isto é, à redação oficial cuja racionalidade é marcada devido ao cumprimento da regra.

Não obstante aos caprichos dos estudiosos ortodoxos da língua (gramáticos que defendem o purismo da língua (escrita) e que considera o ethos linguístico do ciberespaço como interferência negativa na produção culta, uma vez que já temos muitos problemas no uso da língua padrão. Por isso, talvez, é que a produção linguística dos cibernautas é vista como transgressoras, até porque não se conseguiu ainda interagir ao nível comunicativo deles. Tal fato nos tira a 'autoridade' que antes detínhamos ao promover a língua no variante padrão (escrita literária) à condição de mestra da boa comunicação e, sobretudo, instrumento de erudição.

Weblog como sítio de produção de linguagem escrita

À luz a discussão de que o *weblog* é um espaço de comunicação via escrita, bem como *locus* de reconhecimento de que há a possibilidade de se permitir a ascensão do *modus* de produção de linguagem daqueles que o acessa como meio de trocas simbólicas e culturais.

Desse pressuposto, pensa-se que as contribuições que o *weblog* oferece são autorizar aos blogueiros a produção de textos nos quais se trocam de maneira contínua informações, sentimentos, contribuindo assim com o processo de letramento dos cibernautas, sobremodo do público infanto-juvenil, frequentadores habituais do ciberespaço.

Nesse sentido, é relevante refletir quais são as razões que levam a escola a não reconhecer ainda a produção escrita realizada no *weblog* como ação linguístico-discursiva, posto que, na contemporaneidade surgem novos heteros⁵³ (*chat*, *weblog*, educação à distância, MST) os quais emergem da convergência de novas formas de se reconhecer a formação de sujeitos contemporâneos a partir do ideal de que tais indivíduos devem ser produtivos e participativos na sociedade atual.

A esse respeito se faz interlocução com Soares (2000), uma vez que esta pesquisadora nos conduz à compreensão do conceito de letramento, afirmando que tal questão vai além da decodificação de sentenças formuladas em língua materna. Assim sendo, o ato de letrar se torna a possibilidade de levar o sujeito da linguagem ao mundo da escrita, a qual se dá pela aprendizagem de toda a complexa tecnologia envolvida no aprendizado do ato de ler e escrever.

Deste modo para entrar nesse universo de produção de escrita e de leitura é fundamental apropriarem-se do hábito de buscar informações no hipertexto da *web* e, com isso, fazem-se deslocamentos severos dos papéis tanto de quem escreve quanto de quem ler no ciberespaço.

Nesse *mister*, evidenciam-se ainda as funções até então exercidas pela escola enquanto espaço de formação de sujeitos na sociedade dos signos, letrada. Importa dizer aqui, ainda, que sob o auxílio do computador ligado à internet, a ação de letramento ocorre de maneira singular, isto é, distancia-se assim, daquela

_

⁵³ Aplica-se aqui tal termo na perspectiva de que com a popularização da Internet surgiram novas elementos de comunicação com os quais se rompe com o pensamento homogêneo até existente, sobretudo, no campo da educação e do fazer lingüístico comunicativo.

concepção de que somente o alfabetizado é capaz de comunicar-se usando a tecnologia intelectual escrita.

Para Lévy (2000), a dimensão da comunicação via escrita no ciberespaço é perpassada pelos signos que formam o ciberespaço como um hipertexto, posto que:

O espaço cibernético é a instauração de uma rede de todas as memórias informatizadas [...] A dimensão da comunicação e da informação, então está se transformando numa esfera informatizada. O interesse é pensar qual o significado cultural disso. Com o espaço cibernético, temos uma ferramenta de comunicação muito diferente da mídia clássica, porque é nesse espaço que todas as mensagens se tornam interativas, ganham uma plasticidade e têm uma possibilidade de metamorfose imediata. E aí, a partir do momento em que se tem o acesso a isso, cada pessoa pode se tornar uma emissora, o que obviamente não é o caso de uma mídia como a imprensa ou a televisão. (LÈVY, 2000, p. 13).

Neste ponto de vista, tem-se a presença da virtualização da sociedade contemporânea, referendada pela virtualização do saberes possibilitados pela internet, visto que a linguagem, a técnica e as relações sociais, são postos em destaque a partir dos novos papéis atribuídos à escrita enquanto tecnologia intelectual.

Nessa perspectiva, Lévy (2000) pondera que, o surgimento da escrita abrevia nossa capacidade de nos comunicarmos de maneiras variadas, por meio de textos escritos de e com formatos diferenciados, visto que os autores – blogueiros – passaram a usar o espaço cibernético como possibilidade de superação dos anacronismos do conceito e alfabetização e letramento proposto pela cultura escolástica até então vigentes no meio educacional brasileiro. Isso certamente ocorre porque eles – cibernautas, blogueiros – aprendem o código e a mecânica, do weblog mesmo sem terem sido alfabetizados ciberneticamente; até porque a escola ainda pensa e atua de forma antinômica no que se refere à produção de escrita e a realização de leitura no ciberespaço.

No plano de reconhecimento de que a escrita tem sido perpassada por novos sistemas sígnicos, Lévy nos provoca:

Com a escrita, e mais ainda com o alfabeto e a imprensa, os modos de conhecimento teóricos hermenêuticos passaram, portanto, a prevalecer sobre os saberes narrativos e rituais das sociedades orais. A exigência de uma verdade universal, objetiva e crítica só pôde se impor numa ecologia cognitiva largamente estruturada pela

escrita, ou, mais exatamente, pela escrita sobre suporte estático. (LÈVY, 1996, p. 38).

Esta corrente leva-nos à inferência de que a força do pensamento de Lévy está na perspectiva de que a comunicação escrita e as leituras realizadas por meio da *weblog*, não se limitam ao reconhecimento da escrita como prática de alfabetização, tampouco da leitura como mero ato de letramento. Isso ocorre porque há o estabelecimento de novos paradigmas linguísticos na concepção de linguagem e de construção de conhecimento bastante diferente da tradicional, situada na historicidade do sujeito e da linguagem.

Desse modo, a relação do sujeito com a "escrita de suporte estático" é subvertida em virtude da criatividade com a qual os "blogueiros" fazem funcionar a linguagem e as ações linguístico-discursivas que constituem e constroem os sujeitos dos enunciados, bem como provocam e solicitam praticas pedagógicas que

Antes de ser para a comunicação, a linguagem é para a elaboração; e antes de ser mensagem, a linguagem é construção do pensamento; e antes de ser veículo de sentimentos, idéias, emoções, aspirações, a linguagem é um processo criador em que organizamos a informamos nossas idéias. (FRANCHI, 1977, p. 25).

Disto, certamente, transcorre que a criatividade não está apenas no estilo de comunicação escrita que é realizada no *weblog*, sobretudo, porque há uma individuação no uso da escrita e das ações linguísticas nas quais se estabelecem a subjetividade como "ações de linguagem" que se tornam recursos expressivos no ato de produzir escrita e leitura no ciberespaço.

A ação de produzir discursos e linguagem escrita no *weblog* leva o blogueiro, produtor de comunicação escrita a reconhecer que

Na verdade é somente na tela, ou em outros dispositivos interativos, que o leitor encontra a nova plasticidade do texto ou da imagem, uma vez que, como já disse, texto em papel (ou filme em película) forçosamente já está realizado por completo. A tela informática é uma nova "maquina de ler" e escrever (grifo meu), o lugar onde uma reserva de informação possível vem se realizar por seleção, aqui e agora, para um leitor particular. Toda leitura em computador é uma edição, uma montagem singular. (LÉVY, 1996, p. 41)

Assim, infere-se que há nesse espaço de produção de linguagem o os efetivos da escrita a qual surge como uma ação mediada pelo computador, o qual é tido juntamente com a internet como recursos tecnológicos facilitadores da movimentação do blogueiro enquanto sujeito da linguagem escrita e da leitura veiculadas na blogosfera.

Reconhece-se que, em virtude da realidade contemporânea na qual a internet promove a cibercultura da sociedade, o weblog é, sem dúvida, espaço de produção de escrita e leitura da realidade social, bem como meio de compreensão das redes sociais, políticas e culturais ampliadas continuadamente no ciberespaco. Logo, o weblog é um novo "hetero" a ser explorada pela escola.

Espera-se que nesse processo, os professores de língua portuguesa atuantes na sala de aula, possa utilizar o weblog como ferramenta de produção criativa de saberes, onde o ato de escrita seja reconhecido como ato inventivo da sociedade contemporânea.

Weblog: a nova integração sócio-digital

Diz-se que na contemporaneidade se encontram categorias que a define como um momento em que a sociedade passa a viver em rede e como tal tem problemas no sentido de que ao mesmo tempo em que agrega, produz segregações sérias. Não poderia ser diferente visto que vivemos no mundo redigido pelo capitalismo, o qual se reconstituindo mais uma vez, globaliza-se por meio de neoliberalismos.

Considera-se ainda nesse contexto, a contemporaneidade é perpassada pelos avanços científicos e tecnológicos aos quais se associam as instituições estatais. Assim sendo, compreende-se que o modo de vida e ação individual e

social. Muitos blogs estão densamente interconectados; bloqueiros lêem os blogs uns dos outros, criam enlaces para os mesmos, referem-se a eles na sua própria escrita, e postam comentários nos blogs uns dos outros. Por causa disso, os blogs interconectados criaram sua própria cultura. Outros termos em uso incluem "Blogtopia", "Bloguespaço", "Bloguiverso", "Blogsilvânia" e "Bloguistão".O termo "blogosfera" pode ser qualificado. Pode-se falar da "blogosfera lusófona", da "blogosfera de esquerda" etc. O conceito de blogosfera é importante para a compreensão dos blogs. Os blogs eles mesmos são, essencialmente, apenas o texto publicado dos pensamentos de um autor, enquanto a blogosfera é um fenômeno social. http://pt.wikipedia.org/wiki/Blogosfera, em acesso julho de 2009.

é o termo coletivo que compreende todos os weblogs (ou blogs) como uma comunidade ou rede

coletiva suportadas pela internet asseguraria uma integração social dos indivíduos perdidos na "sociedade dos fluxos" (Lévy, 2001). Nessa perspectiva se concentram questões relativas à massificação do uso do *weblog* como ferramenta de integração sócio-digital. Entretanto, reconhece-se que para isso ocorrer tem havido uma tensão contínua de forças, essa mobilização política aconteceu nas lacunas do sistema, posto que a ideia inicial de informatização do Estado a qual levasse a crer que todos teriam acesso à rede mundial de computadores a partir das instituições públicas, sobretudo, da escola não aconteceu conforme o planejado.

Por ter sido uma ordem desejada pelo próprio povo e legitimada pelo livre estabelecimento da vontade desse mesmo povo (Habermas, 2006), ocorre que, essa lacuna tem sido preenchida pela iniciativa privada a qual oferece por meio de *lan houses* possibilidades de acesso ao ciberespaço, possibilitando ao outro, integração sócio-digital por meio da iniciativa privada.

Nesse sentido, segundo Lévy (2001) essas questões são fruto de uma sociedade, na qual os cidadãos se tornaram consumidores pressionando os serviços públicos na oferta de condições e acessibilidade aos bens simbólicos, presentes e disponíveis no ciberespaço. Porém, não sendo atendidos em suas reivindicações, abriram-se lacunas para que as empresas implantassem políticas privadas, oferecendo um serviço que deveria ser do Estado.

A pressão dos consumidores, assim como a lógica profunda do marketing, fará progressivamente dessas imensas corporações "serviços públicos" planetários. Essas empresas deverão seguir o movimento da sociedade enquanto elas o conduzirem, senão elas serão abandonadas pelos consumidores cada vez mais em função das alternativas possíveis, principalmente graças à Web. (LÉVY, 2001, p. 25).

Esse processo nos transporta à inferência de que nesses espaços surge uma possibilidade de se construir e exercer a cidadania em amplo sentido por meio da integração sócio-digital potencializada pela *web*, os cidadãos declaram e assumem em tempo real suas identidades através da participação e uso efetivo dos significados e sentimentos de pertença á comunidade de onde se manifesta através do weblog.

Assim aparece a tensão entre ação de grupos individuais que, percebendo a ausência do Estado, na constituição de políticas públicas que os reconhecem com instâncias capazes de se auto-afirmarem. Isso ocorre em virtude de os avanços tecnológicos costumam gerar novos tipos de armas, mas a conquista de inovações consistentes no poder de fogo também exige inovações organizacionais e doutrinárias. (RONDOFELDT, 2003).

Com isso, entra em confronto liberdade e soberania, sendo que, de um lado liberdade constitui-se na rede como possibilidade de se colocar no âmbito da coletividade as lacunas existentes nos programas e políticas sociais do Estado. Por outro, soberania é tomada pelo Estado a partir da ideia de que aplicação de dispositivos para regulamentar as ações do cidadão. Isso ocorre a partir da implantação de políticas públicas.

Nesse sentido, a inclusão sociodigital do outro, por meio da participação na sociedade dos fluxos, caracterizada pela liberdade de ação, sendo a liberdade pautada pela auto-afirmação por meio de práticas sociais e discursivas nas quais se reconhece o conceito de liberdade coletiva por meio de atos individuais dos grupos que reclamam para si a "liberdade privada", busca-se através do ciberespaço a autonomia política, economia, social e educativa até então negada pelo Estado. "(...) a liberdade das pessoas em particular, que se afastam umas das outras e concorrem entre si, ou então segundo o modelo da autodeterminação cooperativa dos cidadãos autônomos do Estado. (HABERMAS, 2006, p. 136).

Em verdade, os cibernautas sujeitos dessa pesquisa afirmaram que suas participações no "mundo da vida" e da cultura simbólicas só foram possíveis, graças às possibilidades ofertadas pelas tecnologias intelectuais *chat* e *weblog*, uma vez que foi via internet que tiveram oportunidade de, na ação comunicativa, construir perfis e ações discursivas que permitiram suas entradas nas cibercomunidades e nas redes sociais, onde todos que pratica e socializam informações são aceitos sem "preconceitos" até mesmo porque para serem aceitos nesse contexto é preciso já ter domínio do *modus* de produção de linguagem corrente na cibercomunidade.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo: José Olimpio, 1982.

ALVES, P. Campos; BRITO, P. Q. O futuro da Internet: estado da arte e tendências. Lisboa: Centro, Atlântico, 1999.

ALVES, Rubem. Entre a ciência e a sapiência. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. 14. Ed. São Paulo: Papirus, 1995.

_____. Pesquisa em educação: abordagem qualitativas. São Paulo: EPEU, 1986.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, SP, n.19, p. 25-42, jul/dez, 1990.

ARAUJO, Júlio César. "pra tc c a galera vc tem q abreviar muito": o internetês e as novas relações com a escrita. In. DIEB, Messias. *Relações e saberes na escola:* os sentidos do aprender e do ensinar. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. pp. 119-137.

ARENDT, Hannah. A condição humana. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000.

AZEREDO, José Carlos de. (Org.) *Língua portuguesa em debate.* Petrópolis: Vozes, 2000.

BABIN, Pierre; KOULOUMDJAIN, Marie France. Os novos modos de compreender – a geração do audivisual e do computador. Trad. Maria Cecília Oliveira Marques. São Paulo: Papirus, 1989.

BAGNO, Marcos. *Português brasileiro?* 4. ed. São Paulo: Parábola Editoral, 2004.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem:* problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1996. 196p. Traduzido do francês. (Linguagem). Publicado por Volochinov, 1929.

O freudismo.	São Paulo:	Perspectiva.	2001
• 1100001110.	ouo i uuio.	i ciopcoliva,	2001

Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
BARBERO, Jesús Martín. <i>Dos meios às mediações:</i> comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
BARRETO, R. P.; BALDINOTTI, S. Ciberdiscurso e interculturalidade na web. Tangará da Serra, MT: Sanches, 2005.
BARRETO, Raquel Goulart. Tecnologias na formação de professores: o discurso do MEC. Educação e Pesquisa : Revista da Faculdade de Educação da USP, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 271-286, 2003. Semestral. Disponível em: http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/s.jsp?iCve=29829206 >. Acesso em: 15 jul. 2007.
, (org.). Tecnologias Educacionais e Educação a Distância : avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2001. p. 105 a 119.
BARTHES, Roland. <i>Aula.</i> Tradução de Leyla Perrone–Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.
BAUMAN, Zygmunt. <i>Globalização:</i> as conseqüências humanas. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
<i>Identidade:</i> entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.
<i>Modernidade líquida</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.
BECKER, Fernando. Epistemologia do professor. Petrópolis: Vozes, 1993.
BENVENISTE, Émile. <i>O vocabulário das Instituições Indo-Européias</i> . São Paulo: Editora da Unicamp, 1995. Vol.I.
BERNSTEIN, Basil. Class, codes and control. London: Paladin, 1971.

BETTETINI, G. Las nuevas tecnologías de la comunicación. Barcelona, Paidos, 1995.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S.K. Investigação qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto, 1994. BONILLA, Maria Helena Silveira. Escola Aprendente: para além da sociedade da informação. Rio de Janeiro: Quartet, 2005. Disponível Educação Inclusão Digital. e em: http://twiki.im.ufba.br/pub/Inclusao/Documentos/bonilla- educacaoeinclusaodigital.rtf>. Acesso em: 15 jul. 2007. BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1997. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Saber e ensinar. 3. ed. Campinas: Papirus, 1986. BRASIL. Ministério da Educação. *Mediatamente! Televisão, cultura e educação.* Brasília, DF: SEED, 1999. BRÉAL, M. Ensaio de semântica. Campinas: Pontes, 1992. BURKER, Peter; PORTER, Roy. Línguas e jargões: contribuições para uma história social da linguagem. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. ____. História social da linguagem. São Paulo: Editora da Unesp, 1997. . Linguagem, indivíduo e sociedade: história social da linguagem. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & lingüística. São Paulo: Scipione, 2002.

CANCLINI, Nestor Garcia. Ni folklorico ni massivo: ¿que es lo popular? Revista Dialogos (de la comunicacion), Lima, Peru, p., nº. 17, junio de 1987.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. 11. ed. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. O Poder da Identidade. SP: Paz e Terra, 2000.

_____. A Sociedade em Rede. SP: Paz e Terra, 1999.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino de português*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. v. 1.

CASTORINA, José A. *Dialética e psicologia do desenvolvimento:* o pensamento de Piaget e Vygotsky. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna*: introdução às teorias do contemporâneo. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1993.

COSERIU, Eugenio. *O homem e a sua linguagem*. Rio de Janeiro: presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

CUNHA, José Edmilson. *Formação Continuada de Professores*: Tendências e Perspectiva da Formação Docente no Brasil. Disponível em: < http://mail.falnatal.com.br:8080/revista_nova/a3_v3/artigo_10.pdf.

DACANAL, José Hildebrando. *Linguagem, poder e ensino de língua*. Porto Alegre: WS Editor, 2006.

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

DIAS-LYSARDO, Dylia. As contribuições das ferramentas teóricas da Análise do Discurso no ensino de Línguas. In. FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bôsco Cabral dos (org.) Percursos da Analise do Discurso no Brasil.São Carlos: Claraluz, 2007. pp.207-214.

DOMINGUES, Diana. *Arte e vida no século XXI*: tecnologia, ciência e criatividade. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987. Revisão técnica da tradução de Eduardo Guimarães.

ESTEBAN, Teresa Maria. (Org.) *Avaliação:* uma prática em busca de novos desafios. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto. *A formação humana do profissional da educação na contemporaneidade:* uma análise ético-política. Curitiba: UTP, 2004

FIGUEREDO, José Carlos. *Comunicação sem fronteiras:* da pré-história à era da informação. São Paulo: Editora Gente, 1999.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 11. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FRAGA, D. Competências transdisciplinares na educação lingüística em ambiente informatizado. 2004. Projeto de pesquisa aprovado pela Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação da Unisinos, (2004-2006), 2004.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de Ler. São Paulo: Ática, 1999.

GASKEL, George. Entrevistas individuais e grupais. In.: BAUER, Martin W.; GASKEL, G. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:* um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guaresschi. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GATTI, Bernadete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Tradução de Raul Feder. São Paulo: UNESP, 1991.

GIROUX, H. A. Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Tradução de D. Bueno. Porto Alegre: ArtMed, 1997.

GOUVÊA, Guaracira. *Educação a distancia na formação de professores*: viabilidades e limites. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.

GUARESCHI, A. Pedrinho. *Comunicação e controle social.* 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUATTARI, F. As três ecologias. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 1993.

HABERMAS, Jürgen. Técnica e ciência como ideologia. Lisboa: Edições 70, 2006.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

IANNI, Octavio. *A sociedade global*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

JAMESON, F. *Pós-modernidade:* a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 2004.

KANT, Immanuel. Crítica da razão pura. São Paulo: Martin Claret, 2003.

KATO, Mary A. No mundo da escrita. São Paulo: Ática, 1990.

KENSKI, Vani M. Múltiplas linguagens na escola. In: CANDAU, Vera M. (Org.) Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KERCKHOVE, Derrick de. A arquitetura da inteligência: interface do corpo, da mente e do mundo. In. DOMINGUES, Diana. *Arte e vida no século XXI*: tecnologia, ciência e criatividade. São Paulo: Editora Unesp, 2003, p.15.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LAURIA, Maria P. Parisi. Linguagens, códigos e suas tecnologias. In.: BRASIL. Ministério da Educação. *PCNS - Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília, MEC, 2002.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo: <i>Olhares sobre a cibercultura</i> . Porto Alegre: Sulina, 2003.
LÉVY, Pierre. <i>As tecnologias da inteligência</i> . Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed 34, 1993.
O que é virtual. São Paulo: Ed. 34, 1996.
Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
LEVY, Pierre. As tecnologias da Inteligência – o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: 1993. Ed. 34.
LIMA JR, A. S.; HETKOWSKI, T. M. <i>Educação e contemporaneidade</i> . Salvador: EDFBA, 2006a.
LIMA JR, Arnauld Soares de; HETKOWSKI, Tânia Maria. Educação e contemporaneidade: por uma abordagem histórico-antropologica da tecnologia e da práxis humana como fundamentos dos processos formativos e educacionais. In.: Educação e contemporaneidade. Salvador: Quartet, 2006b.
LOJKINE, Jean. <i>A revolução informacional. Tradução de</i> José Paulo Netto. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
LONGO, Leila. Linguagem e psicanálise. São Paulo: Zahar, 2006.
LYONS, J. Linguagem e lingüística: uma introdução. São Paulo: LTC, 1981.
LYOTARD, Jean-Fraçois. <i>A condição pós-moderna</i> . 10.ed. Rio de Janeiro: José Olimpio, 2008.
MACEDO, Roberto Sidney. <i>Métodos em etnopesquisa</i> : a etnopesquisa crítica e multirreferencial. Salvador: UFBA, 2000.
A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

MAFFESOLI, Michel. <i>Sobre o nomadismo</i> : vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.
<i>A contemplação do mundo</i> . Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: 2004.
MAGALHÃES, Ligia Karam Corrêa de. Programa TV Escola: o dito e o visto. In: BARRETO, Raquel Goulart (org.). <i>Tecnologias Educacionais e Educação a Distância</i> : avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2001. p. 105 a 119.
MARCONDES, Beatriz; et. al. <i>Como usar outras linguagens na sala de aula.</i> 4. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
MARCUSCHI, Luiz Antônio. Análise da conversação. São Paulo: Ática, 2001.
Linearização, cognição e referencia: o desafio do hipertexto. In: <i>Línguas e instrumentos lingüísticos</i> . 3. ed. Campinas: Pontes, 1999.
MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). <i>Hipertexto e gêneros digitais</i> : novas formas de construção do sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
MARQUES, Mário Osório. <i>A escola no computador</i> : linguagens rearticuladas, educação outra. Ijuí: Ed. Ijuí, 2003.
MARX, K. Manifesto comunista. São Paulo: Brasiliense, 1998.
MORAN, José Manoel; MASETTO, Marcos T; BEHRENS, Marilda Aparecida. <i>Novas tecnologias e mediação pedagógica</i> . 7ª edição. Campinas, SP: Papirus, 2003.
MATTELART, A. Comunicação-mundo história das idéias e das estratégias. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1994.
<i>Historia da sociedade da informação</i> . Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MOLES, Abraham. *Rumos de uma cultura tecnológica*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

MORAES, M. C. *Informática educativa*: dimensões e propriedade pedagógica. Maceió: [S. n], 1993.

MORAN, José Manuel. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 14. ed. São Paulo: Papirus, 2008.

MORELLO, Rosângela (Org). *Materialidade do espaço*. Campinas: Editora da Unicamp, Labeurb, 2004.

MOSSETO, Marcos T. Docência na universidade. 6. ed. Campinas: Papirus, 1998

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.) *Ethos dicursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

NASCIMENTO, Dias Antônio; HETKOWSKI, Tânia Maria. *Educação e contemporaneidade:* pesquisa científica e tecnológicas. Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVEIRA, José Márcio Augusto. *Escrevendo com o computador na sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2006.

OLIVEIRA, Maria Olívia Matos de. Globalização, tecnologia e os pressupostos da aprendizagem on-line. In: OLIVEIRA, Maria Olívia Matos de; ORNELLAS, Maria de Lourdes S. (Org). *Educação, tecnologias e representações sociais*. Salvador: Quarteto, 2007.

ORLANDI, Eni. Puccinelli. *Análise de discurso*: princípios & procedimentos. 5. ed. São Paulo: Pontes, 2003

PAIVA, Cláudio Cardoso de. Elementos para uma epistemologia da cultura midiática. Revista do programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba: culturas midiáticas. João Pessoa, ano I, n.1, p., jul.- dez. 2008.

PELLANDA, Nize Maria Campos; PELLANDA, Eduardo Campos. (org.) Ciberespaço: um hipetexto com Pierre Lévy. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 2000.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. (Org.). *Papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PRETTI, Dino. Sociolingüística: os níveis de fala. São Paulo: Edusp, 2003.

POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

PASSOS, Mª Sigmar Coutinho. *Navegar é impreciso: considerações e contribuições para a formação de professores*. Revista FAEEBA, Salvador, v. 12, n. 20, p. 343-351, 2003.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. *A pesquisa e a construção do conhecimento científico:* Do planejamento aos textos, da escola à academia. 3 ed., São Paulo: Rêspel, 2007.

PRETTO, Nelson de Luca (Org.). *Globalização e Educação*: mercado de trabalho, tecnologias da comunicação, educação a distância e sociedade planetária. Ijui/RS: UNIJUI, 1999.

PRETO, Nelson de Luca. *Uma escola com/ sem futuro*. Campinas SP: Papirus, 1996.

______, Desafios para a educação na era da Informação: o presencial, a distância e o de sempre. In: BARRETO, Raquel Goulart (Org.). *Tecnologias Educacionais e Educação a Distância*: avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2001, p. 29-53.

PROINFO: Informática e formação de professores. Brasília: Ministério da Educação, SEED, v. 1, 2000.

PROINFO: Informática e formação de professores. Brasília: Ministério da Educação, SEED, v. 2, 2000.

PROINFO: Informática e formação de professores. Brasília: Ministério da Educação, SEED, v., 2000.

RAMAL, A. C. *Educação na cibercultura*: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002

RECH, J. *Ciberespaço:* um ambiente de significações da consciência. São Leopoldo, RS, 2001. Dissertação de mestrado - Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

RECUERO, Raquel. Mapeando redes sociais na internet através da conversação mediada pelo computador. In.: NASCIMENTO, Dias Antônio; HETKOWSKI, Tânia Maria. *Educação e contemporaneidade:* pesquisa científica e tecnológicas. Salvador: EDUFBA, 2009. p 253-277.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Nós, desconhecidos, na grande rede. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v.5, p. 71-91, 2004.

ROUANET, Sérgio Paulo. A coruja e o sambódromo. In.: _____. *Mal-estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SADEK, José Roberto. Educação, Movimento e escolha. In.: BRASIL. Ministério da Educação. *Mediatamente! Televisão, cultura e educação.* Brasília, DF: SEED, 1999.

SAMPAIO, Marisa Narcizo; LEITE, Lígia Silva. *Alfabetização tecnológica do professor*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. *Matrizes da linguagem e pensamento*: sonora, visual, verbal. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANTOS, B. S. *As tensões da modernidade*: antroposmoderno. Disponível em: http://antroposmoderno.com/textos/astensoes.shtml. Acesso em: maio 2004.

_____. *Pela mão de Alice*: o social e o político na pós-modernidade. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SCHAFF, Adam. *A sociedade informática*: as conseqüências sociais da segunda revolução industrial. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SILVA, Ezequiel da Silva. *A leitura nos oceanos da internet.* 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Lidia J. O. L. da. *Globalização das redes de comunicação, uma reflexão sobre as* implicações cognitivas e sociais. Disponível em: http://www.saladeaulainterativa.pro.br/tecnologias_digitais.htm. > Acesso em: 25 mar. 2009.

SILVA, Marcos. *Interatividade na sala de aula*. 2009. Disponivel em: http://www.saladeaulainterativa.pro.br/tecnologias_digitais.htm. Acesso em: 25 mar. 2009.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n.81, p. 143-160, dez. 2002.

SOUZA, Carlos Henrique de. *Comunicação, educação e novas tecnologias*. Campos dos Goytacazes: FAFIC, 2003.

SUASSUNA, Lívia. *Ensino de língua portuguesa*: uma abordagem pragmática. 5. ed. São Paulo: Papirus, 1995, p. 39.

TILBURG, João Luís Van. *A televisão e o mundo do trabalho:* o poder de barganha do cidadão-telespectador. São Paulo: Paulinas, 1990.

TODOROV, Tzvetan. Os gêneros do discurso. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

VAN DIJK, T. A. Racismo mediatizado. El papel de los medios de comunicacíon en la reproduccíon del racismo. In: _____. Racismo y análisis crítico de los medios. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1997.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo, Martins, 1989.

WEISS, Alba Maria Lemme. *A informática e os problemas escolares de aprendizagem.* 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

WERNECK, Hamilton. *Como encantar alunos da matrícula ao diploma*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana (Org.). *Conversas com lingüistas*: virtudes e controvérsias da linguística. Rio de Janeiro: Parábola, 2005.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. *Metodologia científica*: a construção do conhecimento. 6. ed. Revisada (conforme NBR 14724; 2002). – Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

Anexos

Anexos

Documentos com relação de *lan houses* cadastradas em Irecê e, em seqüência, fotos de *lan houses* não cadastradas, mas que serviram de *lócus* da pesquisa

Fontfo

Prefeitura Municipal de Irecê Praça Teotônio Marques D. Filho, 01 – tel (074) 641-5477 Secretaria de Administração e Fazenda Departamento de Administração Tributária

Conforme solicitado, segue relação de Empresas cadastradas neste municipio com atividade de Lan House.

NOME	ENDEREÇO	BAIRRO
Big Game Cyber Virtual Game All Star Lan House Airton Senna Lan House Cyber Spice Game Lan House Inter Show Lan House Santana Lan House Master Net Mega Video Lan House New Game Space Game Speed	Rua Prof ^o Joel Americano Lopes, s/n Rua Prof ^o Joel Americano Lopes, 436 Rua José Alves de Andrade, 552 Pça. Airton Senna, 241 Pça. Airton Senna, 146 Rua Prof ^o Joel A. Lopes, 1014 Rua José Alves de Andrade, 170 Pça. Francisco M. Dourado, 12 Rua Cel. Terêncio Dourado, 176 Av. Tertuliano Cambuí, 83 Rua Prof ^o Joel A. Lopes, 1284	centro
Lan House Net Work	Rua Profo Joel A. Lopes, 324	centro
Mundo Virtual	Av. Guararapes, 235	Lagoa de Tió
Widildo Viituai	Rua José Tiburcio, 24A	Lot. Arnóbio Batista

Irecê-BA, 30 novembro de 2009.

Diretora de Divisão de Fiscalização Tributária Decreto nº 49/2009 Prefeitura Municipal de Irecê Fonte: Secretaria de finanças de Irecê-BA



Foto 1: Robério Pereira Barreto



Foto: Robério Pereira Barreto



Foto 2:Robério Pereira Barreto



Foto 3: Lan housee em Ibipeba – BA. Autor: Robério Pereira Barreto



Foto 4: Lan house em Barra do Mendes-BA autor: Robério Pereira Barreto



Foto 5: Foto em Ibititá – BA Robério Pereira Barreto



Foto 6: Lan house Irecê – BA autor: Robério Pereira Barreto

NOTA SOBRE O AUTOR

Robério Pereira Barreto - Licenciatura plena em Letras: Língua Inglesa e Portuguesa e respectivas literaturas (2000) pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Especialização em Ensino de língua estrangeira (2001) e graduação em Letras Espanhol e literaturas hispano-americanas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2003). Mestrando em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Atualmente, professor da Universidade do Estado da Bahia, Campus XVI. Tem experiência na área de Linguagens e ensino, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: ciberlinguagem e educação, linguagem e hipermídia, cultura, ensino-aprendizagem e pesquisa atualmente em nível de mestrado as tecnologias intelectuais: *chat* como espaço da fala escrita - Linguagem especial – e está construindo como projeto para doutoramento a questão das Políticas Públicas e Inclusão Sociodigital: *weblog* como espaço de socialização.

BARRETO, Robério Pereira. *Tecnologias intelectuais chat e weblog: modus de produção de linguagem na web.* 2009. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado Bahia (UNEB), Salvador.

Autorizo a reprodução (parcial ou total) deste trabalho para fins de comutação bibliográfica.

Salvador 12 de fevereiro de 2010.

Robério Pereira Barreto